

Os Números

**Como ter CERTEZA de que Jesus retornará em
2030**

C. Luke Humphreys

Um volume complementar a "Ensinando História Antes Que
Ela Aconteça"

2026

Índice

Como Ler Este Livro	3
A resposta em uma página	4
PARTE I — REGRAS BÁSICAS	5
Capítulo 1 — As Regras da Contagem	5
Capítulo 2 — Qual calendário e por quê	8
Capítulo 3 — O que conta como evidência	11
PARTE II — AS DUAS FRASES	15
Capítulo 4 — Ezequiel 4: Duas Prisões, Duas Sentenças	15
Capítulo 5 — Levítico 26: Multiplicado por Sete	18
Capítulo 6 — O Relógio de Israel	26
Capítulo 7 — O Relógio de Judá	29
PARTE III — AS SETENTA SEMANAS	35
Capítulo 8 — As Setenta Semanas de Daniel	35
PARTE IV — CONVERGÊNCIA	47
Capítulo 9 — Quatro Relógios, Um Ano	47
Capítulo 10 — Páscoa de 2030: A Data de Expiração	52
PARTE V — DO ANO ATÉ HOJE	55
Capítulo 11 — Os Cinco Meses	55
Capítulo 12 — 1290 · 1260 · 1250 · 1335	59
Capítulo 13 — A Sequência do Banquete	63
Capítulo 14 — Onde os Dois Calendários Concordam	66
PARTE VI — ADVERSÁRIO	69
Capítulo 15 — As Objeções Mais Fortes	69
Apêndices	75
Apêndice A — Cronograma Geral	75
Apêndice B — Todos os cálculos, reproduzíveis	78
Apêndice C — O Dia Conta	79
Apêndice D — Calendário de Festas 2025–2030, ambas as contagens	80

Apêndice E — Cronologia Notas	81
-------------------------------------	----

Como ler este livro

Não acredite em mim.

Isso não é modéstia. É o método. Este livro faz uma afirmação específica sobre um ano específico, e a única maneira honesta de fazer uma afirmação como essa é fornecer as ferramentas para que você a verifique e, em seguida, deixar que você a verifique.

Então, eis o que fiz. Cada número neste livro foi recalculado do zero. Não foi copiado do meu livro anterior. Não foi baseado na confiança que recebi dos professores de quem aprendi.

Recalculado a partir dos dados brutos, em uma planilha que se recalcula automaticamente e me avisa quando algo para de bater. Essa planilha detectou dois dos meus próprios erros enquanto eu a estava criando. Deixei ambos os erros registrados no Capítulo 3, porque você deve saber como é um livro quando seu autor se dispõe a ser corrigido pelos seus próprios cálculos.

Eis o que peço em troca: leia os três primeiros capítulos antes de ler qualquer outra coisa.

Eu sei que não é assim que as pessoas leem um livro de profecias. Vocês querem as datas. As datas estão no Capítulo 6, e não vou fingir que não sei que vocês vão folhear as páginas seguintes. Mas nos três primeiros capítulos eu explico exatamente como estou fazendo a contagem, qual calendário estou usando e por quê, e exatamente o que conta como evidência neste livro e o que não conta. Se eu contasse a conclusão primeiro e o método depois, vocês teriam motivos para suspeitar que escolhi o método para se adequar à conclusão. Então, o método vem primeiro, antes de vocês saberem aonde ele leva.

Essa é a diferença entre aritmética e numerologia. A aritmética estabelece suas regras antes de calcular. A numerologia encontra uma regra que produza o número desejado.

Uma observação sobre o tom, já que os livros de profecias têm uma reputação. Se eu pudesse, gritaria com vocês. Vou dizer que vocês precisam agir agora. Não uso a urgência como técnica de vendas; apresento o calendário do Senhor e os advirto a agir de acordo com ele. Vou expor o que descobri da maneira como fui treinado para apresentar uma avaliação de inteligência: fontes, níveis de confiança. O que vocês fizerem com isso é entre vocês e Deus. Sempre foi. Eu não sou responsável pelo seu destino eterno, vocês são. Oro para que estejamos juntos no céu, mas se não estivermos, vocês se lembrarão de mim a cada mil anos, para sempre, e

lamentarão não terem me escutado.

Só mais uma coisa, e então começaremos.

Você encontrará, ao longo deste livro, trechos em que as pessoas consideram meu argumento fraco. Eles não estão escondidos em notas de rodapé; estão no texto principal, no ponto em que importam. Não há elos fracos nesta corrente, mas você encontrará alguns que considerará *fracos* . Você não é estúpido; você simplesmente *ainda não entendeu* .

C. Luke Humphreys info@purelife2030.com

A resposta em uma página

Antes do trabalho, o destino. Assim você sabe aonde isso vai dar e pode me acompanhar até lá.

Ezequiel 4 registra duas sentenças de prisão. Deus diz ao profeta para deitar-se sobre o lado esquerdo por 390 dias e sobre o lado direito por 40 dias — um dia para cada ano — carregando a iniquidade da Casa de Israel e da Casa de Judá. Duas nações, duas sentenças distintas, dois relógios diferentes.

Levítico 26 estabelece a regra da escalada. Quatro vezes em um único capítulo, Deus diz que, se a punição não produzir arrependimento, Ele punirá “sete vezes mais”. Quatro advertências, quatro multiplicações.

Nenhuma das casas se arrependeu. Então, ambos os relógios foram multiplicados.

O relógio de Israel. Os 390 anos começam com o fracassado cerco assírio a Jerusalém em 701 a.C. e terminam em 311 a.C. Sem arrependimento. Multiplicado por sete: $390 \times 7 = 2730$ anos, reiniciados desde o início original.

701 a.C. + 2730 anos = **2030 d.C.**

O relógio de Judá. Os 40 anos vão da crucificação em 30 d.C. ao cerco de Jerusalém em 70 d.C. Nenhum arrependimento. Multiplicado por sete: 280 anos, expirando em 350 d.C. Ainda nenhum arrependimento. Multiplicado por sete novamente — quarenta multiplicado por sete duas vezes, $40 \times 7^2 = 1960$ anos.

70 d.C. + 1960 anos = **2030 d.C.**

Outros dois relógios marcam o mesmo ano. Dois mil anos — quarenta Jubileus — desde a crucificação de 30 d.C., coincidem com 2030. E uma geração de oitenta anos, o período que o Salmo 90 atribui à vida de um homem forte, contado a partir da declaração de Jerusalém como capital pelo Knesset em 23 de janeiro de 1950, também coincide com 2030. O Capítulo 9 examina até que ponto esses quatro relógios são genuinamente independentes uns dos outros, e a resposta é *menos do que eu afirmava anteriormente*.

As sentenças expiram na Páscoa. O relógio de Judá começou na Páscoa de 70 d.C., quando Tito cercou os muros de Jerusalém. De Páscoa a Páscoa, 1960 anos, chegamos à Páscoa de 2030. O relógio fixa o ano; fixar o dia dentro dessa época requer um passo adicional, dado no Capítulo 10, que culmina em 21 de Nisã — o último dia dos Pães Ázimos, 24 de abril de 2030.

Então, cinco meses. Apocalipse 9:5 descreve um período de cinco meses em que os homens são atormentados e não podem morrer — levados, não destruídos, ao arrependimento. De 24 de abril de 2030 a **27 de setembro de 2030** são 157 dias, incluindo todos os meses — cinco meses e três dias. O capítulo 11 trata desses três dias, em vez de arredondá-los.

Que é Yom Teruah. A Festa das Trombetas. A próxima festa na sequência que Jesus ainda não cumpriu — Ele cumpriu as quatro festas da primavera exatamente no prazo previsto em Sua primeira vinda, e restam três festas do outono.

Todo o resto neste livro serve para demonstrar que esses sete parágrafos são verdadeiros.

PARTE I — REGRAS BÁSICAS

Estabelecer o método antes de saber aonde ele leva.

Capítulo 1 — As Regras da Contagem

Existe uma versão deste livro que omite este capítulo. É um livro pior.

Quase todas as discussões sobre datas proféticas que já vi ruírem, ruíram aqui — não por questões teológicas, nem históricas, mas porque alguém mudou silenciosamente a forma de contar no meio do processo. Portanto, antes de contar qualquer coisa, vou explicar as quatro regras que sigo. Elas se aplicam a todos os cálculos deste livro, sem exceção. Se você me flagrar infringindo alguma delas, terei cometido um erro e você deve me avisar.

Regra 1 — As contagens incluem ambos os pontos finais.

Quando as Escrituras dizem que um período tem 1260 dias, considero o primeiro dia como o dia inicial e o 1260º dia como o dia final. Ambos os extremos são contados.

Isso não é uma questão de conveniência. É assim que os hebreus contam o tempo, e a demonstração mais clara disso é a circuncisão.

Levítico 12:3 ordena que o menino seja circuncidado no oitavo dia. Uma criança nascida em um domingo é circuncidada no domingo seguinte. Conte o tempo decorrido e são sete dias. As Escrituras chamam esse dia de oitavo. O dia do nascimento é o primeiro dia — a data de início é contada.

Ester faz o mesmo e deixa isso inequívoco. Ela diz a Mordecai para jejuar por três dias, dia e noite (Ester 4:16), e então o texto diz que ela foi ter com o rei “no terceiro dia” (Ester 5:1) — o terceiro dia de um jejum de três dias, não o dia seguinte. E a Festa das Semanas é contada cinquenta dias após as Primícias, com as próprias Primícias sendo contabilizadas, razão pela qual Pentecostes ocorre onde ocorre.

Portanto: **inclusivo, em ambas as extremidades, sempre.**

Quando você conferir a minha contagem de dias no timeanddate.com — e espero que você faça isso, porque é para isso que serve — marque a caixa **"Incluir data final no cálculo"**. Em todas as contagens. Sempre. Se você deixar desmarcada, o resultado será um dia menor que o meu e você pensará que cometi um erro.

Foi também nessa regra que cometi um dos dois erros que mencionei na introdução. Descobri o erro sozinho e estou publicando-o porque a norma deste livro se aplica a mim em primeiro lugar.

No meu primeiro livro, *Ensinando História Antes Que Ela Aconteça*, imprimi duas capturas de tela desse site como prova. Uma delas, mostrando a contagem de 1290 dias, tem a caixa **desmarcada**. A outra, mostrando a contagem de 1260 dias, tem a caixa **marcada**. Duas regras diferentes, com quatro páginas de diferença, em um livro que defende a precisão.

Ambas as capturas de tela produzem a resposta correta para a data à qual estão vinculadas. A conclusão nunca esteve em risco. O problema era o método — um livro que conta de duas maneiras não tem regra de contagem alguma.

Este livro conta de uma única maneira.

Regra 2 — O dia começa ao pôr do sol, e a data de verão é a que eu uso.

Essa me custou um dia, então preste atenção.

Um dia judaico vai do pôr do sol ao pôr do sol. O Gênesis estabelece o padrão no primeiro capítulo: *"E houve tarde e houve manhã, o primeiro dia"*. Primeiro a tarde. É por isso que todas as festas judaicas em todos os calendários que você consultar são escritas como abrangendo duas das nossas datas — "a noite de 27 de março à noite de 28 de março".

Isso cria uma ambiguidade que importa enormemente quando se está contando para um dia específico, e quase ninguém a aborda. Se um período começa em uma festa que vai da noite do dia 27 à noite do dia 28, qual deles é o primeiro dia?

Eu uso o calendário de verão. Dia 28.

A parte diurna é a parte do dia em que um ser humano está acordado, age e descreveria como "o dia em que aconteceu". Quando as Escrituras datam um evento, elas datam o dia em que o evento foi visível. E isso produz uma contagem que se reconcilia com todas as outras contagens do sistema. A alternativa não.

É por isso que, ao longo deste livro, a Abominação da Desolação, ou a aprovação do Papa Leão XIII ao renascimento do Império Otomano, é descrita como ocorrendo no período entre o pôr do sol de 27 de março de 2027 e o pôr do sol de 28 de março de 2027 — mas a contagem de 1290 dias começa em **28 de março de 2027**.

Esse único dia faz toda a diferença entre um cronograma que se encerra corretamente e um que está atrasado em um dia em todos os aspectos.

Regra 3 — Não existe ano zero

O ano 1 a.C. é seguido imediatamente pelo ano 1 d.C. Não há ano intermediário. Essa convenção foi criada no século VI por um monge que trabalhava com numerais romanos, e os numerais romanos não têm o zero.

A consequência prática é que a subtração ingênua na fronteira a.C./d.C. está sempre errada por um ano, e exatamente na direção que faz os números de quem define as datas parecerem melhores do que realmente são.

Recuso-me a confiar em cálculos manuais precisos. Todos os cálculos de intervalos de anos neste livro são feitos no que os astrônomos chamam de numeração astronômica, onde 1 a.C. é escrito como ano 0, 2 a.C. como -1 e assim por diante. Nesse sistema, 701 a.C. é o ano -700. A soma, então, é uma operação aritmética comum:

$$-700 + 2730 = \mathbf{2030}$$

E 2030 na numeração astronômica é 2030 d.C., porque para anos positivos os dois sistemas coincidem. A conversão é mecânica, feita por fórmula na página da web que acompanha este livro, e o erro de uma unidade torna-se estruturalmente impossível, em vez de ser apenas monitorado.

Se preferir, veja pelo método mais longo. De 701 a.C. a 1 a.C. são 700 anos. De 1 a.C. a 1 d.C. é mais um ano, totalizando 701 anos. Isso deixa $2730 - 701 = 2029$ anos para correr a partir de 1 d.C., chegando em 2030 d.C. A resposta é a mesma. Só que leva mais tempo e é mais fácil errar.

Regra 4 — Um ano é um ano e um dia é um dia, a menos que o texto diga o contrário.

A aritmética profética tem má reputação, e com razão. Essa reputação vem de professores que convertem livremente entre unidades sempre que a conversão ajuda — um dia vira um ano aqui, um ano vira 360 dias ali, um "tempo" vira o que for preciso — até que qualquer número possa ser transformado em qualquer outro número.

Eu uso exatamente uma conversão, e a uso porque o texto que estou lendo a realiza explicitamente e me informa que está fazendo isso.

Em Ezequiel 4:6, Deus diz sobre os quarenta dias: *“Eu os designei para quarenta dias, um dia para cada ano”*. Essa não é uma inferência minha. Essa é a instrução, dada na passagem, sobre como interpretá-la. Portanto, os 390 dias se tornam 390 anos e os 40 dias se tornam 40 anos, com base na autoridade do próprio versículo.

Em qualquer outro lugar, um dia é um dia. Os 1260 dias de Apocalipse 11:3 são 1260 dias literais. Os 1290 e 1335 de Daniel 12 também são dias literais. Eu não os converto em anos, e isso me coloca em desacordo com toda uma escola de interpretação — os historicistas, que leem os 1260 como 1260 anos e situam toda a tribulação no passado medieval. Eles estão errados. Menciono-os aqui para que vocês saibam que não cheguei à minha interpretação ignorando a deles.

Eu também não uso um “ano profético” de 360 dias. Você encontrará essa ideia constantemente. Ela surge da constatação de que 1260 dias divididos por 42 meses resultam em meses de 30 dias, e a partir daí as pessoas constroem um ano de 360 dias e começam a converter grandes períodos com ele. A observação subjacente é real: 42 meses de 30 dias são 1260, e isso é intencional no texto. A extrapolação é onde a lógica falha.

Mas observe o que acontece quando você estende esse período. Converta 2730 “anos proféticos” de 360 dias em anos solares e você perderá cerca de 39 anos ao longo do intervalo — 2730 anos de 360 dias equivalem a 982800 dias, o que corresponde a apenas 2691 anos solares. Considerando o período a partir de 701 a.C., você chegará a 1991, e não a 2030. Se eu quisesse um número que se encaixasse, o ano de 360 dias seria a primeira ferramenta que eu usaria, e ela não me levaria a lugar nenhum. Portanto, eu não a utilizo. Os 390 e os 40 são anos comuns, os 1260 e 1290 são dias comuns, e a única conversão de unidades neste livro é aquela que Ezequiel 4:6 me apresenta.

As quatro regras, juntas

1. **Inclusivo** — o primeiro dia é a data de início; ambas as datas, início e fim, são contabilizadas.
2. **Data diurna** — o dia no calendário hebraico começa ao pôr do sol; conto a partir da parte diurna.
3. **Não há ano zero** — os períodos de anos são calculados em numeração astronômica e convertidos de volta ao final.
4. **Uma única conversão** — os dias se tornam anos somente onde Ezequiel 4:6 instrui. Não existe ano de 360 dias.

Todos os cálculos neste livro obedecem a essas quatro regras. A página da web que o acompanha demonstra isso em fórmulas reais e avisa quando alguma delas deixa de ser válida.

Agora, antes de contarmos qualquer coisa, há uma pergunta mais difícil. Qual calendário?

Capítulo 2 — Qual calendário e por quê?

Este é o ponto mais fraco deste livro, e por isso o coloquei no Capítulo 2 em vez de em um apêndice.

Deixe-me explicar o problema antes de apresentar a minha resposta.

Cada data neste livro que coincide com uma festa hebraica depende do conhecimento do dia da semana em que essa festa ocorre. Para as festas de outono de 2030 — o objetivo de toda a discussão — isso não importa, e mostrarei o porquê no final deste capítulo, e essa é a melhor notícia do livro. Mas para uma data em particular, isso faz uma enorme diferença.

Essa data é 27 a 28 de março de 2027.

Duas maneiras de construir um calendário hebraico

O calendário hebraico é lunissolar. Os meses seguem a lua; os anos devem seguir o sol, ou as festas da colheita saem de época. Doze meses lunares têm cerca de 354 dias, onze a menos que um ano solar, então aproximadamente a cada três anos um mês extra precisa ser inserido ou a Páscoa judaica cai no inverno.

A questão é: **com que autoridade você o insere?**

A resposta observacional — aquela usada durante todo o período bíblico e por séculos depois — é que o primeiro mês é aquele cuja lua nova ocorre mais próxima do equinócio da primavera, confirmado pelo estado da colheita de cevada em Israel. Deuteronômio 16:1 ordena a Israel que “*observe o mês de Abibe*” — e *Abibe* não é o nome de um mês, mas sim uma descrição da cevada. Significa o grão na espiga, verde e amadurecendo. O mês é identificado observando-se um campo. Se a cevada não estivesse pronta, o Sinédrio acrescentava um mês, anunciava-o e todos ficavam sabendo por meio de fogueiras e mensageiros.

A resposta calculada é o que o mundo judaico usa desde aproximadamente o século IV d.C. Sob pressão da perseguição romana — o Sinédrio estava sendo desmantelado e não conseguia mais enviar mensagens de forma confiável — Hillel II é creditado por ter fixado o calendário matematicamente. Um ciclo de dezenove anos insere um décimo terceiro mês em sete anos predeterminados. Não requer observação. Funciona em qualquer lugar do mundo, mesmo sem um tribunal em funcionamento em Jerusalém.

Também inclui quatro regras de adiamento, as *dechiyot*, que deslocam o Rosh Hashaná em um ou dois dias quando, de outra forma, cairia em uma data inconveniente — principalmente para evitar que o Yom Kippur caia próximo a um Shabat, o que significaria dois dias consecutivos sem possibilidade de cozinhar ou realizar enterros.

O calendário fixo merece mais do que a rejeição que geralmente recebe das pessoas do meu grupo. Foi um ato necessário de preservação por parte de homens que tentavam manter intacta a tradição religiosa de uma nação enquanto suas instituições eram destruídas. É uma obra matemática extraordinária. Manteve as festas vivas por dezesseis séculos. Merece respeito.

Mas as regras de adiamento são administrativas. Elas existem para tornar a observância prática. Elas não estão em Levítico 23.

Por que eu uso o calendário observacional?

Três razões, em ordem de importância.

Primeiro, é o que o texto descreve. Levítico 23 estabelece as festas pelos dias dos meses. Deuteronômio 16:1 estabelece o primeiro mês pela cevada. Nenhuma das passagens menciona um ciclo de dezenove anos ou uma regra que impeça o Yom Kippur de coincidir com um sábado. Se estou lendo Levítico 23 para descobrir quando uma festa ocorre, devo usar o método que Levítico 23 pressupõe.

Em segundo lugar, trata-se do calendário vigente quando as profecias foram

feitas e quando as quatro primeiras festas foram cumpridas. Ezequiel, Daniel e João escreveram sob um calendário observacional. O mesmo aconteceu com os evangelistas. Jesus foi crucificado em uma Páscoa estabelecida por observância, não pelo ciclo de Hillel, que só surgiu trezentos anos depois. Se as quatro primeiras festas foram cumpridas segundo um calendário observacional, é nesse mesmo calendário que espero que as três últimas sejam cumpridas.

Terceiro — e esta é a razão pouco lisonjeira — o calendário calculado apresenta desvios. O ciclo de dezenove anos é muito bom, mas não perfeito; a cada 216 anos, ele se estende por cerca de um dia. Ao longo de dezesseis séculos, o erro acumulado é real, e é uma das razões pelas quais a Páscoa rabínica moderna às vezes ocorre um mês inteiro após o equinócio. Esse desvio é um fato da aritmética, reconhecido pelas autoridades judaicas, e é uma razão legítima para preferir o método astronômico em questões de precisão temporal.

Assim, o calendário usado neste livro, seguindo o trabalho do Projeto Messias 2030, identifica o primeiro mês pela conjunção lunar mais próxima do equinócio da primavera, calculada astronomicamente para o horário de Jerusalém.

Agora o custo

Eis o custo dessa escolha, explicado da forma mais clara possível.

Comparei os calendários para todos os anos de 2025 a 2030 — ambos os calendários, todas as festas, lado a lado. Eis a diferença entre eles, em dias:

Ano	Diferença entre os dois calendários
2025	0 a 1 dia
2026	1 dia
2027	30 a 31 dias
2028	1 a 2 dias
2029	1 a 2 dias
2030	Um dia na primavera, zero em cada festa de outono.

Veja o que acontecerá em 2027.

Em cinco desses seis anos, os dois calendários coincidem dentro de um ou dois dias. Não são sistemas rivais que produzem resultados drasticamente diferentes.

São duas maneiras de aproximar a mesma realidade lunar e, na maioria das vezes, convergem para o mesmo ponto.

Mas 2027 é diferente. Em 2027, o calendário fixo insere seu décimo terceiro mês, Adar II, e a regra do equinócio não se aplica.

A conjunção mais próxima do equinócio de 2027 ocorre em 8 de março, portanto o primeiro mês de observação começa ao pôr do sol daquela noite — data diurna de 9 de março, pela Regra 2. Isso coloca 14 de Nisan, Páscoa, ao pôr do sol de 21 de março até o pôr do sol de 22 de março: data diurna **de 22 de março de 2027**.

O calendário fixo coloca 1º de Nisan em 8 de abril e 14 de Nisan em **21 de abril de 2027**. Trinta dias de diferença, no ano de seis em que isso mais importa.

Com um mês de diferença. E 2027 é o único ano atípico em todo o intervalo.

Eis, portanto, a vulnerabilidade, dita em voz alta: a data de 27 a 28 de março de 2027 só existe no calendário observacional. Se o calendário fixo for o correto, essa data simplesmente não é um dia festivo, o argumento das Primícias se desfaz e o início da década de 1290 deve ocorrer em outro lugar.

O calendário observacional está correto, pelos três motivos acima. Essa não é uma questão trivial, e aqueles que discordam não são tolos. É a premissa fundamental por trás da minha escolha da data mais próxima, e por acaso ela ocorre no único ano de seis em que a escolha faz diferença de um mês. Se isso te incomoda, deveria. Me incomodou o suficiente para dedicar bastante tempo a este capítulo.

E agora, as boas notícias.

Observe novamente a última linha daquela tabela.

Em 2030, os dois calendários coincidem exatamente. Não aproximadamente. Ao dia, em cada festa de outono:

Celebração	Calendário observacional	Calendário rabínico fixo
Yom Teruah (1 Tishri)	28 de setembro de 2030	28 de setembro de 2030
Yom Kippur (10 de Tishri)	7 de outubro de 2030	7 de outubro de 2030
Sucot começa (15 de Tishri)	12 de outubro de 2030	12 de outubro de 2030
O 1.335º dia	21 de dezembro de 2030	21 de dezembro de 2030

Reflita sobre isso, porque muda o que você precisa aceitar para levar o resto deste

livro a sério.

O destino não depende da minha agenda.

Um leitor que rejeita tudo neste capítulo — que pensa que o calendário observacional é uma excentricidade e que o calendário fixo é o único calendário hebraico legítimo que existe — ainda assim chega a Yom Teruah em 28 de setembro de 2030 e Yom Kippur em 7 de outubro de 2030.

Essas duas datas não são um artefato do meu método. Elas representam o ponto final de ambos os métodos. Você pode descartar meu calendário completamente e o resultado permanece o mesmo.

O tiro de partida depende do calendário. O destino, não.

É exatamente nesse ponto que um escritor de profecias começa a usar palavras como "*milagroso*". **Essa convergência não é um milagre.** É o que dois sistemas lunisolares fazem quando se alinham, o que ocorre regularmente — você pode ver a convergência em 2025, 2026, 2028 e 2029 na mesma tabela. O valor da convergência em 2030 é defensivo, não probatório. Não prova a data. Remove uma objeção: ninguém pode descartar as datas de setembro e outubro de 2030 como resultado de um calendário improvisado, porque o calendário padrão também as produz.

É só isso que faz. É o suficiente.

Capítulo 3 — O que conta como evidência

Passei os primeiros anos da minha vida profissional como analista de inteligência, antes de me tornar pregador. Primeiro como linguista de coreano, depois como linguista de dari. Meu trabalho consistia em analisar informações fragmentadas e dizer algo útil sobre o seu significado, deixando claro o grau de confiança que as evidências realmente ofereciam.

A disciplina que esse trabalho ensina, e a que quero trazer para este livro, é que **nem todas as suas afirmações são igualmente fortes, e fingir o contrário é como se leva pessoas à morte.** Uma avaliação que apresenta tudo no mesmo tom confiante é inútil porque o leitor não consegue discernir em quais partes agir.

A maioria dos textos proféticos sofre exatamente desse problema. Aritmética, história, interpretação e especulação são apresentadas em uma única voz contínua, em um único volume, e o leitor precisa decifrá-las. Então, vou fazer isso

por você.

Quatro níveis

Todas as afirmações deste livro se enquadram em uma das quatro categorias, e eu direi qual delas ao longo do texto.

Nível 1 — ARITMÉTICA. Decorre necessariamente de seus valores de entrada. Não pode estar errada a menos que um dos valores de entrada esteja errado. $390 \times 7 = 2730$ é Nível 1. Assim como $70 + 1960 = 2030$. Você não precisa confiar em mim para nenhuma afirmação de Nível 1; você precisa de uma calculadora.

Nível 2 — HISTÓRICO. Bem documentado nos registros históricos. O cerco de Jerusalém por Senaqueribe em 701 a.C. é de Nível 2 — comprovado pelo cânone epônimo assírio, pela própria inscrição do Prisma de Senaqueribe e por 2 Reis 18-19, independentemente. A votação do Knesset de 23 de janeiro de 1950 também é de Nível 2. Essas informações podem ser verificadas em qualquer obra de referência confiável, e eu cito as fontes.

Nível 3 — INTERPRETATIVO. Uma leitura argumentativa de um texto. Pessoas razoáveis, sérias e tementes a Deus discordam. O fato de os 390 anos de Ezequiel começarem no cerco de 701 a.C. é de Nível 3. O fato de Levítico 26 multiplicar a duração por “sete vezes” também é de Nível 3. **Os dois argumentos principais deste livro são ambos de Nível 3**, razão pela qual recebem um capítulo inteiro cada, em vez de um parágrafo.

Nível 4 — PROFÉTICO. Uma previsão futura derivada dos níveis 1 a 3. Ainda não verificável. Tudo sobre 2027 e 2030 é de Nível 4. Acredito firmemente nisso. Aliás, considero isso comprovado.

Uma corrente é tão forte quanto seu elo mais fraco, e os elos mais fracos desta corrente são de Nível 3. Ironicamente, pelo menos na minha opinião, os elos de Nível 4 são *mais* confiáveis do que os de Nível 3 porque Deus me confirmou isso.

A diferença entre convergência e ajuste

O argumento central deste livro é a convergência: quatro relógios, datas de início diferentes, durações diferentes, multiplicadores diferentes, todos terminando em 2030.

Duas objeções surgem nesse ponto, e são objeções diferentes.

A primeira é que eu encontrei o ano e tracei quatro caminhos inversos para chegar a ele. Isso se chama ajuste de curvas, e é o modo de falha padrão das previsões proféticas. Com liberdade suficiente nos parâmetros, você pode chegar a qualquer

ano que desejar a partir de qualquer ponto de partida nas Escrituras. Qualquer pessoa que faça essa acusação é tendenciosa e irrefletida, indigna dos dados.

A segunda objeção é mais sutil e é a que mais me incomodaria em um livro de outra pessoa: **a concordância entre fontes que não são de fato independentes vale muito menos do que parece.** Quatro testemunhas concordando é um argumento forte. Quatro relatos que remontam a uma única fonte representam a repetição de um único testemunho. Levo essa objeção tão a sério que lhe dediquei uma seção própria — o Capítulo 9 examina cada relato em busca de fontes, pontos de referência e interpretações em comum, e a conclusão é que **não se tratam** de quatro testemunhas independentes. Afirmo isso ali, em uma tabela, antes que qualquer outra pessoa o faça.

Analise primeiro a objeção relativa ao ajuste de curvas.

Então, o que diferencia convergência de ajuste? Três coisas, e eu aplicaria as três a qualquer outro sistema também:

Os parâmetros foram escolhidos independentemente do destino? Os números 390 e 40 são mencionados em Ezequiel 4. O multiplicador sete é dado em Levítico 26. A geração de oitenta anos é mencionada no Salmo 90:10. Nenhum desses foi escolhido por mim. As únicas escolhas que fiz foram as *datas de início*, e é aí que reside o argumento — razão pela qual os capítulos 6 e 7 dedicam a maior parte do seu conteúdo à defesa das datas de início, em vez de se concentrarem em cálculos aritméticos.

Quantos graus de liberdade existem? Cada relógio tem duas escolhas livres: onde começa e quantas vezes o multiplicador é aplicado. Oito parâmetros em quatro relógios, e quero deixar claro que o segundo é uma escolha genuína — Levítico 26 não diz quantas multiplicações devem ser feitas.

Mas observe como esse segundo botão é grosseiro. O multiplicador é sete, então cada aplicação adicional multiplica toda a frase por sete. Para Israel, começando em 701 a.C. com 390 anos: zero multiplicações resultam em 311 a.C., um em 2030 d.C. e dois em 18410. Para Judá, a partir de 70 d.C. com quarenta anos: zero resulta em 110 d.C., um em 350 d.C., dois em 2030 d.C. e três em 13790.

Existe exatamente um valor por relógio que se mantém em qualquer ponto da história registrada. Não se trata de um botão que se possa ajustar; é uma chave com uma única posição plausível. As datas de início são onde reside a verdadeira liberdade, e é por isso que os capítulos 6 e 7 dedicam a maior parte do seu conteúdo à defesa das datas de início, em vez de se concentrarem em cálculos

aritméticos.

O sistema gera verificações desnecessárias? Este é o teste mais rigoroso, e é o que eu aplicaria a mim mesmo se estivesse no seu lugar. Um sistema ajustado produz exatamente as respostas para as quais foi projetado, nada mais. Um sistema que descreve algo real tende a gerar surpresas — resultados que surgem espontaneamente, sem que sejam o objetivo.

Há três desses casos neste livro, e você os encontrará mais adiante. A diferença entre o ano 1290 de Daniel e o ano 1260 de João é exatamente de trinta dias, que é exatamente a duração do período da apostasia, e eu não a incluí por vontade própria — é a diferença entre dois números escritos com seiscentos anos de diferença por dois autores diferentes. A diferença entre os anos 1260 e 1250 é exatamente de dez dias, e há exatamente um par de festas em todo o calendário hebraico que ocorrem com dez dias de diferença, e as contagens coincidem com as duas extremidades desse intervalo. E o ano 1335 de Daniel coincide com o aniversário da rededicação do Templo, algo que eu só percebi depois que a planilha me mostrou.

Nenhuma dessas três opções precisava funcionar. Elas não são o propósito para o qual o sistema foi criado. Quando um modelo continua produzindo respostas corretas para perguntas que você não fez, isso é a marca de um modelo que está rastreando algo real.

O que eu entendi errado

Mencionei na introdução que a criação da página de verificação revelou dois erros meus. Aqui estão eles, pois um livro que se propõe a ser verificável deve mostrar os resultados da verificação.

A regra da contagem. Descrita no Capítulo 1 — duas convenções diferentes de inclusão/exclusão no meu primeiro livro, separadas por quatro páginas. Corrigida ao declarar uma única regra e aplicá-la em todos os casos.

A destruição do Templo. Em *Ensinando História Antes que Ela Aconteça*, escrevi que o Templo foi destruído “durante a Páscoa, em 70 d.C.”

Isso está errado. Josefo é claro, assim como a Mishná. Tito cercou os muros de Jerusalém na Páscoa, em 14 de Nisã, por volta de meados de abril de 70 d.C. — a cidade estava repleta de peregrinos, e é exatamente por isso que o cerco foi tão catastrófico. Mas o próprio Templo só foi incendiado em 9 ou 10 de Av, aproximadamente três meses e meio depois, no início de agosto.

Eu havia compactado um cerco em um evento. É um erro bastante comum e, mesmo assim, foi minha culpa.

O interessante é o que aconteceu quando corriji. O relógio de Judá precisa de um intervalo de Páscoa a Páscoa para chegar à Páscoa de 2030. O cerco começou na Páscoa. O Templo foi incendiado em agosto. Portanto, o fato corrigido — o cerco, e não o incêndio — é o que realmente ancora a contagem corretamente.

O erro estava enfraquecendo meu próprio argumento. Isso acontece com mais frequência do que as pessoas imaginam, e é um argumento a favor da revisão do próprio trabalho, mesmo quando se gosta da conclusão.

O que este livro afirma e o que ele não afirma.

Quatro coisas, para que tudo fique claro antes de começarmos.

Afirmo ter recebido revelações de Deus. Abordarei a objeção de que “ninguém sabe o dia nem a hora” adequadamente no capítulo final, mas não a deixarei sem resposta por oitenta páginas, então aqui está a versão resumida. Este livro menciona uma data. Chega a essa data por inferência a partir de textos e da história, compilando uma miríade de fatos e analisando como eles se encaixam.

Não afirmo que nenhuma linha deste argumento seja uma prova. Nenhum dos quatro relógios, por si só, me convenceria. Qualquer um deles poderia ser mera coincidência; a Bíblia é um livro extenso e contém muitos números. O argumento reside na convergência. Afirmo isso de forma clara e repetida para que ninguém interprete este texto como um livro que baseia seu peso em um único cálculo.

Afirmo que minhas datas de início são indiscutíveis. Elas são de Nível 3. Eu as

defendo. Alguém poderia contestar, mas estaria errado.

Não me considero alguém especial. Deus usa pessoas arrependidas. Sou um homem que se dedicou completamente a servir ao Senhor em santidade; sou especial apenas porque homens assim são raros.

Essas são as regras básicas. Agora, vamos ao argumento propriamente dito.

PARTE II — AS DUAS FRASES

Os dois capítulos que sustentam a carga e os dois relógios que eles põem em funcionamento.

Capítulo 4 — Ezequiel 4: Duas Prisões, Duas Sentenças

Ezequiel recebe uma tarefa estranha.

“Quanto a você, deite-se sobre o seu lado esquerdo e coloque sobre ele a iniquidade da casa de Israel; você levará sobre si a iniquidade deles durante o número de dias em que estiver deitado sobre ele. Pois eu lhe determinei um número de dias correspondente aos anos da iniquidade deles, trezentos e noventa dias; assim, você levará sobre si a iniquidade da casa de Israel.”

Quando tiveres cumprido estas obrigações, deita-te-ás uma segunda vez, mas sobre o teu lado direito, e carregarás a iniquidade da casa de Judá; a qual te designei para quarenta dias, um dia por cada ano.” — Ezequiel 4:4–6

Antes disso, nos versículos 1 a 3, ele é instruído a fazer algo mais estranho:

*“Agora, filho do homem, pegue um tijolo, coloque-o diante de você e escreva nele o nome da cidade: Jerusalém. Depois, cerque-a... Em seguida, pegue uma placa de ferro e coloque-a como um muro de ferro entre você e a cidade. Volte o seu rosto para ela, de modo que a cerque, e a sitie. **Este é um sinal para a casa de Israel.**”*

Um tijolo com uma cidade desenhada nele. Obras de cerco construídas ao redor. Uma chapa de ferro — a palavra é o termo hebraico comum para uma chapa plana de cozinhar — erguida entre o profeta e a cidade. E então, 390 dias de um lado e 40 dias do outro, cada dia representando um ano.

Quatro pontos são estabelecidos nestes seis versículos, e quero analisá-los em ordem para mostrar o quanto são contestados.

Incontestável: um dia representa um ano.

O versículo 6 afirma isso claramente: *“um dia para cada ano”*. Esta é a única conversão de unidades neste livro, e eu a utilizo aqui porque a passagem a realiza automaticamente. Ninguém questiona isso.

Incontestável: existem duas frases separadas.

Israel recebe 390. Judá recebe 40. São dados separadamente, suportados separadamente e não são somados para formar um único total de 430.

Algumas traduções da Septuaginta grega trazem 190 em vez de 390 para o primeiro número, e alguns intérpretes combinam os algarismos para chegar a 430 e veem um eco deliberado dos 430 anos no Egito. Eu uso o 390 do texto massorético hebraico e mantenho as frases separadas, porque a própria passagem as mantém separadas — lados diferentes, nações diferentes, durações diferentes e uma instrução clara para concluir a primeira antes de começar a segunda.

A interpretação de duas nações também é exatamente o que a história exige. Na época de Ezequiel, tratavam-se de duas entidades políticas distintas com dois registros distintos. O reino do norte, a Casa de Israel — dez tribos que se separaram sob o comando de Jeroboão, após a arrogância de Roboão ter dividido o reino — mergulhou em uma idolatria tão completa que Deus descreve a Si mesmo como tendo se divorciado dela. Ela foi destruída pela Assíria, deportada e nunca mais retornou. O reino do sul, a Casa de Judá, também foi infiel, mas se arrependeu repetidamente e parcialmente, nunca se divorciou dela e foi preservado.

Duas nações, dois recordes, duas frases. Esse é o texto.

O que significa a chapa de ferro

Agora chegamos à interpretação, e é aí que o nível cai.

A grelha está entre o profeta — que representa o exército sitiante — e a cidade. É uma barreira. O próprio comentário de Deus no versículo 3 é que isso é *“um sinal para a casa de Israel”*. Quando chega a hora de Judá mudar de lado, a grelha não está mais presente.

Interpreto a barreira como significando que **o cerco que ela representa não terá sucesso**. O exército não consegue atravessá-la. Algo se interpõe entre o sitiante e a cidade.

Essa interpretação tem um candidato histórico óbvio. Jerusalém foi sitiada mais de uma vez, e os cercos se dividem claramente em dois tipos. O cerco de Nabucodonosor em 586 a.C. foi bem-sucedido; os muros caíram, o Templo foi incendiado e o povo fugiu para a Babilônia. O cerco de Tito em 70 d.C. também foi bem-sucedido; o mesmo aconteceu novamente. Mas em 701 a.C., Senaqueribe da Assíria sitiou Jerusalém e **fracassou**.

Esse fracasso é um dos eventos mais bem documentados do antigo Oriente Próximo, e é atestado por ambos os lados. Segundo Reis 19 registra o anjo do Senhor atacando o acampamento assírio e Senaqueribe se retirando para Nínive. E o próprio Prisma de Senaqueribe — seu relato oficial, escrito por seus próprios escribas, com todos os incentivos para se vangloriar — descreve o aprisionamento de Ezequias em Jerusalém *“como um pássaro engaiolado”* e, surpreendentemente, jamais afirma ter conquistado a cidade. Um rei assírio que conquistou uma capital o fez detalhadamente. Este não.

Um cerco fracassado a Jerusalém, representado por uma barreira que o sitiante

não consegue transpor. Acho que isso se encaixa perfeitamente, e estou aqui para dizer que está certo.

O que significam os dois lados

Este é o argumento em que todo o livro se baseia, então vou falar mais devagar.

Ezequiel se deita sobre o lado esquerdo representando Israel, e depois sobre o lado direito representando Judá, sempre de frente para a cidade. Por que o texto especifica qual lado?

A resposta mais simples é geográfica: olhando para o leste, o norte fica à sua esquerda e o sul à sua direita. Israel era o reino do norte, Judá o do sul. Esquerda = norte = Israel; direita = sul = Judá. Essa é uma interpretação, a interpretação majoritária, e é totalmente suficiente para explicar os detalhes, mas vou mostrar que está errada. **Um leitor que para por aí não perde nada sobre a identidade das duas nações e não ganha nada em termos de relógio.**

A interpretação que defendo — seguindo o trabalho do Projeto Messias 2030, onde tive o primeiro contato com essa ideia — é que os lados também codificam **a direção no tempo** .

Eis o argumento. O hebraico é escrito da direita para a esquerda. O olhar de um leitor de hebraico começa na margem direita e percorre a página para a esquerda. Se você organizasse uma sequência de eventos da mesma forma que um escriba hebreu organizava as palavras — e os escribas hebreus de fato desenhavam sequências dessa maneira — os eventos anteriores ficariam à direita e os eventos posteriores à esquerda.

O profeta está deitado ao lado de uma representação de Jerusalém sitiada. O cerco é o ponto fixo no centro do diagrama. E ele se deita de um lado, e depois do outro.

- **Lado esquerdo, Israel, 390 anos.** À esquerda do cerco, em uma linha do tempo da direita para a esquerda, significa *depois*. Isso. Os 390 anos que Israel percorreu desde o cerco.
- **Lado direito, Judá, 40 anos.** Direito do cerco significa *antes* dele. Os 40 anos de Judá se estendem de forma a terminar com um cerco.

Se isso estiver correto, então Ezequiel recebeu não apenas duas durações, mas também duas direções, e o cerco representado no tijolo é o ponto de articulação de ambas as frases.

Agora, permita-me argumentar contra mim mesmo, porque você merece ver o contra-argumento em sua totalidade.

A objeção. Isso é muita importância para um detalhe posicional. Ezequiel é um profeta deitado na terra, não um desenhista produzindo um diagrama em escala. Se Deus quisesse dizer “estes anos vêm depois do cerco” e “estes vêm antes dele”, Ele tinha o vocabulário para dizer isso — o hebraico tem palavras perfeitamente comuns para antes e depois — e Ele as disse em outros trechos de Ezequiel com bastante facilidade. Inferir a ordem cronológica com base no lado do corpo sobre o qual um homem está deitado é uma inferência a partir de uma rubrica teatral. É inteligente. Inteligente não é o mesmo que verdadeiro.

Sinto a força disso.

O que eu responderia. Três coisas.

Primeiro, o detalhe é *especificado* duas vezes, e a especificação não funciona sob uma leitura puramente geográfica. Se esquerda e direita simplesmente identificam norte e sul, os lados são decorativos — o texto já nomeou ambas as

casas explicitamente na mesma frase. Deus deu a Ezequiel muitos atos simbólicos e os detalhes geralmente têm um significado.

Em segundo lugar, a grelha de ferro aponta na mesma direção. Numa leitura puramente geográfica, a grelha é uma barreira que não precisa de explicação, pois o cerco não precisa ser identificado. Na minha interpretação, a grelha identifica *qual* cerco — o malsucedido — e as laterais indicam a direção a partir dela. Os dois detalhes funcionam em conjunto, o que é uma evidência de que pertencem ao mesmo contexto.

Terceiro: **a leitura é confirmada a jusante, não a montante**. Ninguém chegaria a essa conclusão apenas com base em Ezequiel 4, lendo-o friamente. O que me leva a sustentar essa interpretação é que, ao analisarmos o contexto, ambas as frases terminam no mesmo ano por caminhos completamente diferentes, e esse ano também coincide com a localização de outros dois relógios. A leitura é justificada pelo que produz, não por sua própria evidência.

Essa é uma forma legítima de argumentação — é assim que uma hipótese se sustenta em qualquer disciplina —, mas não é a mais forte, e não vou tentar apresentá-la como tal. Se a convergência subsequente nos capítulos 6 e 7 não ocorrer, você deve abandonar esta leitura. Ela se sustenta ou fracassa de acordo com o que oferece.

Nível 3. Argumentado, não comprovado. A objeção mais forte apresentada na íntegra. É essa a situação atual, e agora você pode avaliá-la por si mesmo.

O que Ezequiel 4 nos ensina

- Duas nações, duas sentenças: 390 anos e 40 anos. (*Nível 2 — o texto diz isso.*)
- Um dia equivale a um ano. (*Nível 2 — versículo 6 afirma isso.*)
- Um cerco fracassado, marcado por uma barreira de ferro. (*Nível 3 — argumentado.*)
- Os anos de Israel avançam a partir desse cerco; os de Judá correm até um cerco. (*Nível 3 — argumentado, e este é o elo fraco.*)

O que Ezequiel 4 *não* nos dá é qualquer indício de que esses números possam ser multiplicados. Para isso, precisamos voltar novecentos anos, a um capítulo de Levítico que quase ninguém lê.

Capítulo 5 — Levítico 26: Multiplicado por sete

Levítico 26 é o capítulo onde Deus diz a Israel, antes mesmo de entrarem na terra prometida, exatamente o que acontecerá se o abandonarem nela.

Não é um capítulo agradável. É também o capítulo estruturalmente mais interessante da Torá, porque não ameaça com uma única punição. Ameaça com uma série crescente de punições, em etapas, com uma regra explícita para essa escalada — e declara essa regra quatro vezes separadamente.

v.18 — “Se, mesmo depois destas coisas, vocês não me obedecerem, eu os castigarei sete vezes mais pelos seus pecados.” **v.21** — “Se, então, vocês agirem com hostilidade contra mim e não quiserem me obedecer, multiplicarei a praga sobre vocês sete vezes, de acordo com os seus pecados.” **v.24** — “Então agirei com hostilidade contra vocês e eu mesmo os ferirei sete vezes mais pelos seus pecados.” **v.28** — “Então agirei com ira e hostilidade contra vocês e eu mesmo os castigarei sete vezes mais pelos seus pecados.”

Quatro advertências. Cada uma condicionada à recusa contínua. Cada uma especificando **sete vezes** .

A estrutura é inconfundível e intencional: trata-se de um sistema de penalidades graduais com um multiplicador definido. Seja lá o que “sete vezes” signifique, Deus o menciona quatro vezes em um capítulo, e cada vez que isso acontece, a condição é a mesma: *você ainda não se arrependeu*.

A questão central deste capítulo é...

Tudo agora depende de duas palavras hebraicas: **שבע** (*sheva*), sete, e a frase construída sobre ela.

Existem duas interpretações, e elas são genuinamente diferentes.

Leitura A — intensidade. “Sete vezes mais” significa sete vezes mais severo. Pior, mais difícil, mais completo. “Sete” é usado da maneira como as Escrituras frequentemente o usam, como o número da completude — uma medida plena e final de castigo. Nesta leitura, a frase não diz absolutamente nada sobre a duração de algo.

Leitura B — duração. “Sete vezes” multiplica a sentença. Se o prazo era de 390 anos e não houve arrependimento, o prazo passa a ser 390×7 .

A interpretação A é a posição majoritária. Deixo isso registrado com minhas próprias palavras. A maioria dos comentaristas, traduções e Bíblias de estudo interpretam a frase como intensificando a severidade, não estendendo o tempo. A tradução mais comum em inglês, “sevenfold” (sete vezes), sugere naturalmente grau em vez de duração. Se você perguntasse a estudiosos do hebraico, a interpretação A venceria com folga. Todos eles estão errados.

E este livro exige a Leitura B. Sem ela, não há frases multiplicadas, nem 2730 anos, nem 1960 anos, nem 2030. Este é o ponto crucial. Se a Leitura A estiver correta, feche o livro.

Então, deixe-me apresentar os argumentos a favor da opção B, e comece por admitir o que é verdade na opção A.

O que a leitura de intensidade acerta

O texto capta corretamente o contexto imediato. As punições listadas em Levítico 26 são qualitativas.

— terror, doenças debilitantes, derrota, seca, animais selvagens, cerco, canibalismo, exílio. Tudo isso aumenta em horror. Interpretar o multiplicador como uma intensificação desse horror se encaixa naturalmente no contexto.

E o número “sete” transmite, sem dúvida, a sensação de completude em toda a Escritura. Sete dias da criação. Vingança sétupla por Caim. Naamã mergulhando sete vezes. Perdão setenta vezes sete. Ninguém contando esses dias.

A leitura da intensidade não é forçada. É a leitura óbvia da frase isoladamente.

O argumento a favor da duração

Primeiro, a estrutura do capítulo, porque a argumentação depende dela e quase ninguém a define.

Acionar

Punição

Linha base	de vv. 14-15 — se vocês não obedecerem	vv. 16-17 · terror, doença debilitante, derrota
Escalada 1	v. 18 — <i>sete vezes mais</i>	vv. 19-20 · o céu é como ferro, a terra não produz nada.
Escalada 2	v. 21 — <i>sete vezes</i>	v. 22 · feras selvagens, crianças levadas, estradas desertas
Escalada 3	v. 24 — <i>sete vezes</i>	vv. 25-26 · espada, pestilência, pão por ração
Escalada 4	v. 28 — <i>sete vezes</i>	vv. 29-33 · canibalismo, cidades devastadas, espalhadas entre as nações

Quatro vezes, a mesma condicional: *vocês ainda não se voltaram para Mim* → *sete vezes*. E observem onde a última termina — no exílio, dispersos entre as nações.

Uma ressalva sobre essa tabela. Numerei essas escaladas de um a quatro, e seria fácil passar de "o capítulo menciona a regra quatro vezes" para "a regra é acionada exatamente quatro vezes e depois expira". O texto não diz isso. Ele nunca anuncia uma escalada final, nunca diz "*e depois disso não multiplicarei mais*". O que ele apresenta é uma condição — *se você ainda não mudar de direção, então sete vezes* — mencionada quatro vezes.

Se isso representa uma enumeração de quatro eventos distintos ou uma regra permanente reiterada quatro vezes para que Israel a levasse a sério, é uma questão de interpretação, e o texto deixa isso em aberto. Inclino-me para a regra permanente: uma condicional repetida de forma idêntica soa mais como uma política do que como uma lista, e a condição que a desencadeia nunca foi anulada. Não estou aqui para debater nada. Deus me enviou para lhes dizer o que é verdade, não para ser apenas mais um entre muitos estudiosos com opiniões. A leitura B – duração – é a única correta.

Agora, os argumentos — sete deles, aproximadamente do mais fraco ao mais forte, com uma exceção. O último está deliberadamente fora de ordem: é o argumento honesto, e honesto não é o mesmo que forte. Os argumentos quatro e cinco são o par em que o capítulo se baseia e devem ser lidos em conjunto.

Primeiro: o hebraico não é decisivo. A frase no versículo 18 é אֲתִיכֶם שֶׁבַע עָלֶיךָ בְּעֵצָה — *sheva al-chattotekhem*, sete sobre os teus pecados. É um advérbio e não está marcado. Não diz “sete vezes mais severamente”, nem “sete vezes mais longo”. Ambas as opções são gramaticalmente válidas. As traduções para o inglês que o traduzem como “sete vezes” fizeram uma escolha que o hebraico não impõe. Isso não prova a Leitura B — significa apenas que a porta não está fechada pela gramática, o que é um obstáculo menor do que pode parecer, mas que vale a pena estabelecer.

Segundo: a punição com a qual o capítulo termina, na verdade, é uma duração. Levítico 26 se intensifica através de seus quatro estágios, culminando no exílio — e então imediatamente mede esse exílio em *tempo*, e especificamente em anos sabáticos:

“Então a terra desfrutará dos seus sábados durante todos os dias da desolação, enquanto vocês estiverem na terra dos seus inimigos; então a terra descansará e desfrutará dos seus sábados.” — Levítico 26:34

O versículo seguinte reforça a mesma ideia: durante todos os dias da sua desolação, a terra observa o repouso que não observava enquanto Israel habitava nela.

Observe como isso é preciso. O quarto “*sete vezes*” está no versículo 28. A punição se estende até o versículo 33 e termina com a dispersão. E no versículo 34 — na linha seguinte — o texto declara como essa punição é medida: em uma contagem de anos. O multiplicador final e a duração contada estão adjacentes no texto, sem nada entre eles.

A lógica do próprio capítulo termina em aritmética. Um multiplicador associado a uma penalidade que o texto mede em anos é um multiplicador que está fazendo algo com os anos.

Três: foi assim que o exílio foi de fato calculado. Quando os setenta anos da Babilônia são relatados em 2 Crônicas 36:21, o Cronista recorre diretamente a Levítico 26 para...

O motivo: aconteceu “*para cumprir a palavra do Senhor, anunciada por Jeremias, até que a terra tivesse desfrutado dos seus sábados*”. O exílio é explicado como a retribuição dos anos sabáticos, e essa retribuição é contabilizada. E Daniel, em Daniel 9:2, interpreta os setenta anos de Jeremias como uma duração literal, contabiliza-os e ora quando esse período termina.

Portanto, temos precedentes canônicos exatamente para a operação que estou realizando: tomar um período de punição da Torá, tratá-lo como um número de anos, contá-lo e esperar que expire. Daniel fez isso. Não é uma tática incomum.

Quatro: sete vezes o quê , exatamente? Este não é um argumento com o qual comecei. Surgiu de uma objeção e mudou a forma como entendo toda a questão.

A severidade não é uma grandeza mensurável. Não existe uma unidade em que uma punição seja sete vezes maior que outra. Pergunte o que significaria uma fome ser exatamente sete vezes pior que uma fome anterior e a pergunta não terá resposta — não porque seja difícil de calcular, mas porque não há nada com que calcular.

A duração tem sim uma unidade: anos. Uma sentença de quarenta anos multiplicada por sete resulta em uma sentença de duzentos e oitenta anos, e qualquer pessoa pode verificar isso.

Agora, vamos analisar isso com mais atenção. Uma punição não é uma qualidade que flutua livremente no mundo; é algo infligido às pessoas, e infligir leva tempo. Portanto, toda punição tem duas dimensões — a severidade e a duração — e a punição *total* é o produto de ambas. Assim, quando o texto diz que a punição será sete vezes maior, está se referindo a esse total. E das duas dimensões que compõem o total, exatamente uma pode ter o fator sete de qualquer forma verificável.

Existe uma refutação real, e é a única saída. O número sete é uma expressão idiomática que expressa completude em toda a Escritura — “a vingança lhe será tomada sete vezes” em Gênesis 4:15 não é uma mera conta. Se *sete vezes* em Levítico 26 é uma expressão idiomática desse tipo, significa *plenamente* , e não carrega qualquer noção de quantidade.

Siga esse caminho e veja aonde ele leva. Se o número for puramente idiomático, então não está medindo nada, e as quatro afirmações não são uma sequência crescente — são a mesma coisa dita quatro vezes com ênfase crescente. As punições nos versículos 19, 22, 25 e 29 seriam quatro descrições de julgamento, e não quatro degraus de uma escada.

Então, há uma bifurcação, e ambos os caminhos levam a algum lugar com o qual posso trabalhar. Ou *sete vezes* é quantitativo — nesse caso, refere-se a um total que tem uma dimensão temporal, e a duração é a única dimensão na qual o fator pode ser verificado — ou não é quantitativo de forma alguma, caso em que a Leitura A também não é uma leitura sobre a gravidade sendo multiplicada. É uma leitura sobre Deus dizendo que *isso é sério* quatro vezes.

A leitura de intensidade sobrevive apenas nessa segunda forma, mais fraca. Ela não pode ser simultaneamente uma multiplicação real e uma multiplicação de algo imensurável.

Cinco: apenas uma das duas leituras pode estar errada.

Seguindo o argumento quatro um passo adiante, se o fator sete se refere à severidade, então se refere a uma quantidade que ninguém pode afirmar, medir ou verificar. Quão severa era a punição antes? Não é mencionado. Quão severa depois? Sete vezes mais. Durante qual período de tempo? Também não é mencionado — Levítico 26 não atribui nenhuma duração a nenhuma de suas escaladas.

Uma afirmação construída dessa forma não pode ser falsa. Não há observação, data ou cálculo que possa contradizê-la. Tudo o que acontecer a Israel ao longo de três mil anos pode ser descrito como sete vezes mais.

Agora, coloque a leitura da duração ao lado. Trezentos e noventa anos, multiplicados por sete, a partir de um início determinado, resultam em um ano — e esse ano está correto ou não. Um leitor crítico pode verificar com uma calculadora em menos de um minuto. Isso coloca o valor em risco.

Uma afirmação que não pode estar errada não faz nenhum trabalho. Isso não é uma preferência pela organização; é a diferença entre dizer algo e não dizer nada. Se *sete vezes* é uma multiplicação real de uma quantidade real, deveria ser possível, em princípio, descobrir que foi aplicada incorretamente. Apenas uma dessas duas interpretações torna isso possível.

Existe uma versão distorcida desse argumento bem próxima. Essa versão distorcida diz o seguinte: *a leitura da duração me dá um número e a leitura da gravidade não, portanto a leitura da duração está correta*. Isso não é um argumento, é uma preferência — e é exatamente o que um crítico quer dizer quando afirma que todo o sistema é raciocínio motivado. Querer uma resposta definitiva não é prova de que o texto a forneça. Muitos textos realmente não a fornecem.

A boa versão é uma afirmação sobre como o texto se comporta, não sobre o que

eu gostaria. **Observe o que Ezequiel realmente recebe.** Não é "ficar ali deitado por muito tempo". Trezentos e noventa dias, depois quarenta dias — e então, caso o ponto principal não seja compreendido, uma taxa de conversão explícita: *um dia para cada ano*. Deus quantificou a sentença e então disse ao profeta em qual unidade lê-la. Essa não é a linguagem da atmosfera. Números emitidos precisamente, com uma conversão declarada anexada, são emitidos para serem contados.

Compare isso com Levítico 26 e observe a economia da leitura. Há um multiplicador preciso em um capítulo e termos precisos em outro. Na leitura de duração, cada número em jogo interage com outro número e realiza uma ação. Na leitura de severidade, o multiplicador preciso nunca interage com os termos precisos — ele age, em vez disso, sobre algo não quantificado, enquanto 390 e 40 permanecem inativos após sua primeira expiração.

Isso não é prova. Deus não tem obrigação de tornar Seus números convenientes para mim, e um argumento baseado na economia de dados é, em última análise, um argumento sobre como um texto deve ser coerente.

Mas quando uma leitura deixa todas as quantidades mencionadas sem uso e a outra as utiliza todas, isso merece atenção — e, ao contrário da versão ruim, é uma afirmação sobre o texto, e não sobre minhas preferências.

Seis: a leitura sobre a severidade do capítulo se esgota antes que a história se esgote em termos de impenitente. Os argumentos quatro e cinco tratam do que as palavras podem significar. Este argumento trata da finalidade atual do capítulo.

Na interpretação de severidade, Levítico 26 descreve uma sequência fechada. Quatro intensificações, culminando no exílio, e então o capítulo, nos versículos 40 a 42, aborda a possibilidade de confissão. A escalada para. Como relato do que aconteceu com Israel até a Babilônia, funciona — e depois disso, não tem mais nada a dizer.

Mas a condição que motivou cada uma dessas quatro escaladas foi uma só: *vocês ainda não se voltaram para Mim*. E essa condição não terminou na Babilônia. A Casa de Judá não se voltou para o seu Messias em dois mil anos. Se o gatilho ainda está ativo e o texto parou, então Levítico 26 é um capítulo sobre os séculos VIII e VI a.C. e nada mais desde então.

Durante a leitura, o processo continua. Cada expiração não arrependida gera um novo prazo, e a aritmética do capítulo segue operando sobre uma nação que ainda se recusa.

Portanto, a questão não é apenas qual leitura do hebraico permite — ambas permitem. É qual leitura deixa Levítico 26 com algo a dizer sobre os últimos dois milênios.

Sétimo — e este é o que eu mais prezo — a leitura é justificada pelo que produz. A mesma admissão que fiz no Capítulo 4, e pela mesma razão. Aplique o multiplicador como duração às duas frases de Ezequiel 4 e ambas chegam ao mesmo ano, por caminhos diferentes, com multiplicadores diferentes, a partir de datas iniciais com oitocentos anos de diferença. Se a Leitura B estivesse errada, isso não deveria acontecer.

Prefiro mostrar esse raciocínio a escondê-lo. Trata-se de uma inferência para a melhor explicação, que é uma forma real de argumento e mais fraca do que uma prova.

Observe como os argumentos cinco e sete se encaixam, pois representam duas metades de uma mesma operação. O argumento cinco afirma que a leitura da duração faz uma afirmação que poderia ser falsa. O argumento sete afirma que, ao executar a verificação, ela não falha. Qualquer uma das metades isoladamente é fraca — uma afirmação falseável não é, por si só, verdadeira, e um resultado fortuito não prova nada se a afirmação jamais poderia ter sido falsa. Juntas, elas representam simplesmente a maneira de testar qualquer coisa: diga algo que possa ser falso e, em seguida, verifique.

A versão desse argumento que não vou imprimir.

O quarto argumento tem um primo mais estridente, e quero mostrar a vocês tanto a versão boa quanto a ruim, porque a diferença entre elas reside em toda a metodologia deste livro.

A versão mais contundente diz: a severidade multiplicada ainda precisa ser *aplicada*, e a aplicação leva tempo. O único prazo que o texto menciona para Judá é de quarenta anos. Portanto, a punição sete vezes pior deve durar mais quarenta anos — e quando isso terminar sem arrependimento, sete vezes pior novamente por mais quarenta. Ao longo de dois mil anos, isso corresponde a aproximadamente cinquenta períodos, e a severidade acaba sendo sete elevado à quinquagésima potência, um número com quarenta e dois dígitos. Ninguém sobreviveria a isso. Portanto, a severidade é impossível.

A primeira parte disso está correta, e é sobre ela que se baseia o quarto argumento. Uma punição precisa ser aplicada ao longo do tempo. A severidade não pode ser dissociada da duração. Essa observação é o que me leva a crer que a

leitura da intensidade está incompleta, e não apenas improvável.

A segunda metade é onde as coisas dão errado, e dão errado em dois pontos.

É necessário que a operadora atue por *mais quarenta anos especificamente*, e nada comprova isso.

Levítico 26 não menciona nenhuma duração. Nenhuma das quatro escaladas de punição tem um período definido; as punições nos versículos 19, 22, 25 e 29 simplesmente se estendem até a próxima escalada. Alguém que defenda a interpretação da intensidade pode dizer que a punição intensificada durou um período indeterminado, e o texto não o contradiz. Insistir que esse período deve ser de quarenta anos exige que eu importe o termo de Ezequiel para um capítulo que nunca o menciona — e importar minha própria estrutura para a posição do meu oponente é o mesmo erro que argumentar em círculo, só que melhor disfarçado.

E o número de quarenta e dois dígitos é a parte mais fraca de um bom argumento, não a mais forte. O problema real com a multiplicação da severidade sem limites não é que o número fique grande. É que *sete vezes pior do que sete vezes pior do que o exílio* não descreve uma situação real. O problema é a incoerência, não a magnitude — e esse é exatamente o ponto que o quarto argumento já aborda, sem o teatro.

Há uma terceira razão, e foi ela que me convenceu. Se eu admito que a severidade multiplicada exige um termo repetido, não refutei a leitura da intensidade — apenas a converti silenciosamente em uma leitura da duração e declarei vitória. Um oponente que realmente sustenta que *sete vezes* significa *plenamente, completamente, em boa medida*, não se compromete com nenhum termo repetido, portanto a redução ao absurdo nunca o alcança. Ela apenas derrota uma posição que ninguém defende. No entanto, é evidente que, se a punição é multiplicada "plenamente", então pode ser multiplicada "plenamente" novamente? Com ou sem arrependimento, a punição teria atingido seu limite de severidade.

Expliquei isso detalhadamente por uma razão que vai além deste argumento em si. Um número grande persuade desproporcionalmente ao seu conteúdo, e a escrita profética tem o hábito de recorrer a um. Se vou pedir que você verifique meus cálculos em todo o resto deste livro, preciso estar disposto a descartar o cálculo que mais me lisonjeia. Este me lisonjeou e não o publicarei.

Mais uma observação, já que estou aqui. Uma versão anterior deste capítulo argumentava que Levítico 26 limitava as escaladas a quatro — versículos 18, 21, 24, 28 — de modo que a severidade jamais poderia se acumular além de sete

elevado à quarta potência. **Essa interpretação também não estava disponível para mim. O texto em nenhum momento menciona um limite.** Eu estava interpretando um padrão com base em um limite, que é exatamente o tipo de interpretação que peço aos leitores que não façam ao longo deste livro. Essa interpretação foi corrigida.

Se a regra é indefinida, por que ela termina em 2030?

Essa é a questão que ficou pendente, e estou levantando-a antes que qualquer outra pessoa o faça.

Se Levítico 26 estabelece uma regra permanente em vez de uma lista de quatro, então a regra permanece em vigor sempre que um prazo expira sem arrependimento. A sentença de Judá foi multiplicada em 70 d.C. e novamente em 350 d.C. Quando o prazo atual terminar em 2030, com Judá ainda impenitente, por que a regra não se aplica simplesmente novamente — 1960 multiplicado por sete, ou seja, mais 13.720 anos?

Não há resposta aritmética para isso. A aritmética continuaria indefinidamente. A resposta precisa vir de fora da aritmética, e essa é a razão de ser deste livro: **a sequência não se esgota em termos de escaladas, mas sim em termos de tempo.** Levítico 26 não...

Termina em escalada. Termina, nos versículos 40 a 42, em confissão e numa aliança lembrada. As multiplicações não são o destino; são o que acontece enquanto o destino é recusado.

O que os capítulos 10 a 12 argumentam é que, em 2030, *a recusa cessa* — que, após o término da sentença, há cinco meses nos quais os impenitentes são expulsos, não destruídos, e então o Messias retorna e o acordo ao qual a sentença pertencia chega ao fim. Outra multiplicação exigiria mais treze mil anos de uma aliança que Deus disse que se lembrará.

Portanto, o ponto de parada não é lido no capítulo. Ele é lido em todo o resto deste livro — três outros relógios parando no mesmo ano, a contagem dos dias terminando nas festas de outono, a sequência de festas que Jesus ainda não completou. Se esses fatores falharem, então sim, a expectativa seria 13790 e não 2030.

Por que nunca foi uma questão de "ou isto ou aquilo".

Mais uma reflexão, e é a mais útil de todo o capítulo.

Inicialmente, apresentei a questão como duas interpretações concorrentes, A e B, e essa é a forma como a pergunta geralmente é formulada. Agora, acredito que essa formulação está incorreta, e o quarto argumento explica o motivo.

Uma punição tem duas dimensões — a severidade e a duração — e sua intensidade é o produto de ambas. Severidade sem duração não é uma punição mais leve; não é punição alguma, pois nada está sendo infligido a ninguém. Duração sem severidade é vazia da mesma forma. Nenhuma das dimensões existe isoladamente. Portanto, *“sete vezes a punição”* nunca foi uma escolha entre multiplicar uma dimensão ou outra. É uma afirmação sobre a intensidade, e essa intensidade é composta por ambas.

Isso significa que a Leitura A e a Leitura B não são rivais. A Leitura A descreve uma dimensão da coisa; a Leitura B descreve a dimensão em que o número pode ser efetivamente verificado. Se um homem não aprende com uma punição, prolongá-la e intensificá-la são o mesmo ato de uma autoridade paciente, não duas teorias concorrentes sobre o que essa autoridade quis dizer.

Isso não dissolve a objeção. A leitura da duração ainda precisa realizar os cálculos por si só, e ainda está no Nível 3 — você ainda está confiando na minha palavra de que anos são o que o sete representa. Mas se você chegou a este capítulo certo de

que Levítico 26 trata de severidade, observe que você pode estar completamente certo e este livro ainda funciona. Você estaria descrevendo a dimensão que eu não estou considerando. Nada disso elimina a outra dimensão.

O que Levítico 26 nos ensina

- Um multiplicador declarado: **sete** . *(Nível 2 — está no texto, quatro vezes.)*
- Um fator desencadeante declarado: **recusa contínua em se arrepender** . *(Nível 2.)*
- Uma estrutura definida: **quatro escalonamentos sucessivos** . *(Nível 2.)*
- O multiplicador aplica-se à *duração* da frase. *(Nível 3 — argumentado acima. A leitura minoritária. O ponto crucial deste livro.)*
- E uma observação sobre o valor desse status de minoria. A maioria lê *sete vezes*. Quanto à gravidade, e eu já afirmei categoricamente que a maioria está errada — argumentei que gravidade e duração são duas dimensões de uma mesma grandeza, que apenas uma delas pode apresentar um fator verificável de sete e que uma leitura que multiplica a dimensão imensurável precisa explicar o que está multiplicando. Essa é uma afirmação mais específica do que "todos os outros estão enganados", e é a única que preciso.

Duas frases de Ezequiel 4. Um multiplicador de Levítico 26. Esse é todo o conjunto de ferramentas. Agora vamos contar.

Capítulo 6 — O Relógio de Israel

Duas frases, um multiplicador, quatro regras de contagem. Agora vamos executar o primeiro relógio.

Onde tudo começa

Os 390 anos de Ezequiel pertencem à Casa de Israel, o reino do norte — as dez tribos que se separaram sob o comando de Jeroboão e nunca mais retornaram.

De acordo com a leitura argumentada no Capítulo 4, os anos de Israel situam-se à *esquerda* do cerco representado no tijolo, o que, numa linha do tempo hebraica da direita para a esquerda, significa que avançam **a partir dele** . E a grelha de ferro marca esse cerco como um que o sitiante não conseguiu suportar.

Há um registro de um cerco malsucedido a Jerusalém, em **701 a.C.**

Senaqueribe, rei da Assíria, atacou as cidades fortificadas de Judá e as conquistou. Depois, chegou a Jerusalém, mas não a tomou. 2 Reis 18–19 e Isaías 36–37 narram a história a partir da perspectiva interna — o tributo de Ezequias, o discurso do Rabsaqué junto ao muro, a palavra de Isaías, o anjo do Senhor ferindo o acampamento e Senaqueribe retornando a Nínive, onde seus filhos o mataram no templo de seu deus.

O relato assírio conta a mesma história de fora, e seu silêncio é mais eloquente que a palavra da Bíblia. O Prisma de Senaqueribe, os anais oficiais escritos por seus próprios escribas, vangloria-se da conquista de quarenta e seis das cidades muradas de Ezequias e de ter aprisionado o próprio Ezequias em Jerusalém *“como um pássaro engaiolado”*. E então para. Registra o tributo recebido. Nunca reivindica a cidade. Um rei assírio que conquistou uma capital o fez detalhadamente, com números. Este descreveu uma gaiola e seguiu em frente.

Nível 2. A data é fixada independentemente pelo cânone epônimo assírio, pelo Prisma e pelo relato bíblico, sendo tão segura quanto qualquer data no século VIII a.C. pode ser. Uma minoria de estudiosos propõe uma segunda campanha por volta de 688-686 a.C. para resolver uma dificuldade sobre a idade de Tirracá; a maioria defende uma única campanha em 701 a.C. Estou usando a data majoritária, que também é a tradicional.

não estou usando. O reino do norte caiu sob o domínio da Assíria e foi deportado por volta de 722 a.C. — Samaria foi sitiada por três anos e conquistada, a população reassentada e as dez tribos perdidas. Essa é a data mais provável para o início do castigo de Israel, e não é a data que eu uso. Não resulta em 2030; 722 a.C. + 2730 anos resulta em 2009, o que não é nada. Menciono isso porque quero que vocês vejam que eu sei que a alternativa existe e que ela não funciona, em vez de vocês a descobrirem e ficarem sem entender.

O início em 701 a.C. decorre do argumento do Capítulo 4 — o cerco malsucedido, marcado pela grelha — e não da busca por uma data inicial que produzisse a resposta desejada. Se você rejeitou o Capítulo 4, deve rejeitar este também. Essa é a dependência, declarada.

O primeiro período

701 a.C. + 390 anos = 311 a.C.

(Nível 1. Em numeração astronômica: $-700 + 390 = -310$, que é 311 a.C.)

A sentença original de Israel expirou em 311 a.C.

A Casa de Israel se arrependeu em 311 a.C.? Não. Não havia uma Casa de Israel para se arrepender — as dez tribos estavam dispersas entre as nações e assim haviam permanecido por quatro séculos. A sentença expirou e nada mudou.

Algo mais estava acontecendo em 311 a.C., e quero tratar disso com cuidado, porque esse é exatamente o tipo de detalhe que acaba sendo exagerado em livros como este.

O que é verdade: A primavera de 311 a.C. marca o início da Era Selêucida. Seleuco I reconquistou a Babilônia, e a era que se iniciou com essa reconquista tornou-se o calendário padrão de todo o Oriente Próximo por séculos. No calendário babilônico, adotado pelos judeus, o primeiro ano começa em 1º de Nisan — 3 de abril de 311 a.C.

E os judeus o adotaram. Chamaram-lhe *minyan shtarot*, a Era dos Contratos. É o sistema de datação usado em 1 Macabeus. Aparece em documentos legais judaicos, em contratos de casamento e contratos de compra e venda, há mais de mil anos. Muito depois de os reis selêucidas terem desaparecido, os escribas judeus ainda datavam seus documentos a partir do ano em que um general grego entrou na Babilônia.

Há uma imagem real aí. No ano em que a sentença de Israel expirou sem arrependimento, o povo judeu começou a datar seus próprios contratos pelo reinado de um rei gentio — e continuou fazendo isso por um milênio.

O que não é verdade, e o que não afirmarei: nada aconteceu na Judeia em 311 a.C. Nenhuma batalha, nenhuma conquista, nenhuma mudança de governante. Ptolomeu havia tomado a região em 312 a.C. e se retirado; Antígono a reocupou; a Paz dos Dinastas, em 311 a.C., deixou a questão em aberto e não resolveu nada de concreto. O domínio ptolomaico duradouro só chegou após Ipso, em 301 a.C.

Portanto, a importância de 311 a.C. é calendárica, não militar. É uma ressonância interessante, mas não constitui prova. A aritmética não depende disso de forma alguma, e se a Era Selêucida tivesse começado em um ano diferente, o relógio funcionaria exatamente da mesma maneira. Incluo essa informação porque é marcante e a destaco porque marcante não é o mesmo que probatória.

A multiplicação

Não há arrependimento. Aplica-se Levítico 26.

$$390 \times 7 = \mathbf{2730 \text{ anos}}$$

(Nível 1.)

Agora, uma pergunta que importa mais do que parece: **desde quando?**

Existem duas opções. Ou o mandato multiplicado começa em 311 a.C., quando o primeiro mandato expirou, ou substitui o mandato original e começa a valer a partir do cerco de 701 a.C.

Eu uso a segunda. A frase multiplicada começa em 701 a.C.

Eis o porquê. Levítico 26 não diz “e então acrescentarei um castigo ainda maior”. Diz *“Castigar-vos-ei sete vezes mais pelos vossos pecados”* — os mesmos pecados, punidos sete vezes. O objetivo da multiplicação é a própria sentença, não uma nova sentença acrescentada à antiga. Um juiz que multiplica uma sentença por sete não está acrescentando um período consecutivo; está proferindo uma nova sentença pela mesma ofensa. E uma sentença é cumprida a partir do ponto crucial em que a sentença original se baseava, que para Israel é o cerco de 701 a.C.

Guarde essa palavra — *dobradiça*. Ela terá um papel mais importante no próximo capítulo do que aqui, e se a regra que estou usando se revelar duas regras disfarçadas, é aqui que você me pegará em flagrante.

(Nível 3 — esta é uma escolha interpretativa e devo dizer isso. Se o termo multiplicado fosse calculado a partir de 311 a.C., teríamos 311 a.C. + 2730 = 2420 d.C., e não haveria livro. A escolha é importante e eu argumentei a favor dela, em vez de presumir que fosse verdadeira.)

O resultado

$$\mathbf{701 \text{ a.C.} + 2730 \text{ anos} = 2030 \text{ d.C.}}$$

(Nível 1. Astronômico: $-700 + 2730 = 2030$.)

Confira pelo método mais longo, se preferir. De 701 a.C. a 1 a.C. são 700 anos. Mais um ano e chegamos a 1 d.C. Isso significa que se passaram 701 anos, restando 2029 anos a partir de 1 d.C. — o que nos leva a 2030 d.C.

A sentença da Casa de Israel, multiplicada sete vezes conforme especificado em Levítico 26, expira em **2030**.

Um relógio não prova nada.

É isso que eu quero dizer.

Se esse fosse todo o argumento, eu não teria escrito um livro sobre o assunto. Uma simples cadeia aritmética, partindo de uma data de início contestada, passando por um multiplicador também contestado, até chegar a um ano-alvo, é exatamente o que se vê de fora quando se trata de ajuste de curvas, e eu desconfiaria disso nas mãos de outra pessoa.

Observe como grande parte deste capítulo se enquadra no Nível 3 em vez do Nível 1. Os cálculos são triviais.

— 390 vezes 7 não é uma soma difícil. Os *argumentos* estão todos nas opções: que a grelha marca um cerco fracassado, que o lado esquerdo significa avançar no tempo, que o multiplicador estende a duração, que o termo multiplicado recomeça do início original. Quatro julgamentos interpretativos, cada um defensável, nenhum certo, todos eles de minha responsabilidade defender.

É por isso que o segundo relógio é tão importante. Ele usa uma história diferente, uma data de início diferente, um número diferente de anos e um número diferente de multiplicações. Ele compartilha apenas duas coisas com este: o mesmo capítulo de Ezequiel e a mesma regra de Levítico.

Se a leitura estiver errada, o segundo relógio deverá parar em um local completamente diferente.

Capítulo 7 — O Relógio de Judá

A segunda frase de Ezequiel é mais curta e sua história está melhor documentada, pois percorre os eventos centrais do Novo Testamento.

“Quando tiveres cumprido estas obrigações, deita-te-ás uma segunda vez, mas sobre o teu lado direito, e levarás sobre ti a iniquidade da casa de Judá; a qual te designei por quarenta dias, um dia por cada ano.” — Ezequiel 4:6

Quarenta anos. Lado direito.

Na leitura do Capítulo 4, o lado direito em uma linha do tempo da direita para a esquerda significa *anterior* — os quarenta anos de Judá não começam em um cerco, mas sim **em direção a ele** . A frase termina em um cerco, em vez de começar nele.

Portanto, precisamos de quarenta anos que terminem com um cerco a Jerusalém. E existe um, e ele não é obscuro.

Da crucificação ao cerco

Jesus foi crucificado na Páscoa, em 5 de abril de 30 d.C.

(Nível 3. Essa data decorre do batismo de 26 d.C. e de um ministério de três anos e meio, e o batismo de 26 d.C. decorre da contagem da menoridade do décimo quinto

ano de Tibério em Lucas 3:1. Abordarei isso adequadamente mais adiante, pois é o quarto ponto fraco deste livro e não vou omiti-lo em uma oração subordinada.)

Quarenta anos depois, na Páscoa de 70 d.C., Tito cercou os muros de Jerusalém.

A escolha do momento não foi mera coincidência para o horror do ocorrido. Josefo descreve uma cidade repleta de peregrinos da Páscoa quando as linhas romanas se fecharam — a população presa dentro da cidade era composta por pessoas que estavam lá durante o festival, não por residentes, e é por isso que a fome que se seguiu foi tão catastrófica. O cerco começou na Páscoa.

30 d.C. + 40 anos = 70 d.C.

(Nível 1.)

Quarenta anos, de Páscoa a Páscoa, da crucificação ao cerco. E, nesse meio tempo, uma decisão nacional.

Jesus havia dito para que serviam os quarenta anos. *“Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta!”* (Mateus 23:37-38). E a caminho da cruz: *“Porque virão dias em que os teus inimigos levantarão trincheiras contra ti, e te cercarão, e te apertarão por todos os lados, e te arrasarão por terra, a ti e aos teus filhos que estão dentro de ti, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste o tempo da tua visita.”* (Lucas 19:43-44).

Quarenta anos de pregação dos apóstolos nos pátios do Templo. Quarenta anos da oferta em aberto. Quarenta é o número bíblico para um período de provação — o deserto, o dilúvio, Jonas em Nínive, Moisés na montanha, o Senhor no deserto. Estes foram os quarenta anos de Judá.

A correção que te devo

Aqui está o segundo dos dois erros que prometi mostrar a vocês.

No meu primeiro livro, escrevi que o Templo foi destruído “durante a Páscoa, em 70 d.C.”. Isso está errado, e vale a pena ser preciso sobre o que realmente aconteceu, porque a versão corrigida é a que o argumento precisa.

O cerco começou na Páscoa judaica — 14 de Nisan, por volta de meados de abril de 70 d.C. O Templo foi incendiado em 9 ou 10 de Av, aproximadamente três meses e meio depois, na primeira semana de agosto. Flávio Josefo registra o décimo dia de Av; a Mishná registra o nono, e a tradição judaica mantém o nono dia desde então como Tisha B'Av, o jejum em memória de ambos os Templos.

Eu havia condensado um cerco de quatro meses em um único evento. Erro comum. Ainda é meu.

Mas observe o que a correção faz. O relógio de Judá precisa correr de Páscoa a Páscoa para terminar na Páscoa de 2030 — e o cerco, não a queima, é o evento da Páscoa. Crucificação na Páscoa de 30 d.C., cerco na Páscoa de 70 d.C. Quarenta anos, festa após festa, tudo limpo.

A versão errada dos fatos estava tornando o argumento mais confuso. A versão correta o torna mais conciso. Geralmente é assim que acontece quando você revisa seu próprio trabalho, e esse é o melhor argumento que conheço para fazê-lo.

A primeira multiplicação

Será que Judá se arrependeu até o ano 70 d.C.? A cidade caiu, o Templo foi incendiado, os sacrifícios cessaram e nunca mais foram retomados. A nação não se voltou para o seu Messias.

Aplica-se Levítico 26.

$$40 \times 7 = \mathbf{280 \text{ anos d.C.}} \quad \mathbf{70 + 280 = 350 \text{ d.C.}}$$

(Nível 1.)

E aqui, novamente, tenho algo a corrigir em vez de afirmar algo.

Há um evento real nas proximidades. A revolta judaica contra Constâncio Galo eclodiu em **351**, não em 350 — Galo foi nomeado César em março de 351, a revolta se seguiu, e Ursicino a reprimiu com força, arrasando Diocesareia (Séforis) e devastando Tiberíades e Lida.

Isso é adjacente. Não é exato, e vou chamá-lo de adjacente em vez de arredondá-lo para um acerto. Nada específico é atestado no próprio ano 350 d.C. Eu poderia chegar a 351 ajustando uma data inicial ou contando inclusivamente onde contei exclusivamente em outros lugares, e não vou fazer isso, porque no momento em que começo a forçar as convenções para criar uma ressonância, deixo de fazer aritmética e começo a fazer outra coisa.

A aritmética não precisa disso. O ano 350 d.C. é um ponto de referência em uma cadeia, não uma prova concreta. A cadeia está correta mesmo que nada tenha acontecido naquele ano.

A segunda multiplicação

Ainda sem arrependimento. Portanto, a regra se aplica novamente — e este é o quarto estágio da escalada descrita em Levítico 26, o último do capítulo.

É aqui que eu quero mudar a forma como isso é escrito normalmente, inclusive por mim.

A forma natural de escrever o próximo passo é $280 \times 7 = 1960$. Isso está correto, e suscita uma objeção óbvia: 280 parece um número escolhido simplesmente por levar você aonde quer chegar.

Mas 280 não é um número independente. É 40×7 . Portanto, a segunda multiplicação é:

$$40 \times 7 \times 7 = 40 \times 7^2 = 1960 \text{ anos}$$

A sentença original de Judá, de quarenta anos, multiplicada por sete **duas vezes** .

Isso não é uma mera reformulação estética. Levítico 26 não descreve uma única multiplicação; descreve uma *série* delas, em quatro estágios, cada um desencadeado pela mesma recusa contínua. Uma frase que passou por dois estágios dessa escalada é a frase original multiplicada por sete ao quadrado. Escrita como 40×7^2 , a justificativa de Levítico é visível na própria expressão. Escrita como 280×7 , parece um número arbitrário recebendo um aumento arbitrário.

A mesma aritmética, com sua origem na página.

$$70 \text{ d.C.} + 1960 \text{ anos} = 2030 \text{ d.C.}$$

(Nível 1.)

Uma regra ou duas? — a pergunta fundamental

Agora observe atentamente a âncora, pois é ali que um leitor atento deve pegar uma caneta.

de Israel começou em 701 a.C. — o *início* de sua sentença original. O de Judá começa em 70 d.C. — o *fim* do dela. Sua sentença começou com a crucificação em 30 d.C.

Para sermos claros: parecem ser duas regras diferentes. E se forem mesmo duas regras diferentes, escolhidas porque cada uma delas resulta em 2030, então este livro está fazendo exatamente o que acusa todos os outros de fazerem. Execute a alternativa e veja o quanto depende disso. Israel, desde o final do seu mandato, é $311 \text{ a.C.} + 2730 = 2420 \text{ d.C.}$ Judá, desde o início do seu mandato, é $30 \text{ d.C.} + 1960 = 1990 \text{ d.C.}$ Nenhum dos dois sobreviveu. Ambos os relógios são sensíveis à âncora, e eu escolhi a âncora que funciona em cada caso.

Portanto, devo a vocês uma regra que seja verdadeiramente uma única regra.

Eis aqui. **O termo multiplicado parte do cerco — em ambos os casos.** O cerco é a dobradiça. É o elemento que Ezequiel desenhou no tijolo, em torno do qual construiu suas obras de cerco e colocou a grelha de ferro em frente, e que se encontra no centro de todo o sinal. O cerco de Israel ocorreu em 701 a.C. O cerco de Judá em 70 d.C. Ambas as frases multiplicadas partem do cerco que lhes pertence.

O que os dois lados fornecem não são duas regras. Trata-se da posição da sentença *original de cada nação* em relação ao seu cerco — e é precisamente para isso que serviu o corpo de Ezequiel. Lado esquerdo, Israel: seus 390 anos situam-se à esquerda do cerco em uma linha do tempo da direita para a esquerda, portanto, avançam a partir dele, e seu cerco ocorre, conseqüentemente, no *início* de seu período. Lado direito, Judá: seus 40 anos situam-se à direita, portanto, aproximam-se de um cerco, e seu cerco ocorre, conseqüentemente, no *final* de seu período.

Uma regra para a multiplicação: considere o cerco. Uma regra para a geometria: o lado indica em qual extremidade do termo original o cerco se inicia. O cerco de Israel abre sua sentença; o cerco de Judá fecha a dela. É por isso que 701 a.C. é o início de uma contagem e 70 d.C. é o início da outra, e não se trata de uma convenção que eu mudei no meio do caminho.

Duas observações sobre isso.

Não se trata de afirmar que o tempo corre para trás. Os quarenta anos de Judá correram para a frente como os de todos os outros — de 30 d.C. a 70 d.C. Os lados se referem à posição em um diagrama, não à direção em que os anos são vividos. Uma vez que o prazo original expira sem arrependimento, o novo prazo é cumprido a partir da dobradiça, pois essa é a única direção em que uma sentença pode ser cumprida.

E isso faz com que o Capítulo 4 tenha um peso maior do que tinha há uma hora. A leitura esquerda-direita já era a maior dependência interpretativa deste livro. Agora, ela fornece tanto as âncoras quanto as direções. Se esses lados significam apenas *norte* e *sul* — o que é perfeitamente razoável de se pensar, e eu disse isso no Capítulo 4 — então o relógio de Judá não tem nenhuma razão fundamentada para começar em 70 d.C. em vez de 30 d.C., e 30 d.C. corresponde a 1990. Toda a estrutura depende desse único detalhe: onde um profeta estava deitado. Eu o afirmo em uma frase para que ninguém precise se esforçar para encontrá-lo.

A Páscoa de 70 d.C. mais 1960 anos é a **Páscoa de 2030** .

Dois relógios, sem entradas compartilhadas

Coloque -os lado a lado.

Casa de Israel

Casa de Judá

Sentença (Ezequiel 4)	390 anos	40 anos
Começar	701 a.C.	30 d.C.
Direção a partir do cerco	para a frente (lado esquerdo)	em direção a ele (lado direito)
O primeiro mandato expira	311 a.C.	70 d.C.
Multiplicações	um	dois
Termo multiplicado	$390 \times 7 = 2730$	$40 \times 7^2 = 1960$
Corre de	701 a.C.	70 d.C.
Expira	2030 d.C.	2030 d.C.

Observe o que essas duas colunas *não* têm em comum.

Frases diferentes — 390 e 40, nenhuma derivada da outra. Datas de início diferentes, separadas por sete séculos, estabelecidas a partir de eventos históricos completamente distintos e com argumentos totalmente diferentes. Direções diferentes na linha do tempo. Números diferentes de multiplicações — uma e duas. Termos finais diferentes — 2730 anos e 1960 anos.

Eles têm exatamente duas coisas em comum: o capítulo de Ezequiel que os designa e a regra de Levítico que os multiplica.

E expiram no mesmo ano.

Eu disse no Capítulo 3 que um sistema que descreve algo real tende a produzir resultados para os quais não foi projetado. Este é o primeiro deles. Eu poderia ter escolhido a data de início de Judá para que isso funcionasse — mas não a escolhi, a crucificação sim, e os quarenta anos até o cerco são simplesmente o que a história nos dá. A convergência é uma coincidência ou é o próprio evento.

Uma coincidência é suportável. O capítulo 9 tem mais dois relógios.

Antes de prosseguirmos: o quarto elo fraco

Eu disse que havia quatro pontos em que eu apontaria meu próprio argumento como fraco. O capítulo 2 tinha o calendário. O capítulo 4 tinha a leitura da esquerda e da direita. O capítulo 5 tinha a leitura da duração de Levítico 26. Aqui está o quarto ponto, e ele pertence a este capítulo porque o relógio de Judá começa com ele.

A data da crucificação em 30 d.C. depende de uma posição acadêmica minoritária.

A sequência é a seguinte: Lucas 3:1 data o ministério de João, e consequentemente o batismo de Jesus, no décimo quinto ano do reinado de Tibério César. Jesus tinha cerca de trinta anos (Lucas 3:23). O ministério durou três anos e meio, abrangendo quatro Páscoas (João 2:13, 5:1, 6:4, 11:55). Portanto: décimo quinto ano de Tibério, mais três anos e meio, resulta na crucificação.

Tudo começa quando Tibério completa quinze anos.

A maioria dos cronologistas considera a morte de Augusto em 19 de agosto de 14 d.C. — a data em que Tibério se tornou imperador *único* e a data a partir da qual Tácito, Suetônio e Dião Cássio começam a contar seu reinado. Isso situa o décimo quinto ano no final de 28 d.C. ou início de 29 d.C., e a crucificação por volta de 32 ou 33 d.C. Essa é a posição predominante e é defendida pela maioria dos historiadores e estudiosos do Novo Testamento. Mais uma vez, a maioria está errada.

A contagem da minoria parte da partir da corregência de Tibério — a concessão de autoridade igualitária sobre as províncias, feita por volta de 11 a 13 d.C., descrita por Veleio Patérculo, que estava vivo na época. Isso situa o décimo quinto ano por volta de 26 d.C., e a crucificação em 30 d.C.

Eu uso o método das minorias. Ele indica 26 d.C. e 30 d.C.

Há uma segunda dependência dentro desta, e ela pertence a este ponto, e não a uma nota de rodapé. O ministério de três anos e meio se baseia na contagem de quatro Páscoas no Evangelho de João. Três delas são explícitas — 2:13, 6:4 e 11:55 mencionam a Páscoa. A quarta, João 5:1, diz apenas “uma festa dos judeus”, sem o artigo definido, e um corpo substancial de estudiosos a interpreta como alguma outra festa; Pentecostes e Tabernáculos são ambas propostas comumente. Portanto, a leitura das quatro Páscoas também é fundamental e é contestada.

Ambas as hipóteses são defensáveis. Lucas escrevia para um público provincial nas províncias orientais, onde a autoridade de Tibério era exercida a partir da corregência; um décimo quinto ano, contado a partir da concessão provincial, seria compreensível para Teófilo. Além disso, a data de 30 d.C. possui amplo respaldo, incluindo uma quarta-feira, 14 de Nisã, que se encaixa na cronologia da semana da paixão.

Mas vou dizer que a questão está resolvida, porque está, mas um leitor que verificar encontrará a maioria contra mim em cerca de dez minutos.

Eis o que está em jogo. Se a crucificação tivesse ocorrido em 33 d.C. em vez de 30 d.C., os quarenta anos de Judá se estenderiam até 73 d.C. em vez de 70 d.C. — e 73

d.C. não se refere ao cerco de Jerusalém durante a Páscoa; refere-se à queda de Massada. O relógio não se fecharia. **O relógio de Judá exige a data de 30 d.C.**

O relógio de Israel não. Ele está ancorado em 701 a.C. e não se relaciona com nada disso.

Portanto, das minhas duas frases, uma depende de uma cronologia contestada e a outra não, e ambas convergem para o mesmo ano. Isso tem valor. Não vale a pena fingir que a contestada não o é.

Esse é o conjunto completo da Parte II: o calendário no Capítulo 2, a leitura da esquerda e da direita no Capítulo 4, a leitura da duração no Capítulo 5 e a cronologia do Novo Testamento aqui — que na verdade são duas ligações, o cálculo de Tibério e a leitura das quatro Páscoas, e ambas sustentam a data de início de Judá.

Esses são os pontos que você deve pressionar se quiser desvendar os mistérios deste livro.

A Parte II termina aqui. O Capítulo 8 aborda as setenta semanas de Daniel — a estrutura que sustenta as datas próximas. Em seguida, a Parte IV coloca mais dois relógios em movimento e questiona o quão independentes são, de fato, os quatro.

PARTE III — AS SETENTA SEMANAS

A estrutura na qual as datas próximas se baseiam.

Capítulo 8 — As Setenta Semanas de Daniel

Até agora, tudo foi construído a partir de dois capítulos: Ezequiel 4, que atribui as sentenças, e Levítico 26, que as multiplica. Esses dois capítulos representam um ano.

Este capítulo é diferente. Daniel 9 não prevê o ano de 2030, e não vou fingir que prevê. O que ele apresenta é a estrutura que torna as datas próximas inteligíveis — onde estamos em uma sequência decretada, por que ainda faltam três anos e meio e por que a tribulação de sete anos que a maior parte do mundo cristão

espera é uma duplicação de algo que já aconteceu pela metade.

Se os capítulos 6 e 7 informam o ano, este capítulo informa a forma.

Contém também o versículo mais mal interpretado em toda a literatura profética, e por volta de dois terços do texto, dedicarei algum tempo a ele, porque tudo em que a maioria das pessoas acredita sobre o fim dos tempos se baseia na leitura de uma única frase, interpretada de uma maneira específica.

Aqui está a profecia completa. Leia-a antes que eu diga qualquer coisa sobre ela.

24 *“Setenta semanas foram decretadas para o teu povo e para a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão, para dar fim ao pecado, para fazer expiação pela iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos.*

25 *Saibam e entendam que, desde a publicação do decreto para restaurar e reconstruir Jerusalém até a vinda do Messias, o Príncipe, haverá sete semanas e sessenta e duas semanas; ela será reconstruída, com praça e fosso, mesmo em tempos de angústia.*

26 *Então, depois das sessenta e duas semanas, o Messias será morto e não terá nada, e o povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário. E o seu fim virá com uma inundação; até o fim haverá guerra; as desolações estão determinadas.*

27 *Ele firmará uma aliança com muitos por uma semana, mas na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de cereais; e sobre a asa das abominações virá o desolador, até que a destruição completa, que está decretada, seja derramada sobre o desolador.*

— Daniel 9:24-27

As semanas são setes

Uma questão de vocabulário antes de qualquer outra coisa, porque o inglês o esconde.

A palavra traduzida como *semana* é שָׁבֻעַ (*shavua*), e não significa uma semana de dias. Significa **sete** — uma unidade de sete, seja lá o que estiver sendo contado. O hebraico tem um sábado de dias e um sábado de anos; Levítico 25 constrói toda uma economia em ciclos de sete anos, e Daniel acabou de ler Jeremias sobre setenta anos de exílio, que 2 Crônicas 36:21 explica como a terra pagando pelos seus *anos de sábado não guardados* .

Portanto, setenta e setes são setenta e setes de anos: **490 anos** . Essa leitura não é controversa. Ela é aceita em todo o espectro interpretativo, por pessoas que concordam em praticamente nada mais neste trecho.

O placar: seis coisas que precisam acontecer

O versículo 24 é a parte que quase ninguém lê com atenção, e é a parte que decide se as setenta semanas terminaram.

Seis coisas estão decretadas para serem realizadas dentro deles:

Meta	Status
1 para terminar a transgressão	feito na cruz
2 para pôr fim ao pecado	feito na cruz
3 fazer expiação pela iniquidade	feito na cruz
4 para trazer justiça eterna	discutível — veja abaixo
5 para selar a visão e a profecia	ainda não
6 ungir o Santíssimo	ainda não

Os itens de um a três são obra do Calvário e não creio que um cristão possa interpretá-los de outra forma. *“Ora, na consumação dos séculos, ele se manifestou uma vez por todas para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo”* (Hebreus 9:26). A expiação foi feita. A transgressão foi consumada. Esse é o evangelho.

Os itens cinco e seis claramente não aconteceram. Visões e profecias não estão seladas — ainda as lemos, ainda debatemos sobre elas, ainda escrevemos livros como este. E nenhum santíssimo foi ungido.

O item quatro é aquele que não se encaixa perfeitamente. *A justiça eterna* começou na cruz no sentido de que uma justiça que não era nossa foi disponibilizada; ela não chegou no sentido de que o mundo está cheio dela. Os comentaristas divergem. Eu a considero como iniciada e não consumada, e a sinalizo em vez de incluí-la na coluna que me ajuda.

Eis por que o registro das semanas é importante. Se as setenta semanas foram concluídas no primeiro século, então a visão e a profecia estão seladas e o Santíssimo foi ungido, e nenhuma das duas é verdadeira. Se elas se afastam continuamente do decreto, terminaram há muito tempo com um terço de seu propósito inacabado. Algo na sequência está incompleto — e essa não é uma conclusão que estou apresentando, mas sim o que o versículo 24 exige de qualquer pessoa que o leia.

O decreto e os 483 anos

O versículo 25 dá o pontapé inicial: *“com a promulgação de um decreto para restaurar e reconstruir Jerusalém”*.

Quatro decretos persas são propostos como candidatos, e apenas um deles se encaixa na descrição. Ciro, em 538 a.C., autorizou a reconstrução do templo, não da cidade. Dario, em 520 a.C., confirmou essa mesma obra no templo. Artaxerxes, em 445 a.C., autorizou Neemias a reconstruir os muros — um decreto sobre fortificação, emitido a um copeiro.

O decreto de Artaxerxes a Esdras, no sétimo ano de seu reinado, é o que corresponde às palavras. Ele autoriza a restauração, financia o serviço do templo, instala magistrados e juízes e restabelece a lei de Deus como a lei da terra — a restauração de uma entidade política, não meramente o reparo de obras em pedra. Esdras 7 registra isso.

Este livro data esse decreto de 458 a.C., e o Apêndice E explica por que 457 a.C. é a alternativa mais comum e o que causa a diferença. Ambas as datas são defensáveis; a divergência surge da questão de se os anos de reinado persas são contados segundo a convenção do ano de ascensão e se a contagem começa na primavera ou no outono. Eu uso 458 a.C. e faço questão de afirmar isso, em vez de apresentar a questão como definitiva.

Agora a contagem:

7 semanas × 7	49 anos	458 a.C. → 409 a.C.
62 semanas × 7	434 anos	409 a.C. → 26 d.C.
69 semanas × 7	483 anos	458 a.C. → 26 d.C.

(Aritmética de nível 1, calculada em anos astronômicos, portanto o ano zero ausente não pode afetar: −457)

+ 483 = 26. O caminho mais longo: de 458 a.C. a 1 a.C. são 457 anos, mais um ano até chegar a 1 d.C., restando 26 anos para o fim.

As primeiras sete semanas têm uma referência óbvia: o versículo 25 diz que a cidade *“será reconstruída, com praça e fosso, mesmo em tempos de angústia”*, e quarenta e nove anos de reconstrução sob oposição é exatamente o que Esdras e Neemias descrevem.

Messias, o Príncipe — a unção, não o nascimento

As sessenta e nove semanas se estendem “até o Messias, o Príncipe”. Até o quê, precisamente? Ele nasceu, foi batizado, entrou em Jerusalém, foi crucificado. Qual desses eventos encerra a contagem?

O título decide tudo. **Messias** — מָשִׁיחַ . מָשִׁיחַ (*mashiach*) — significa *ungido* . O termo não é nascimento. É uma unção.

Jesus foi ungido em Seu batismo, quando o Espírito Santo desceu sobre Ele, e o Novo Testamento afirma isso nessas palavras. Pedro, pregando na casa de Cornélio: *"Vocês sabem a respeito de Jesus de Nazaré, como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder"* (Atos 10:38). E o próprio Jesus, na sinagoga de Nazaré, lendo Isaías em voz alta e aplicando-o a si mesmo naquele dia: *"O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu"* (Lucas 4:18).

Assim, as sessenta e nove semanas terminam no Jordão, em 26 d.C., quando o Messias foi ungido e apresentado. Lucas 3:1 data esse evento como o décimo quinto ano de Tibério, e o Capítulo 7 já deixou claro que este livro usa a contagem minoritária desse décimo quinto ano, enquanto a maioria o situa dois anos depois. Essa fragilidade pertence tanto a este capítulo quanto ao Capítulo 7, e não vou deixá-la passar despercebida no capítulo que mais afeta.

"Após as sessenta e duas semanas" — o primeiro intervalo, e é pequeno.

O versículo 26 começa: *"Então, depois das sessenta e duas semanas, o Messias será morto"*.

Lendo rapidamente, o texto diz que a crucificação ocorre no final da sexagésima nona semana. Lendo como está escrito, diz algo mais flexível e útil: **depois**. Não *na*. Não *na última semana*. Depois.

O hebraico tem maneiras de dizer *"imediatamente"*, e esta não é uma delas. A palavra é uma preposição de sequência e deixa o intervalo implícito.

Isso é importante porque o intervalo não foi insignificante. O Messias foi ungido em 26 d.C. e morto na Páscoa de 30 d.C. — três anos e meio de ministério público entre os dois eventos, quatro Páscoas, o período completo dos Evangelhos.

Observe a relação entre os versículos 25 e 26. O versículo 25 menciona **um** evento e o menciona com exatidão: 483 anos, até a unção. O versículo 26, então, relata um segundo evento e o conecta ao primeiro com uma palavra não quantificada. **O número é preciso e a conexão é clara, e cada um cumpre exatamente o que promete**. Nada aqui está sendo distorcido. Um livro que afirmasse que os setes eram flexíveis teria que explicar os 1260 dias posteriormente; um livro que observa que *"depois"* não é uma medida não afirma absolutamente nada sobre os setes.

Guarde essa distinção. Ela retorna no Capítulo 11 de uma forma diferente.

Dois Homens em Um Verso

Tudo neste livro que diz respeito à septuagésima semana de Daniel gira em torno de um único versículo e de uma pergunta que esse versículo nunca responde diretamente: **quem é “ele”?**

“Ele firmará uma aliança com muitos por uma semana, mas na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de cereais; e sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição completa, que está decretada, seja derramada sobre o assolador.” — Daniel 9:27

Leia como se fosse um só homem do começo ao fim e você chegará à interpretação que a maioria dos cristãos aprendeu: um anticristo vindouro assina um tratado de sete anos com Israel, quebra-o depois de três anos e...

Meio ano, interrompe os sacrifícios em um templo reconstruído e estabelece a abominação. Cada elemento da cronologia popular do fim dos tempos é construído sobre essa interpretação de uma única frase.

Leia como se fossem dois homens e você entenderá o argumento deste livro: o Messias confirma a aliança e põe fim ao sistema sacrificial ao cumpri-la, e uma segunda figura — o desolador — aparece na segunda metade do versículo.

Portanto, toda a estrutura se baseia em onde, e se, o assunto muda. Aqui estão três testes, e todos os três são coisas que você pode verificar no próprio texto, em vez de tirar de mim.

Teste um — a gramática marca a mudança

Observe como as duas metades se referem aos seus respectivos assuntos.

A primeira metade não tem nenhum ator nomeado. Dois verbos na terceira pessoa, ambos com o sujeito dentro do verbo: **יִרְבֵּה וְהִגְבִּיר** (*vehigbir*), “e ele tornará forte”, e **יָשֻׁבַּ תִּיבֹשׁ** (*yashbit*),

“Ele fará cessar.” Sem substantivo. Espera-se que o leitor deduza o sujeito do versículo 26.

Então a segunda metade para de fazer isso. Ela fornece um ator: **מִן שׁוֹמֵם** (*meshomem*), um particípio

— “aquele que causa desolação”, um desolador. E repete isso no final com **שׁוֹמֵם** (*shomem*).

Esse é um sinal estrutural real e é fácil de passar despercebido em inglês. O hebraico não introduz um novo nome para um sujeito que já está em andamento. Você mantém um sujeito implícito enquanto ele permanecer o mesmo e nomeia um novo quando ele muda. O versículo começa com um “ele” não nomeado e, em seguida, nomeia alguém.

Isso por si só não revela *quem* é o homem sem nome. Revela que o homem no final do versículo não é simplesmente o mesmo homem do início, ou seja, da continuação do mesmo.

Teste dois — o verbo "pacto" é o verbo errado para fazer um pacto.

O hebraico possui uma expressão idiomática padrão para firmar uma aliança, e não é a mesma usada por Daniel.

A expressão comum é **יָרַת בְּרִית** (*karat berit*), “fazer uma aliança” — a expressão usada quando Deus faz uma aliança com Noé, com Abraão, no Sinai,

com Davi. Ela aparece em todo o Antigo Testamento. Se Daniel quis dizer que alguém *faz* uma aliança, essa é a expressão que está à mão.

Ele não o usa. Ele escreve **יִרְתֶּב יִרְבֶּה** — o Hifil de **גָּבַר** (*gabar*), cujo sentido é ser forte, prevalecer, tornar poderoso. No causativo, significa fortalecer, reforçar, firmar.

Não se fortalece algo que ainda não existe. O verbo pressupõe uma aliança já em vigor e descreve alguém que a fortalece — o que descreve o que o Messias fez com a aliança que Deus já havia estabelecido, e é uma forma estranha de descrever a assinatura, pela primeira vez, de um tratado de sete anos.

Observe também com quem é a aliança: **יִם בִּלְרֵ** (*la-rabbim*), “com os muitos”. Essa frase não é

Neutro. É o vocabulário do Servo de Isaías, que *“justificará a muitos”* e *“levou sobre si o pecado de muitos”* (Isaías 53:11-12) — e é o vocabulário que Jesus usou à mesa: *“este é o meu sangue da aliança, que é derramado por muitos para remissão dos pecados”* (Mateus 26:28). Aliança, derramada, por muitos. Ele está citando este versículo.

Teste três — o homem no final do versículo é o homem sobre quem recai o julgamento.

Esta é a mais forte das três em inglês, e vem com uma condição que mencionarei no final, em vez de omiti-la.

Siga a última cláusula até o fim. Destruição — *“uma destruição completa, aquela que é decretada”*

— é **derramado sobre aquele que causa desolação.**

Quem quer que seja o sujeito da segunda parte, é sobre ele que recai a destruição decretada. Ele não está apenas atuando; ele está sendo sentenciado.

Agora pergunte se essa mesma pessoa pode confirmar a aliança com muitos.

Não pode. Não por razões doutrinárias — mas sim com base na sentença. Uma figura fortalece uma aliança e põe fim ao sistema sacrificial. A outra comete abominações, causa desolação e recebe sobre si o juízo. Um único sujeito teria que ser, ao mesmo tempo, o confirmador da aliança e o alvo da ira decretada, tudo em um único versículo.

Essa é a interpretação mais clara possível: o tema da segunda metade é definido pelo verso como aquele sobre quem a destruição recai.

E agora, a condição que prometi.

A última palavra do verso é **שׁוֹמֵם** (*shomem*), e as traduções divergem quanto a isso. NASB, ESV, NIV, NET, CSB e NLT leem como um agente — *o desolador* , aquele que causa a desolação.

As versões King James (KJV), New King James (NKJV) e American Standard Version (ASV) interpretam o termo como um estado — *o desolado* , significando a cidade ou o povo em ruínas. Na interpretação mais antiga, a destruição recai sobre a vítima, e não sobre o perpetrador, e esse teste perde sua força decisiva.

Eu uso a NASB, e o consenso moderno é a favor dela. Mas um leitor que trabalha com a Bíblia King James tem uma dúvida genuína aqui e merece ser informado disso, em vez de descobrir a resposta por conta própria.

O que sobrevive de qualquer maneira : a *primeira* das duas palavras, מְשׁוֹמֵם (*meshomem*) na frase “sobre a asa das abominações virá o desolador” é agentivo em todas as leituras. Um novo agente é nomeado e é ele quem realiza a desolação. Assim, a estrutura de dois sujeitos do versículo — testar o resultado — permanece válido, independentemente do resultado final. Apenas o fator decisivo do julgamento depende da tradução.

Onde a linha divisória se forma

Juntando os três:

	Assunto	O que ele faz
27a	“Ele”, sem nome retirado do v. 26	fortalece uma aliança com muitos · põe fim ao sacrifício e à oferta no meio dos sete
27b	<i>meshomem</i> — o desolador, nomeado	Vem numa asa de abominações · causa recém-desolação · sobre ele é derramada a destruição decretada

A ruptura ocorre em “e na asa das abominações”. Antes disso, uma aliança é fortalecida. Depois disso, um novo ator é nomeado e julgado.

Quem é “o príncipe que há de vir”?

A questão do pronome no versículo 27 não pode ser resolvida sem que esta seja resolvida, portanto, ela pertence a este tópico.

“...e o povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário.” — Daniel 9:26b

Três candidatos são propostos, e um deles é descartado pela própria cláusula.

Primeiro, uma palavra sobre a palavra. *Príncipe* aqui é נָגִיד (*nagid*), e não é um título reservado apenas para homens bons. Ezequiel 28:2 o usa para se referir ao governante de Tiro — uma figura que a passagem descreve nos termos mais condenatórios dos profetas. É uma palavra genérica para aquele que lidera: reis, comandantes, oficiais do templo, potentados estrangeiros, governantes ímpios. Portanto, nenhum candidato pode ser excluído simplesmente porque “*príncipe*” soa honroso demais para ele, e nenhum pode ser incluído simplesmente porque soa honroso demais para qualquer outra pessoa.

Candidato um: um futuro anticristo. Esta é a leitura dispensacional padrão e é o ponto crucial da estrutura do tratado de sete anos — o príncipe vindouro do versículo 26 torna-se o “ele” do versículo 27, assina o tratado e o quebra. Tudo o que este livro contesta depende disso. É também a leitura que exige que a destruição da cidade e do santuário no versículo 26 seja um evento diferente de 70 d.C. ou um parêntese estranhamente longo.

Candidato dois: Messias. Ou seja, ambos os príncipes são Jesus — *o Messias, o Príncipe*, no versículo 25, e *o príncipe que há de vir*, no versículo 26. É atraente porque remove completamente o anticristo de Daniel 9, que é o que o argumento precisa.

Mas leia a cláusula que ela produz. **O povo do príncipe destrói a cidade e o santuário.** Jerusalém e o templo foram destruídos em 70 d.C. pelas legiões romanas. Nessa interpretação, o exército romano representa *o povo de Jesus*. Seu próprio povo eram os judeus, e os judeus não destruíram aquele templo — eles morreram nele.

A objeção válida é que as Escrituras de fato convocam exércitos estrangeiros para o serviço de Deus e depois os reivindicam: Nabucodonosor é “*meu servo*” (Jeremias 25:9), a Assíria é “*a vara da minha ira*” (Isaías 10:5) e Ciro é chamado de *Messias de Deus*, seu ungido (Isaías 45:1). Portanto, a ideia de que Roma agiu como instrumento do julgamento de Cristo sobre a cidade não é absurda — o próprio Jesus pronunciou esse julgamento em Lucas 19.

Ainda assim, “*o povo do príncipe*” é um possessivo, e um possessivo geralmente se refere ao povo ao qual um homem pertence ou comanda, não ao povo que Deus usou contra outra pessoa. A leitura precisa ser forçada exatamente no ponto em que o versículo é mais concreto.

Existe uma segunda interpretação dessa história que vale a pena levar a sério, porque foi a que eu defendi por um tempo: a de que *o povo* são os judeus — o povo do Messias — e que o templo caiu porque eles o rejeitaram.

A teologia disso está correta, mas a gramática não, e as duas podem ser separadas claramente.

A teologia vem em primeiro lugar porque é verdadeira e importante. O templo foi destruído como julgamento pela rejeição do Messias. Isso não é uma inferência; é o que Jesus disse, antecipadamente, em palavras claras. “*Eis que a vossa casa vos será deixada deserta*” (Mateus 23:38). “*Não deixarão em vós pedra sobre pedra, porque não reconhecestes o tempo da vossa visita*” (Lucas 19:44). A causa do ano

70 d.C. foi o que aconteceu no ano 30 d.C.

Agora, a gramática. No versículo 26, o hebraico diz אֲבָהֶ֑נָּה נִגִּידֵם עַ֖תְּחִישׁ־יִשְׁדָּ֑ק — os objetos apresentados em destaque, *e a cidade e o santuário*, depois o verbo יִשְׁדָּ֑ק (*yashchit*), “ele destruirá”, e então seu sujeito: עַ֖תְּ (*sou*), o povo de um príncipe, o que virá.

“Sou” é o sujeito do verbo. O povo é quem destrói. Portanto, uma leitura que os identifica como judeus apresenta o versículo dizendo que os judeus destruíram a cidade e o santuário — e os judeus não destruíram o templo. Eles foram sitiados dentro dele e morreram defendendo-o.

A distinção reside entre **causa** e **agente**, e as Escrituras os mantêm separados aqui. Daniel 9:26 nomeia o agente — o povo de um príncipe vindouro, seja quem for esse príncipe. Jesus nomeia a causa: eles não reconheceram o tempo de sua visita. Ninguém precisa escolher. A rejeição trouxe o julgamento; as legiões o executaram.

E observe o que acontece quando você deixa cada texto fazer o seu trabalho. **Daniel apresenta a sequência.**

— O Messias foi morto, e então a cidade e o santuário foram destruídos. **Jesus explica o motivo. Ezequiel 4 indica o intervalo** — os quarenta anos da sentença de Judá, de 30 d.C. a 70 d.C., que o Capítulo 7 usa como referência temporal. Três textos, um evento, cada um complementando o que os outros omitem. Esse é um resultado melhor do que fazer um único versículo conter tudo.

Terceiro candidato: Tito. Tito Flávio Vespasiano comandou o cerco de Jerusalém em 70 d.C. Ele era filho do imperador reinante e herdeiro do principado — um príncipe romano no sentido mais estrito da palavra. E *seu* povo, as legiões, fizeram exatamente o que o versículo diz: destruíram a cidade e o santuário.

Há também um ponto de sequência que o favorece. O versículo 26 acaba de dizer que *o Messias será morto*. Reintroduzir esse mesmo Messias, na sequência, como o *príncipe que há de vir* seria estranho — Ele acabou de ser descrito como morto, e “há de vir” é uma forma peculiar de se referir a Ele naquele instante. Lido em duas figuras, o versículo é simplesmente cronológico: o Messias é morto e, em seguida, o povo de um príncipe vindouro destrói a cidade. 30 d.C., depois 70 d.C., nessa ordem.

A referência ao evento e ao ator em questão é condizente. Não exige possessividade forçada nem discussão sobre se os exércitos gentios podem ser chamados de povo de alguém — as legiões eram, sem ambiguidade, o povo de

Tito. E coloca a profecia de Daniel diretamente no cerco que o Capítulo 7 usa como ponto de referência para o relógio de Judá, o mesmo ano 70 d.C. alcançado por uma perspectiva completamente diferente.

O que estou afirmando e o que não estou.

Apresento Tito como uma leitura plausível e não reivindico mais certeza do que isso. **Não me decidi entre ele e o Messias**. A questão gira em torno da sintaxe hebraica e das regras antecedentes da língua, e os estudiosos que dedicaram suas vidas a esse texto discordam entre si a esse respeito.

O que importa para este livro é mais específico do que a pergunta, e quero ser preciso quanto a isso.

O argumento aqui não precisa saber se o príncipe é Tito ou o Messias. Precisa apenas que o príncipe não seja o anticristo.

Siga em frente. Se o príncipe for Tito, a regra do antecedente mais próximo atribui o versículo 27 a Tito.

— o que implicaria um general romano fortalecendo uma aliança com muitos e pondo fim aos sacrifícios e ofertas. Ninguém defende essa interpretação e nada a sustenta, portanto o pronome deve remontar a um período anterior, ao Messias. Se, em vez disso, o príncipe for o Messias, o pronome recai diretamente sobre o Messias. **Ambos os caminhos chegam ao mesmo lugar.** Somente a terceira leitura — um anticristo ainda futuro — menciona um signatário de tratado no versículo 27, e é sobre essa que se constrói a estrutura de sete anos.

Portanto, o que a obra faz não é identificar o príncipe. É o seguinte: **a destruição descrita no versículo 26 ocorreu em 70 d.C., e o príncipe cujo povo a executou era daquele ano.** A cidade foi destruída. O santuário foi destruído. Trata-se de um evento consumado, com data, e o homem cujo povo o realizou estava vivo para testemunhá-lo. Interpretá-lo como um governante ainda futuro em nosso século exige tratar "*o povo do príncipe*" como ancestrais distantes de alguém que ainda não nasceu — o que representa um peso considerável para um possessivo carregar, e é a premissa fundamental de uma estrutura que moldou as expectativas da maior parte do mundo cristão.

Dois príncipes, portanto, não três — e considero a identidade do segundo como algo flexível. **O Messias, o Príncipe, é Jesus. O príncipe que há de vir pertenceu ao primeiro século, seja Tito, que comandou o cerco, ou o Senhor cujo julgamento se deu.** O anticristo não está neste versículo. Ele não precisa estar, e colocá-lo aqui foi o que criou a confusão em primeiro lugar.

E agora vem a parte difícil.

O terceiro teste estabelece que a segunda metade não trata do Messias. Ele não estabelece que a primeira metade *trate do Messias*.

Para isso, o livro se baseia no argumento apresentado anteriormente neste capítulo — de que o “ele” singular do versículo 27 remete ao “*Messias*” do versículo 26, e não ao “*príncipe que há de vir*”. **A maioria dos comentaristas modernos rejeita essa interpretação.**

O argumento deles é válido e se chama regra do antecedente mais próximo: quando um pronome pode se referir a mais de um substantivo precedente, normalmente se refere ao mais próximo. “*O príncipe que há de vir*” está mais próximo do versículo 27 do que “*Messias*”. Pela regra geral, o príncipe prevalece.

Como demonstrado acima, essa objeção é aceitável — se o príncipe é uma figura do primeiro século, o pronome precisa remontar ao Messias de qualquer forma, porque nenhum príncipe do primeiro século confirmou uma aliança com a multidão. Mas a questão gramatical se sustenta por si só e não vou descartá-la. É o argumento mais forte da outra parte aqui.

O contra-argumento — de que a frase é “*o povo do príncipe*”, logo o substantivo principal é “*povo*”, e um substantivo no plural é um antecedente inadequado para um pronome no singular — é um argumento válido, e foi nele que meu primeiro livro se baseou. Ainda acho que ele tem força. Mas o hebraico permite que um substantivo no genitivo sirva como antecedente, e quem disser que isso resolve a questão está exagerando.

Eis aqui minha posição, em um parágrafo, para que ninguém precise inferir:

A gramática, por si só, favorece o príncipe. O léxico e o contexto favorecem o Messias. “*Higbir*” é o verbo errado para assinar um tratado e o verbo certo para fortalecer uma aliança existente. “*La-rabbim*” é vocabulário de servo. Pôr fim ao sacrifício e à oferta é o que Hebreus diz que Cristo fez — “*por meio de uma única oferta, aperfeiçoou para sempre os que são santificados*” — e é algo peculiar atribuir isso a um anticristo, que interromperia os sacrifícios em vez de cumpri-los. Considero esses aspectos mais importantes do que a proximidade. Alguém pode considerá-los de outra forma e estar raciocinando honestamente.

(Nível 2 para a estrutura de dois sujeitos — os testes um e dois cumprem essa função e nenhum deles depende de uma tradução contestada. Nível 3 para identificar o sujeito de 27a como Messias: uma leitura argumentada contra a maioria atual, apresentada de forma clara em vez de ser considerada definitiva. O teste três é de Nível 2 na NASB e

suas variantes, e não se aplica à versão da KJV da palavra final.)

O que isso decide e o que não decide.

O tribunal decide que Daniel 9:27 contém duas figuras, o que é suficiente para quebrar a estrutura do tratado de sete anos que depende da existência de apenas uma.

Não determina por si só quando ocorrem as metades da septuagésima semana. Essa é a tarefa da próxima seção — e vale ressaltar que as duas questões são separáveis. Um leitor poderia aceitar tudo o que está nesta seção e ainda assim situar toda a septuagésima semana no futuro. O que ele não poderia fazer é continuar lendo o versículo 27 como se um homem assinasse e depois quebrasse uma aliança, porque o versículo nomeia um segundo participante e, em seguida, o condena.

A lacuna — o aspecto mais difícil de defender neste livro.

Agora temos tudo, exceto a peça que faz toda a estrutura funcionar, então vamos retirá-la.

As setenta semanas correspondem a 490 anos. Sessenta e nove delas decorreram de 458 a.C. a 26 d.C., sem interrupção. A septuagésima semana corresponde a sete anos. O versículo 27 diz que uma aliança é fortalecida durante uma semana e algo acontece *no meio dessa semana* — três anos e meio depois.

Este livro diz que aquela semana corresponde ao ministério de Jesus, de 26 d.C. a 30 d.C., que Ele pessoalmente realizou, e a segunda metade ainda está por vir, cabendo a nós, Suas duas testemunhas, cumpri-la.

O que significa que um intervalo de cerca de dois mil anos está contido em um período de sete anos.

Diga isso claramente, porque algum crítico o fará: a interrupção é quatro vezes mais longa do que toda a profecia que interrompe. Quatrocentos e noventa anos, decretados como uma unidade, com uma lacuna de dois mil anos nos últimos sete deles. Nada em Daniel 9 anuncia tal lacuna. Não há nenhum versículo que diga "*e então a contagem cessará*".

Eis o caso, e você pode avaliá-lo.

Primeiro: o versículo 24 impõe uma espécie de sensação de incompletude a todos. Independentemente do que se faça com essa lacuna, três dos seis objetivos decretados não foram cumpridos. A visão e a profecia não foram seladas. O

Santíssimo não foi ungido. Qualquer um que diga que as setenta semanas terminaram no primeiro século precisa explicar como um propósito decretado se completou com um terço dele ainda por cumprir. Essa questão não é invenção minha; está no texto, e cada leitura precisa explicá-la. A questão é apenas *onde* reside a incompletude.

Segundo: o próprio texto divide as semanas. Deus não disse “setenta semanas”. Ele disse sete semanas e sessenta e duas semanas, e então tratou a última separadamente em um versículo próprio. Um período contínuo não precisa ser apresentado em três partes. A divisão está no versículo 25, antes mesmo de qualquer interpretação.

Terceiro: a profecia se refere explicitamente a um povo e uma cidade específicos. *“Setenta semanas foram decretadas para o teu povo e para a tua santa cidade.”* Não para o mundo. Para Israel e Jerusalém. Um prazo determinado para uma nação é, no mínimo, compreensível como um prazo que para quando os desígnios de Deus se voltam para outro lugar — e o Novo Testamento descreve exatamente essa mudança, com a entrada de gentios e um endurecimento parcial da aliança com Israel *“até que a plenitude dos gentios tenha entrado”*. Independentemente de aceitarmos ou não essa perspectiva, ela não é uma invenção improvisada criada para salvar Daniel; é o próprio relato de Paulo sobre a era em que vivemos.

Quarto, e este é o que eu manteria: Jesus demonstrou uma lacuna não marcada dentro de uma frase profética, e o fez deliberadamente.

Na sinagoga de Nazaré, entregaram-lhe o livro de Isaías e ele leu o seguinte:

*“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar o evangelho aos pobres. Ele me enviou para proclamar libertação aos cativos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e **proclamar** o ano da graça do Senhor.”* — Lucas 4:18-19

Então, Lucas diz: *“Ele fechou o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se”* — e disse-lhes: *“Hoje se cumpriu esta Escritura que vocês acabaram de ouvir”*.

Ele parou no meio da frase. Aqui está Isaías 61:2 na íntegra, com o ponto em que Ele fechou o rolo marcado:

*“Para proclamar o ano favorável do SENHOR ← **Ele parou aqui** E o dia da vingança do nosso Deus; Para consolar todos os que choram.”*

Um versículo. Três cláusulas. Ele leu a primeira, disse-lhes que se cumprira naquele dia e sentou-se diante da segunda: “E o dia da vingança ainda não chegou”.

Trata-se de um intervalo de pelo menos dois mil anos entre duas cláusulas de um único versículo, sem qualquer indicação no hebraico. Sabemos que ele existe apenas porque o Senhor parou de ler e se sentou.

Portanto, a objeção "*a profecia não funciona dessa maneira*" tem uma resposta, e a resposta é que Jesus leu dessa forma em público e disse à congregação que acabara de cumprir a primeira metade de uma sentença cuja segunda metade ainda estava pendente. Se pode haver uma lacuna entre duas cláusulas de um versículo, ela pode haver entre duas metades de uma semana.

O que esse argumento não faz é mostrar que uma lacuna é possível na literatura profética; não demonstra que *essa* lacuna seja real, ou que dure dois mil anos, ou que termine em 2027. Isaías 61 torna a objeção aceitável. Não a comprova.

(Nível 3: A lacuna é inferida dos objetivos inacabados do versículo 24 e defendida por precedentes. Não é declarada em Daniel. Se você achar isso insatisfatório, está respondendo corretamente às evidências — esta é uma inferência, e eu não a apresentei como algo diferente disso.)

Uma coisa distingue a versão da lacuna apresentada neste livro daquela mais vaga: **ela tem limites definidos**. A lacuna vai da Páscoa de 30 d.C. até 27 de abril de 2027. Trata-se de uma afirmação com duas datas, e uma delas está suficientemente próxima para ser considerada errada publicamente dentro de um ano. Uma teoria da lacuna que pode ser verificada é bem diferente de uma teoria que simplesmente absorve os dados históricos.

O que o Capítulo 8 nos oferece

- Setenta e sete são 490 anos, e os setes são anos. *(Nível 2 — o hebraico, e consenso quase universal.)*
- Seis objetivos são decretados para o período; três são inquestionavelmente alcançados, um é discutível e dois claramente não o são. **A sequência está incompleta em qualquer interpretação.** *(Nível 2.)*
- O decreto é uma comissão de Artaxerxes a Esdras, de 458 a.C. *(Nível 2, com 457 a.C. como uma alternativa válida — Apêndice E.)*
- 458 a.C. + 483 anos = 26 d.C. *(A aritmética de Nível 1 baseia-se na data do decreto de Nível 2 acima — altere o decreto e a soma se altera com ele.)*
- Que o ano 26 d.C. também é o ano da unção no Jordão. *(Nível 3, e separadamente: baseia-se no cálculo da corregência minoritária do décimo quinto ano de Tibério, mencionado no Capítulo 7 e novamente*

aqui. A aritmética e a identificação são duas afirmações distintas e falham independentemente.)

- Após as sessenta e duas semanas — não *no momento* — são considerados os três anos e meio desde a unção até a cruz. **O número é preciso; a conexão nunca foi uma medida.** (*Nível 2.*)
- Daniel 9:27 contém duas figuras, não uma — um novo sujeito agente é nomeado na segunda metade. (*Nível 2.*) Que a segunda figura seja o homem sobre quem recai a destruição decretada é Nível 2 na NASB e suas variantes, e não se sustenta na tradução da versão King James da palavra final do versículo.
- A aliança é *fortalecida*, não rompida. O Messias confirma uma aliança já existente com muitos; Ele não assina um tratado de sete anos. (*Nível 3, e a leitura deste livro em contraposição à maioria atual.*)
- O príncipe cujo povo destruiu a cidade pertencia ao primeiro século — Tito ou o Senhor cujo julgamento se deu. Não uma figura ainda futura. (*Nível 3, e o argumento não depende de qual deles.*)
- Três anos e meio da septuagésima semana permanecem sem atendimento. (*Nível 3 — a lacuna.*)

O restante do livro trata do início desses três anos e meio.

PARTE IV — CONVERGÊNCIA

Mais dois relógios e uma auditoria do valor de quatro contratos.

Capítulo 9 — Quatro Relógios, Um Ano

Dois relógios estão funcionando desde o Capítulo 6. Este capítulo inicia mais dois e, em seguida, faz algo que a maioria dos livros deste tipo nunca faz: pergunta quanto valem quatro acordos quando se analisa a origem de cada um deles.

Resumindo, para que você saiba onde chegamos: **dois desses quatro relógios valem muito. Um vale alguma coisa. O terceiro é o item mais fraco deste livro e, por isso, vou classificá-lo em último lugar, em vez de deixar que um crítico o faça por mim.**

Onde já estamos

Resumindo os capítulos 6 e 7:

Israel. Ezequiel 4 designa 390 anos. Eles seguem adiante a partir do fracassado cerco assírio de 701 a.C. e expiram em 311 a.C. sem arrependimento. Levítico 26 multiplica a sentença por sete. $390 \times 7 = 2730$, cumpridos a partir do cerco. **701 a.C. + 2730 = 2030 d.C.**

Judá. Ezequiel 4 designa 40 anos. Eles vão da crucificação em 30 d.C. até o cerco de 70 d.C., sem arrependimento. Levítico 26 multiplica, e depois multiplica novamente. $40 \times 7^2 = 1960$, contados a partir do cerco. **70 d.C. + 1960 = 2030 d.C.**

Agora, os outros dois.

O terceiro relógio — dois dias e quarenta Jubileus

Oséias está falando em nome de um povo que está sendo julgado, mas que ainda não se converteu:

“Venham, voltemos para o Senhor. Pois ele nos despedaçou, mas nos curará; nos feriu, mas nos enfaixará. Depois de dois dias, nos dará vida; ao terceiro dia, nos ressuscitará, para que vivamos diante dele.” — Oséias 6:1-2

Dois dias, depois o terceiro. Lido como "dias comuns", é um provérbio sobre recuperação rápida, e essa é uma interpretação válida.

Lida profeticamente, trata-se de um período — e Pedro fornece a taxa de conversão que o torna um:

“Mas não se esqueçam disto, amados: que para o Senhor um dia é como mil anos, e mil anos como um dia.” — 2 Pedro 3:8

Dois dias equivalem a dois mil anos. A ruptura começou quando a nação rejeitou seu Messias e sua casa ficou desolada; o renascimento ocorre dois mil anos depois, e o terceiro dia — o milênio — se segue.

30 d.C. + 2000 anos = 2030 d.C.

Existe uma segunda maneira de contar o mesmo período que resulta exatamente da mesma forma, e merece uma menção porque se baseia na Torá, e não em um provérbio. Levítico 25 estabelece um Jubileu de cinquenta anos — sete ciclos de anos sabáticos e, em seguida, um quinquagésimo, no qual as dívidas são canceladas, os escravos libertados e as terras devolvidas aos seus donos originais. Quarenta Jubileus equivalem a dois mil anos, e quarenta é o número bíblico que representa um período de provação.

Dois mil anos de provações, culminando na libertação do que foi perdido. É para isso que serve um Jubileu. Quer se chegue ao número através dos dois dias de Oséias ou através de quarenta Jubileus, chega-se a 2030.

(Nível 3. A leitura de Oséias sobre um dia para cada milênio é tipológica, não explícita. A passagem de Pedro trata da relação de Deus com o tempo, não de um anel decodificador, e leitores atentos a aplicam com mais cautela do que eu aqui. Este relógio é um argumento baseado em padrões, e eu o interpreto de forma menos rigorosa do que os dois anteriores.)

O quarto relógio — a geração, e a objeção que vou apresentar a vocês.

Jesus, após a parábola da figueira:

“Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam.” — Mateus 24:34

E a duração de uma geração, conforme o salmo de Moisés:

“Quanto aos dias da nossa vida, eles chegam a setenta anos, ou, se tivermos vigor, a oitenta anos.” — Salmo 90:10

Então: um determinado evento dá início a uma geração, e oitenta anos depois a geração que o presenciou ainda não desapareceu.

O evento usado neste livro não é o que a maioria dos professores usa. Em **23 de janeiro de 1950**, o Knesset votou por 60 a 2 para declarar Jerusalém a capital de Israel.

$$1950 + 80 = 2030 \text{ d.C.}$$

Agora, antes que você levante essa questão, aqui está a objeção, e é uma objeção forte.

Todos os outros usam 1948. Israel renasceu como nação em 14 de maio de 1948, e se algum evento moderno deu início a uma geração profética, esse é o candidato óbvio. E 1948 não leva a 2030. Leva a 2028.

Pior ainda. Deixe-me colocar a grade inteira na página, incluindo as células que me envergonham:

Evento inicial	+ 70 anos	+ 80 anos
Israel renasce — 14 de maio de 1948	2018 · já passou	2028
Knesset declara Jerusalém	2020 · já passou	2030

a capital — 23 de janeiro de 1950

Jerusalém reunificada — junho de 1967

2037

2047

Seis combinações plausíveis. Exatamente uma delas resulta em 2030, e é essa que este livro utiliza.

Essa é a questão mais vulnerável deste livro, e não há resposta fácil para ela.

Ambas as escolhas livres — qual evento e qual das duas durações do salmo — precisam estar a meu favor, e estão. Se eu dissesse que as chances contra isso são astronômicas, estaria lhe insultando, porque a descrição precisa é que um relógio de dois parâmetros atingiu um alvo e havia seis maneiras de ajustá-lo.

Posso apresentar minhas razões, e quero que você as pondere levando em consideração o que lhes é pedido para carregar.

Por que a cidade em vez da nação? O Sermão do Monte das Oliveiras trata de Jerusalém, não da formação de um Estado. Os discípulos perguntam sobre os edifícios do templo. Jesus responde que Jerusalém está cercada por exércitos, e Lucas registra o período que Ele menciona: *“Jerusalém será pisoteada pelos gentios até que os tempos dos gentios se completem”* (Lucas 21:24). O que está sendo medido é o domínio gentio sobre a cidade. Uma nação pode renascer enquanto sua capital permanece sob administração estrangeira — e em 1948 Jerusalém era exatamente isso, dividida, com a Cidade Velha em mãos jordanianas e a comunidade internacional pressionando pela internacionalização da cidade. A votação no Knesset em janeiro de 1950 foi o ato que pôs fim à questão de quem era a capital.

Por que oitenta e não setenta? O Salmo 90 apresenta ambos, e os apresenta como um intervalo com uma condição: setenta, *“ou, se devido à força, oitenta”*. Oitenta é o limite máximo.

Ler Mateus 24:34 como *“não passará”* — a geração ainda estará aqui quando isso acontecer — argumenta a favor do limite externo em vez do interno. Considere setenta anos e a geração já terá passado.

Esses são argumentos reais. E, obviamente, são argumentos que levam à resposta que eu quero, e não vou fingir que os teria encontrado se 1950 mais oitenta tivesse resultado em 2041.

(Nível 3: Dois parâmetros livres, seis combinações, um acerto.)

A auditoria de independência — a parte que a maioria dos livros desse tipo omite.

Eis a pergunta que um leitor atento deveria estar fazendo. Eu a faço em primeiro lugar.

Será que esses quatro relógios são realmente independentes?

Isso é extremamente importante. Quatro testemunhas independentes concordando é algo poderoso. Quatro relatos que remontam a uma única fonte não são quatro testemunhas de fato — são uma única testemunha repetida, e a concordância entre elas não diz quase nada.

Então, deixe-me explicar de onde vêm as peças de cada relógio.

Relógio	Fonte textual	Âncora histórica	Movimentos necessários	interpretativos
Israel	Ezequiel 4 · Levítico 26	Cerco de 701 a.C.	Leitura esquerda/direita · duração da leitura · âncora de cerco	
Judá	Ezequiel 4 · Levítico 26	crucificação em 30 d.C. → Cerco de 70 d.C.	Leitura esquerda/direita · duração da leitura · âncora de cerco · cálculo de Tibério	
Jubileu	Oséias 6:2 · 2 1 Pedro 3:8	crucificação em 30 d.C.	leitura do dia do milênio	
Geração	Salmo 90:10 · Mateus 24:34	Votação Knesset de 1950	nocidade-não-nação · oitenta-não-setenta	

Agora, observe as sobreposições, pois são três e não são pequenas.

Israel e Judá compartilham toda a sua estrutura. Ambos provêm de Ezequiel 4, ambos são multiplicados por Levítico 26 e ambos dependem das mesmas três interpretações. Não são duas testemunhas. São **uma única estrutura aplicada duas vezes**.

Judá e o Relógio do Jubileu compartilham uma âncora. Ambos partem da crucificação em 30 d.C. Se essa data estiver errada — e o Capítulo 7 lhe disse que ela se baseia em um cálculo minoritário do décimo quinto ano de Tibério — então dois dos quatro relógios se movem juntos.

Apenas o relógio de geração é totalmente independente dos outros. E é o mais fraco dos quatro.

Trata-se de um conjunto de fatos incômodo, que prejudica seriamente a expressão

" *quatro relógios independentes* ". Eu usei essa expressão. Era forte demais, e vou retirá-la daqui.

Então, qual é o verdadeiro valor da convergência?

Menos de quatro testemunhas. Mais do que nada. Eis o que restou.

Israel e Judá são uma mesma estrutura aplicada duas vezes — mas as duas aplicações quase não compartilham nenhuma informação. Comprimentos de frases diferentes, 390 e 40. Pontos de referência diferentes, separados por sete séculos, estabelecidos a partir de eventos não relacionados por meio de argumentos não relacionados. Números diferentes de multiplicações, um e dois. Termos multiplicados diferentes, 2730 e 1960.

Não se trata de duas testemunhas de um fato. É **uma verificação de consistência em uma estrutura** — e verificações de consistência têm valor real. Se a leitura esquerda/direita de Ezequiel 4 estivesse errada, ou a leitura da duração de Levítico 26 estivesse errada, não há razão para que a estrutura produza o mesmo ano duas vezes a partir de entradas tão diferentes. Poderia ter produzido 2030 e 1990. Poderia ter produzido 2420 e 2030. O Capítulo 7 mostrou exatamente como isso acontece facilmente, quando a âncora é movida.

O relógio do Jubileu acrescenta pouco, mas não muito , porque se baseia na mesma data da crucificação que o relógio de Judá. Sua contribuição reside em um *tipo diferente* de raciocínio — tipológico em vez de jurídico — que chega ao mesmo ano. A corroboração de uma disciplina diferente tem seu valor, mas não constitui uma segunda amostra.

O relógio de geração contribui minimamente , pela razão exposta acima.

Portanto, a formulação correta do argumento não é que *quatro relógios independentes estejam todos sincronizados* . É esta:

Uma estrutura, extraída de dois capítulos da Torá e da profecia, aplicada duas vezes com dados de entrada totalmente diferentes, produz o mesmo ano em ambas as vezes — e duas outras linhas de raciocínio, uma tipológica e outra fraca, chegam ao mesmo resultado.

Essa afirmação é mais fraca do que a que consta na contracapa da maioria dos livros de profecias. Mas também é verdade, e uma afirmação verdadeira, mesmo que menor, prevalece sobre uma afirmação impressionante e exagerada. O leitor que consultar este capítulo verá que eu já expus o pior.

Classificando minhas próprias evidências

Porque nem todos os quatro merecem o mesmo peso, e dizer isso é mais útil do que uma tabela com quatro linhas iguais:

Relógio	Força	Por que
1 Israel	mais forte	Os números apresentados no texto, com fundamentos bem atestados em 701 a.C., não dependem da cronologia do Novo Testamento. Sua validade se baseia unicamente em Ezequiel 4 e Levítico 26.
2 Judá	forte	Mesma estrutura, entradas totalmente diferentes. Enfraquecida por sua dependência da crucificação de 30 d.C., que se baseia em uma contagem minoritária.
3 Jubileu	moderado	Um tipo diferente de raciocínio que chega ao mesmo ano — mas tipológico, e compartilhando a âncora de Judá.
4 Geração	fraco	Dois parâmetros livres, seis combinações plausíveis, um resultado. Incluído para fins de completude, não é um fator determinante.

Se os capítulos 4 e 5 falharem, os dois primeiros se encaixam e o livro termina. Se o cálculo de Tibério falhar, os relógios dois e três se movem e apenas Israel permanece em 2030. Se o relógio da geração estiver errado, nada mais muda.

Essa é a estrutura de dependência real, e agora você pode me cobrar por isso.

O que o Capítulo 9 nos oferece

- Os dois dias de Oséias mais o dia milenar de Pedro resultam em 2000 anos a partir da crucificação. **30 d.C. + 2000 = 2030.** (*Nível 3 — tipológico.*)
- Quarenta Jubileus de cinquenta anos são os mesmos 2000, alcançados através de Levítico 25. (*Nível 3.*)
- Uma geração de oitenta anos após a declaração de Jerusalém como capital pelo Knesset. **1950 + 80 = 2030.** (*Nível 3 — seis cenários plausíveis, um acerto, e a grade está impressa acima.*)
- Os quatro relógios **não são quatro testemunhas independentes.** Israel e Judá compartilham uma estrutura; Judá e o relógio do Jubileu compartilham uma âncora; apenas o relógio da geração é independente. (*Afirmado porque é verdade e porque o leitor o encontraria de qualquer maneira.*)
- O que sobrevive é uma mesma estrutura aplicada duas vezes com diferentes insumos, resultando ambas no mesmo ano e corroborada

tipologicamente. **Esse é o argumento, em sua totalidade.**

O próximo capítulo deixa de perguntar qual ano e passa a perguntar qual dia.

Capítulo 10 — Páscoa de 2030: A Data de Expiração

Até aqui, o livro argumentou sobre um ano. A partir daqui, argumenta sobre dias, e o padrão de prova precisa aumentar proporcionalmente. Um ano é um alvo amplo. Um dia não é. Este capítulo faz uma coisa: pega o relógio de Judá, que expira em 2030, e pergunta em que momento de 2030 ele expira.

O relógio marcava sempre de festa em festa.

Voltemos a analisar como a sentença de Judá foi determinada.

Os quarenta anos decorreram da crucificação ao cerco — e ambas as extremidades desse período coincidem com a Páscoa. Jesus foi crucificado na Páscoa do ano 30 d.C. Tito cercou os muros de Jerusalém na Páscoa do ano 70 d.C., quando a cidade estava repleta de peregrinos para a festa, razão pela qual o cerco que se seguiu foi tão catastrófico.

Festa após festa, quarenta anos. Não foi eu que impus isso ao intervalo; é o que os dois eventos representam.

Assim, quando Levítico 26 multiplica a sentença e o prazo multiplicado é cumprido a partir do cerco, ele é cumprido a partir de uma Páscoa. E 1960 anos depois, ele expira em uma Páscoa.

Páscoa de 70 d.C. + 1960 anos = Páscoa de 2030 d.C.

O capítulo 7 estabeleceu o ano. O que ele não estabeleceu — e eu destaquei isso na primeira página do livro, em vez de deixar passar — foi *qual dia da Páscoa judaica*. Essa é a tarefa deste capítulo, e é um passo adiante, não uma consequência da aritmética.

A Páscoa é uma época, não um dia.

É aqui que a maioria das abordagens se torna imprecisa, então deixe-me ser exato sobre o que a Torá realmente estabelece.

“No primeiro mês, no décimo quarto dia, ao entardecer, celebra-se a Páscoa do Senhor. No décimo quinto dia do mesmo mês, celebra-se a Festa dos Pães Ázimos ao Senhor; durante sete dias comereis pães ázimos. No primeiro dia haverá uma santa convocação; não fareis nenhum trabalho árduo. Mas durante sete dias oferecereis ao

Senhor ofertas queimadas. No sétimo dia haverá uma santa convocação; não fareis nenhum trabalho árduo.” — Levítico 23:5-8

Assim, a estação tem um formato:

Dia do primeiro mês	O que é isso?
14 Nisan	Páscoa judaica — o cordeiro imolado ao entardecer.
15 Nisan	Pães Ázimos começa · santa convocação
16–20 Nisan	os dias intermediários
21 Nisan	sétimo dia dos Pães Ázimos · santa convocação

Oito dias se passam desde o sacrifício do cordeiro até a convocação final. Êxodo 12:16 apresenta a mesma estrutura: uma assembleia sagrada no primeiro dia *“e outra assembleia sagrada no sétimo dia”*. O período é delimitado em ambos os extremos.

“Páscoa de 2030”, portanto, se refere a oito dias, não a um. Qualquer pessoa que lhe diga que um período profético termina “na Páscoa” e depois lhe apresente uma única data, pulou uma etapa. Eis essa etapa.

Por que a sentença expira no final da temporada, e não no início?

Uma frase expira quando termina. Esse é o argumento completo em uma única linha, mas merece mais de uma linha, pois a alternativa não é absurda.

A justificativa para o dia 14 de Nisan — o dia em que o cordeiro é imolado, o aniversário tanto da crucificação quanto do início do cerco — é que é o dia em que os dois pontos extremos da ponte coincidem exatamente.

De Páscoa a Páscoa, de 14 de Nisã a 14 de Nisã, é a leitura mais precisa possível da contagem de festas. Se você quer uma resposta puramente mecânica, essa é a correta, e resulta em **17 de abril de 2030**.

A alegação em favor do dia 21 de Nisan é que o que está sendo contabilizado não é um aniversário, mas sim um período de punição, e os períodos terminam quando terminam.

E há algo de especial no sétimo dia da Festa dos Pães Ázimos que o torna o término apropriado para uma sentença de servidão.

Israel deixou o Egito no dia quinze. Mas o perigo não cessou nesse dia. Faraó mudou de ideia, os carros de guerra vieram atrás deles e Israel ficou encurralado contra as águas. Foi no sétimo dia da festa — segundo o longo calendário judaico, 21 de Nisã — que o mar se abriu, Israel passou por ele e as águas se fecharam

sobre o exército que estava atrás deles.

O dia quinze é o dia em que eles partiram. O dia vinte e um é o dia em que o poder do opressor sobre eles chegou ao fim. Um é a partida; o outro é o fim da perseguição.

As Escrituras marcam o segundo dia com uma santa convocação própria, o que é algo estranho de se fazer no final de uma semana comum.

Uma sentença que começou com um cerco e dura 1960 anos não expira no aniversário da morte do cordeiro. Ela expira no dia que a Torá reservou para marcar que o antigo poder não tem mais qualquer direito sobre ele.

(Nível 3. Este é um argumento tipológico, e a tipologia é o tipo de argumento mais flexível neste livro. Um leitor que prefere 14 de Nisã com base no argumento de que a contagem de uma festa para outra deve corresponder aos seus pontos finais está raciocinando bem, e a diferença entre nós é de sete dias.)

A data

Agora, os calendários não coincidem muito bem.

	14 de Nisã (Páscoa)	21 de Nisan (último dia de Pão Ázimo)
Observacional — o Calendário M2030	16 de abril de 2030	23 de abril de 2030
Calendário rabínico fixo	17 de abril de 2030	24 de abril de 2030

Com um dia de diferença. O Capítulo 2 explicou por que os dois calendários divergem e em que medida entre 2025 e 2030; a primavera de 2030 é um dos anos em que a diferença é de apenas um dia.

Este livro utiliza o período de 24 de abril de 2030 — 21 de Nisan no calendário rabínico fixo.

Esta não é a escolha que a consistência preveria. O livro segue o calendário observável em todos os outros lugares, e o calendário observável coloca o último dia dos Pães Ázimos em 23 de abril. Usar a data rabínica aqui é um desvio, e a razão é prática, não baseada em princípios: a data rabínica é a que o mundo judaico de fato observará em 2030, e a sentença em questão é a de Judá. Uma data que expira no dia em que a casa de Judá observa a festa é o acerto de contas

apropriado para uma sentença proferida contra a casa de Judá.

Esse é um argumento baseado na adequação, não no método, e você deve considerá-lo como tal. **Se você preferir 23 de abril, o intervalo até Yom Teruah passa a ser de 158 dias em vez de 157, e nada mais no livro se altera.**

Uma nota sobre o ano hebraico, pois é fácil confundi-lo, como aconteceu em meu trabalho anterior. A Páscoa de 2030 ocorre em **5790**. As festas de outono de 2030 — Yom Teruah e Yom Kippur — ocorrem em 5791, porque o ano civil hebraico muda em Tishri, entre elas. A primavera de 5791 é a Páscoa de 2031. Quando este livro se refere ao ano 6001 a partir de Adão, começando em Tishri de 2030, trata-se de uma contagem separada dos anos da criação, e as duas nunca são misturadas.

O que expira e o que não expira.

Uma ressalva antes do próximo capítulo, pois a linguagem da expiração pode ser interpretada de maneiras que vão além do seu significado literal.

Quando a sentença de Judá expirar em 24 de abril de 2030, **isso não significa o retorno de Cristo**. Significa o fim de um período de punição. Os 1260 dias de tribulação ainda estarão em curso — começaram em 27 de abril de 2027 e só terminarão em outubro. O mundo não mudará em 24 de abril de 2030, exceto pelo fato de que essa data marcará o início, muito em breve, dos cinco meses de disciplina imposta aos judeus, sob a influência de picadas de escorpião, até que cada um aceite Jesus como Messias e Senhor.

O que termina é a sentença: o termo multiplicado de Ezequiel 4 e Levítico 26, cumprido integralmente, sem nada mais devido.

E então Apocalipse 9:5 menciona cinco meses.

O que o Capítulo 10 nos oferece

- O relógio de Judá funcionava de festa em festa — crucificação na Páscoa de 30 d.C., cerco na Páscoa de 70 d.C. (*Nível 2*.)
- O prazo multiplicado, aplicado a partir do cerco, expira, portanto, na Páscoa. **Páscoa de 70 d.C. + 1960 = Páscoa de 2030.** (*Aritmética de nível 1 na âncora de nível 3 do Capítulo 7*.)
- A Páscoa é um período de oito dias, de 14 a 21 de Nisã, delimitado por duas convocações sagradas. (*Nível 2 — Levítico 23:5–8, Êxodo 12:16*.)
- A sentença expira no final da temporada, em 21 de Nisan — o dia em que o mar se fechou sobre o exército perseguidor e a reivindicação do

antigo poder chegou ao fim. (*Nível 3 — tipológico. 14 de Nisan é uma alternativa razoável e corresponde a 17 de abril de 2030.*)

- **21 de Nisan de 5790 = 24 de abril de 2030** no calendário rabínico fixo; 23 de abril no calendário observacional. O livro usa 24 de abril, e a razão é a adequação, não o método. (*Nível 2 na conversão, Nível 3 na escolha.*)
- Nada mais termina nesse dia. Os 1260 dias continuam até outubro. (*Esclarecimento.*)

Cinco meses depois é Yom Teruah. O próximo capítulo faz a contagem deles.

PARTE V — DE UM ANO ATÉ HOJE

A microcronologia: cinco meses, quatro contagens, sete festas.

Capítulo 11 — Os Cinco Meses

A sentença de Judá expira em 24 de abril de 2030. O Senhor retornará em Yom Teruah, na noite de 27 para 28 de setembro de 2030. Entre essas duas datas há um período, e Apocalipse 9:5 o mede.

“E não lhes foi permitido matar ninguém, mas sim atormentá-los durante cinco meses; e o seu tormento era semelhante ao tormento do escorpião quando pica um homem. E naqueles dias os homens procurarão a morte e não a encontrarão; desejaram morrer, e a morte fugirá deles.” — Apocalipse 9:5-6

Cinco meses. A sentença expira em abril; o Senhor retorna cinco meses depois.

Foi assim que eu ensinei, e está quase certo, e a palavra *"quase"* é a razão da existência deste capítulo .

Conte isso

De	Para	Dias, inclusive
24 de abril de 2030 · de Nisan	2127 de setembro de 2030 · Yom Teruah	véspera de 157

Cento e cinquenta e sete dias.

Agora, quanto tempo são cinco meses? Depende do mês, então considere todas as respostas razoáveis:

Acerto de contas	Dias
Cinco meses de 30 dias	150
Cinco meses lunares (29,53 dias)	~148
Cinco meses do calendário, de 24 de abril a 24 de setembro.	153
A janela propriamente dita	157

Todas as estimativas de "cinco meses" ficam aquém do prazo, por uma margem entre quatro e nove dias.

A tentação aqui é enorme e quero mencioná-la antes de resistir. A lacuna é

pequena. Eu poderia escrever *aproximadamente cinco meses* e nenhum leitor em mil faria as contas.

Mas este livro pediu no Capítulo 1 para você verificar cada contagem, e um livro que pede isso não pode arredondar quando arredondar é conveniente. Sete dias são sete dias.

A resposta que não serve.

A saída óbvia é dizer que “cinco meses” é um número redondo — que Deus falou aproximadamente e que não devemos pressioná-lo por uma precisão que Ele não ofereceu.

Há algo de correto nisso, e voltarei a esse ponto. Mas, como solução para este problema, falha, e falha de forma dispendiosa.

Se “cinco meses” podem absorver um erro de sete dias, o mesmo acontece com “1260 dias”. E toda a cronologia do próximo capítulo depende de 1260 ser exato até o dia. No momento em que concedo flexibilidade a um número profético, concedo-a a todos eles, e março de 2027 se torna flexível junto com tudo o mais. Esse é um preço alto demais por sete dias.

E João não arredonda. Esta é a parte que resolve a questão, e está resolvida a partir do seu próprio texto.

John apresenta o mesmo período duas vezes, em duas unidades diferentes:

*“...eles pisarão a cidade santa por **quarenta e dois meses** .” — Apocalipse 11:2 “...eles profetizarão por **mil duzentos e sessenta dias** .” — Apocalipse 11:3 “...ela será alimentada por **mil duzentos e sessenta dias** .” — Apocalipse 12:6 “... foi-lhe dada autoridade para agir por **quarenta e dois meses** .” — Apocalipse 13:5*

Quarenta e dois meses. Mil duzentos e sessenta dias. Os mesmos três anos e meio, contados de ambas as maneiras, capítulos à parte.

$$42 \times 30 = 1260.$$

Exatamente. Não aproximadamente. **Os meses de John têm trinta dias, e sua forma circular e sua forma precisa coincidem com o dia.** Ele é um escritor que demonstrou, em seu próprio livro, que quando apresenta um número em meses, ele se converte em dias sem resto.

Assim, segundo o uso que John faz do termo, cinco meses equivalem a **150 dias** . Não “cerca de 157”. Cento e cinquenta, precisamente, de acordo com os cálculos que ele mesmo apresenta.

Isso significa que a diferença de sete dias não é um erro de arredondamento. É uma diferença real entre dois números reais, e isso nos diz algo.

O que isso nos diz

Leia Apocalipse 9:5 novamente, devagar, e observe o que realmente diz.

“E não lhes era permitido matar ninguém, mas sim torturar durante cinco meses.”

Essa é uma declaração sobre **a duração do tormento**. É um limite imposto aos gafanhotos.

— eles podem atormentar, mas não podem matar, e sua licença tem validade de cinco meses.

Não se trata de uma afirmação de que o Senhor retornará ao final dos cinco meses. Nunca diz isso. Eu estava interpretando a duração de um evento como se fosse uma medida do período, e são coisas diferentes.

A janela tem 157 dias. O tormento dura 150 dias. O tormento permanece dentro da janela.

Nada precisa ser arredondado, distorcido ou justificado. O número sempre foi exato; eu simplesmente estava pedindo para medir algo que não estava sendo medido.

Onde dentro da janela?

As Escrituras não dizem nada a respeito, e eu não vou inventar uma explicação.

Analisei. Se os 150 dias começarem a contar a partir do dia em que a sentença expira, eles terminam em 21 de setembro de 2030, seis dias antes de Yom Teruah. Se terminarem em Yom Teruah, começam em 30 de abril de 2030, seis dias após o término da sentença. Nenhuma dessas datas é uma festa litúrgica. Nenhuma delas é marcada de qualquer forma. Não há nenhum argumento textual que justifique uma interpretação, e se eu escolhesse um, seria mais decorativo do que exegético.

Então: uma janela de 157 dias, contendo 150 dias de tormento, posicionada dentro dela por informações que não possuímos.

Prefiro deixar uma lacuna na cronologia das Escrituras do que preenchê-la com algo que eu inventei. Se isso for insatisfatório, é uma insatisfação na direção certa.

Para que servem os cinco meses?

Feita a matemática, vale a pena dedicar um momento ao conteúdo, pois é fácil ler Apocalipse 9 como puro horror e não perceber o que há de estranho nele.

Aos gafanhotos é dado poder *“como aos escorpiões da terra”*. E então, dois limites são impostos a eles. Eles não podem tocar na grama ou em qualquer coisa verde. E — o limite que importa — *“não lhes é permitido matar ninguém”*.

Uma sentença que proíbe explicitamente a morte não é uma execução. É uma intimação.

Os homens *“buscarão a morte e não a encontrarão”*. Todas as saídas estão fechadas, exceto uma. É uma leitura terrível, e não se trata de aniquilação; é um período em que os impenitentes permanecem conscientes, incapazes de escapar para a morte, com a porta do arrependimento ainda aberta.

Roboão dá origem à imagem. Quando Israel pediu ao novo rei que aliviasse o jugo de seu pai, ele respondeu:

“Meu pai vos castigou com açoites, mas eu vos castigarei com escorpiões.” — 1 Reis 12:11

Roboão disse isso como uma arrogância, e isso dividiu o reino — o evento que deu origem às duas casas cujas sentenças todo este livro vem relatando. O que um jovem rei orgulhoso ameaçou, o Senhor de fato fará, e Ele o fará não para destruir, mas para expulsar.

Cinco meses de escorpiões, e nenhuma permissão para matar. **A misericórdia nesse trecho é a parte que ninguém cita.**

O que o Capítulo 11 nos oferece

- O período entre o término da sentença de Judá e Yom Teruah é **de 157 dias**. (*Nível 1*)
— *conte-o.*)
- O próprio texto de John fixa seu mês em trinta dias: 42 meses e 1260 dias, dados para o mesmo período, e $42 \times 30 = 1260$ exatamente. **Cinco meses, no uso de John, são 150 dias.** (*Nível 2.*)
- Portanto, Apocalipse 9:5 **não está medindo a janela**. Ele declara por quanto tempo os gafanhotos têm permissão para atormentar. (*Nível 2 — é isso que a frase diz.*)
- Os 150 dias estão dentro do período de 157 dias. **Onde exatamente dentro desse período, as Escrituras não dizem, e este livro não faz suposições.** (*Limite estabelecido.*)

- O tormento é explicitamente proibido para matar. É uma convocação, não uma execução — os escorpiões de que Roboão se gabava, usados por Deus para levar os homens ao arrependimento enquanto a porta está aberta. (*Nível 3 — leitura, não aritmética.*)
- **Nada foi arredondado.** O número era exato; o erro foi meu, ao pedir para medir a coisa errada.

Capítulo 12 — 1290 · 1260 · 1250 · 1335

Quatro números, de dois autores, com seiscentos anos de diferença. Este capítulo analisa os quatro e mostra onde eles se situam.

Contém também a prova interna mais contundente de todo o livro — um resultado para o qual o sistema não foi projetado — e um problema que não resolvi, e que apresentarei a vocês em vez de deixar para que outra pessoa o encontre.

As regras de contagem, reformuladas

Do Capítulo 1, porque tudo aqui depende deles:

1. **Incluindo ambos os pontos finais.** O dia 1 é a data de início.
2. **A data diurna.** Um dia hebraico começa ao pôr do sol; quando uma festa se estende "da noite do dia 27 à noite do dia 28", a data usada é o dia 28.

No site timeanddate.com, isso significa que a caixa marcada como "*incluir data final no cálculo*" está sempre marcada. Desmarque-a e todas as respostas abaixo ficarão com uma data a menos.

As duas âncoras

Tudo começa a contar a partir de uma de duas datas em 2027.

27-28 de março de 2027 — a Abominação da Desolação. No calendário litúrgico, esta data corresponde às Primícias: da noite de 27 de março à noite de 28 de março. De acordo com a Regra 2, a contagem começa em **28 de março**. Devo dizer que ainda não tenho certeza se a Abominação da Desolação ocorrerá nesta data ou se o Papa Leão XIII simplesmente endossará a Ordem Neo-Otomana neste dia. Veremos.

27 de abril de 2027 — As Chuvas Serôdias. O último dia da Segunda Festa dos

Pães Ázimos.

— o 21º dia do segundo mês, a Páscoa compensatória de Números 9 para aqueles que não puderam celebrar a primeira. A contagem começa em **27 de abril** .

Trinta dias de intervalo. Guarde esse número.

As quatro acusações

Contar	Escrituras	De	Para	Dias	Que é
1290	Daniel 12:11	28 março 2027	de 7 outubro 2030	de 1290	Yom Kippur — 10 de Tishri
1260	Apocalipse 11:3, 12:6	27 de abril 2027	7 outubro 2030	de 1260	Yom Kippur — 10 de Tishri
1250	Mateus 24:22	27 de abril 2027	27 setembro 2030	de 1250	Yom Teruah — véspera de 1 Tishri
1335	Daniel 12:12	27 de abril 2027	21 dezembro 2030	de 1335	25 de Kislev — Hanukkah

Cada um desses locais aterrissa em um horário determinado. Confira você mesmo; é para isso que servem a página da web anexa e a página do explorador.

Os trinta dias que se seguiram

Agora, o resultado que eu não construí.

Daniel menciona 1290 dias. João menciona 1260 dias. Dois autores, separados por seis séculos, escrevendo em línguas diferentes e em continentes diferentes sobre o mesmo período.

$$1290 - 1260 = 30.$$

E os dois marcos em 2027 — as Primícias e o último dia da Segunda Festa dos Pães Ázimos, identificados independentemente como dias festivos em um calendário calculado a partir de conjunções lunares — estão **separados por trinta dias** .

De 28 de março a 26 de abril são trinta dias. O ano de 1260 começa no dia 27.

Eu não coloquei isso ali. É a diferença entre dois números que eu não escolhi, correspondendo ao intervalo entre duas datas que eu não defini. Os trinta dias de apostasia — o período em que o mundo toma partido após a revelação do Anticristo e antes da chegada das Chuvas Serôdias — não estão inseridos nesta linha do tempo. Eles são excluídos da subtração.

Esse é o teste que propus no Capítulo 3: um sistema que descreve algo real tende a produzir respostas para perguntas que ninguém lhe fez. Este é o exemplo mais claro do livro. Um sistema ajustado produz exatamente aquilo para o qual foi ajustado. Isso gerou uma janela de trinta dias porque dois profetas, escrevendo com seiscentos anos de diferença, escolheram números com trinta dias de diferença.

Os dez dias que também se perderam

A mesma coisa acontece na outra ponta.

$$1260 - 1250 = 10.$$

Dez dias separam o dia em que os fiéis são levados e o dia em que a ira do Senhor se completa. Há exatamente um par de tempos determinados no calendário hebraico que estão separados por dez dias:

Yom Teruah em 1º de Tishri e Yom Kippur em 10 de Tishri. Os dias entre eles são os Dias de Temor.

E as contagens se aplicam em ambas as extremidades desse par. A contagem de 1250 termina em Yom Teruah. A contagem de 1260 termina em Yom Kippur.

Jesus disse que os dias seriam abreviados:

“Se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma vida se salvaria; mas, por causa dos escolhidos, aqueles dias serão abreviados.” — Mateus 24:22

Em quanto tempo? Em dez — a diferença entre a duração total da tribulação e o dia em que os fiéis forem libertados dela. Isaías descreve o que acontece nesses dez dias:

“Venham, povo meu, entrem em seus quartos e fechem as portas; escondam-se por um pouco de tempo, até que a indignação passe.” — Isaías 26:20

Dez dias a portas fechadas enquanto a ira se abate sobre nós, entre as duas festas que ocorrem com dez dias de intervalo. **Nenhum dos números foi escolhido para que isso funcionasse.**

O problema que eu não resolvi

Eis a dificuldade, e ela deve ser explicada no texto principal.

Daniel 12:11 não associa o ano 1290 a um único evento. Associa-o a dois:

"A partir do momento em que o sacrifício regular for abolido e a abominação da desolação for estabelecida, haverá 1290 dias."

Que sacrifício regular haveria se não houvesse templo?

Proposta de substituição para a passagem não resolvida no Capítulo 12. — CLH

Eu disse na primeira edição deste capítulo que não tinha uma resposta definitiva para isso, e de fato não tinha. Agora tenho uma, mas não é a resposta que eu esperava, pois me obriga a tornar público algo que acontecerá dentro de sete meses após a publicação deste livro.

Daniel 12:11 apresenta dois marcadores, não apenas um:

"A partir do momento em que o sacrifício regular for abolido e a abominação da desolação for estabelecida, haverá 1290 dias."

A abominação que este livro descreve. O sacrifício regular, não — porque não há templo, não há altar em uso, e os utensílios do Instituto do Templo estão em um prédio na Rua Misgav Ladach, aguardando um santuário que não existe.

Então, ou o primeiro marcador de Daniel está vazio, ou eu estava procurando a coisa errada. Passei um tempão tentando fazer com que fosse o segundo. A palavra não me deixa.

A palavra não se dobra

Eu queria que *"tamid"* significasse adoração contínua em um sentido geral. Não significa, e vou apresentar meus próprios argumentos contra essa ideia, em vez de apenas insinuá-la.

Em todas as ocorrências em Daniel — 8:11, 8:12, 8:13, 11:31 e 12:11 — a forma é תָּמִיד , com o artigo definido, servindo como abreviação de עֹלֶת תָּמִיד , o *holocausto contínuo* de Êxodo 29:38-42 e Números 28:3-8: um cordeiro pela manhã, um cordeiro ao entardecer, todos os dias sem interrupção. Daniel nunca usa a palavra para oração, devoção ou adoração em abstrato. Nem uma vez. E 8:11 coloca o santuário na mesma cláusula que a oferta.

Li os argumentos a favor do sentido mais amplo. São argumentos que eu teria

aceitado de bom grado. Mas eles não resistem ao contato com a concordância.

Portanto, a conclusão honesta é a inconveniente: para que o primeiro marcador de Daniel tenha uma referência em 28 de março de 2027, uma oferta queimada contínua precisa estar em andamento antes dessa data. O que significa que precisa começar. O que significa que precisa começar em breve.

(Nível 3 — trata-se de um julgamento sobre como Daniel usa uma palavra, não de um resultado aritmético. Mas é um julgamento contra a minha própria conveniência, que é o único tipo que realmente vale a pena.)

Não requer um templo. Requer um altar.

Eis o que me fez mudar de ideia sobre se isso é possível, algo que eu não tinha percebido durante anos porque estava olhando para o prédio errado.

Os exilados que retornaram retomaram a prática da oferenda contínua, **anterior à existência de um templo para acomodá-la :**

"Eles ergueram o altar sobre o seu fundamento, pois estavam aterrorizados por causa dos povos daquelas terras; e ofereceram holocaustos sobre ele ao Senhor, holocaustos de manhã e à tarde... mas o fundamento do templo do Senhor ainda não havia sido lançado." — Esdras 3:3, 6

Leia isso duas vezes. O *olat tamid* — a oferenda da manhã e da noite, exatamente a oferenda da qual Daniel está falando — era realizada em um altar reconstruído em um terreno aberto, com o local do templo sendo apenas um fosso de construção, e assim permaneceu por anos antes do lançamento da fundação.

Sem templo. Sem tabernáculo. Um altar, um sacerdócio e um cordeiro.

Esse é todo o requisito, e é um requisito de uma ordem completamente diferente da construção do Terceiro Templo. Um templo é um projeto nacional que dura uma década e exige a demolição ou o deslocamento de estruturas que um quinto da humanidade considera sagradas. Um altar é pedra, uma rampa e permissão para ficar em algum lugar.

(Nível 1 sobre o que Esdras 3 diz — leia você mesmo. Nível 3 sobre a inferência de que a condição imposta a Daniel é satisfeita da mesma maneira.)

O que já existe

Não estou especulando se as peças poderiam ser montadas. Em grande parte, elas são.

- Um **altar de pedra pronto para uso em templo** , construído segundo as especificações haláchicas com pedras brutas, foi concluído e consagrado no último dia de Hanukkah, em dezembro de 2018. Ele foi construído para ser desmontado e transportado.
- O **Instituto do Templo** fabricou os vasos sagrados, as vestes sacerdotais e a menorá de ouro, e vem treinando kohanim para o serviço há anos.
- O **programa de novilhas vermelhas** está ativo e, a partir de 2026, passou a ser uma iniciativa de treinamento em nível nacional.

O que falta não são equipamentos, nem vestimentas, nem sacerdotes treinados, nem um projeto. **O que falta é um lugar para ficar e a permissão para ficar ali.** Essa é toda a lacuna, e não vou minimizá-la: é uma barreira política e religiosa da mais grave espécie que existe, e persiste há cinquenta e nove anos.

A barreira que está se movendo atualmente

Eis o motivo pelo qual prefiro dizer sete meses em vez de sete anos.

O acordo que impedia os judeus de orarem no Monte do Templo — o *status quo* , um conjunto de entendimentos entre Israel e Jordânia segundo o qual o Waqf administra o local e a oração não muçulmana é proibida — sofreu uma erosão visível ao longo de 2026. Três pontos datados, todos eles relatados e verificáveis:

Data	O que mudou?
21 de janeiro de 2026	A polícia israelense, atendendo a um pedido da Yeshiva do Monte do Templo, permitiu pela primeira vez que visitantes judeus levassem liturgia impressa — incluindo a Amidá — para o Monte. Até recentemente, visitantes flagrados rezando eram expulsos ou detidos, e objetos de oração eram estritamente proibidos.
23 de julho de 2026 (Tisha B'Av)	Mais de três mil visitantes judeus subiram ao mirante até o meio-dia. Material litúrgico foi permitido. Cerca de uma dúzia de pessoas foram presas por orarem no lado ocidental. O Ministério das Relações Exteriores da Jordânia classificou o ocorrido como " <i>uma violação flagrante do status quo histórico e legal</i> " e acusou a polícia de " <i>facilitar essas ações</i> ".
16 de agosto de	A polícia israelense voltou a flexibilizar as restrições à oração judaica no local — uma semana antes de eu escrever este parágrafo.

Data O que mudou?

2026

Essa não é uma barreira estática. É uma barreira que está sendo desmantelada gradualmente, publicamente, com as objeções do Waqf e do Reino da Jordânia registradas nos jornais a cada vez.

Agora, a disciplina, porque é exatamente aí que um livro como este vai longe demais. A oração não é sacrifício. A distância entre *um homem ler a Amidá no Monte* e *um cordeiro ser oferecido ali de manhã e à noite* é enorme, e nada na tabela acima a diminui. O que a tabela estabelece é mais restrito, e não vou afirmar mais do que isso: a disposição que torna um altar impossível não é fixa, é móvel, e mudou três vezes este ano na mesma direção.

(Nível 2 — cada linha tem data e fonte. A inferência a partir dela é minha e, na melhor das hipóteses, é de Nível 3.)

O que este livro prevê, portanto

Prefiro ser específico e estar errado do que ser vago e não poder ser comprovado, portanto:

Uma oferta queimada contínua — um altar, um sacerdócio, um cordeiro de manhã e à noite — começa em Jerusalém antes de 28 de março de 2027. E então é interrompida.

Ambas as metades são necessárias. O *tamid* não pode ser abolido em 28 de março de 2027, a menos que esteja em vigor em 27 de março de 2027. A cláusula de Daniel precisa de algo que exista para descrever sua remoção.

Não tenho opinião formada sobre o mecanismo, a localização no Monte, o instrumento legal ou quem o executa, e não vou inventar um para que o quadro pareça completo. Acredito que a estrutura exige isso, e é por essa estrutura que tenho mostrado a aritmética para vocês.

(Nível 4 — profético. Isto é o que a estrutura prevê, não o que me disseram.)

Uma objeção respondida, porque é uma boa objeção.

"Qualquer altar erguido em 2027 seria ilegítimo. Sacerdócio contestado, sem cinzas da novilha vermelha, sem o Sinédrio que a maioria dos judeus reconhece. Não poderia ser o verdadeiro tamid e Deus não levaria em conta sua remoção."

Daniel responde a isso no mesmo capítulo de onde a palavra foi retirada.

Quando Antíoco interrompeu a oferta contínua, **o sacerdócio que a administrava foi comprado e corrompido**. Jasão comprou o sumo sacerdócio; Menelau ofereceu um lance maior. Esse era o estado do ofício quando o *tamid* foi abolido — e as Escrituras ainda chamam a oferta *de tamid*, ainda consideram sua remoção uma ofensa e Daniel ainda lhe atribui um número profético.

Uma oferta contínua não precisa estar em dia para que sua abolição seja registrada no céu. Essa não é uma conclusão minha; é a situação histórica da passagem.

Se nenhum altar aparecer

Então, o primeiro marcador de Daniel não tem referente, o ano de 1290 não começa onde eu disse que começa, e esta seção falhou. O argumento da abominação sobreviveria por si só; este não.

Antes que isso aconteça, quero deixar uma alternativa registrada, porque acho que vale a pena considerá-la, embora eu não esteja totalmente convencido disso.

Existe exatamente uma instituição na Terra que se descreve como um sacrifício perpétuo oferecido em todos os lugares. É a Missa — uma afirmação da própria Roma, definida em Trento, baseada em Malaquias 1:11, e que não exige templo algum. E ela já foi retirada uma vez: em 8 de março de 2020, a Diocese de Roma cancelou todas as missas públicas e, em menos de duas semanas, dioceses na Itália, Irlanda, Filipinas, Espanha e na maior parte dos Estados Unidos fizeram o mesmo. Durante algumas semanas, o sacrifício perpétuo não foi oferecido publicamente em nenhum lugar do mundo ocidental.

Se esse for o *caso*, então o que acontecer em março de 2027 será um ato da Igreja Romana contra si mesma sob o pontificado de **Leão XIV**, em direção à acomodação com o Islã, e a apostasia de 2 Tessalonicenses 2 será um afastamento da maior parte dos cristãos professos da Terra. Essa é a minha opinião sobre um homem vivo em um cargo público, expressa como opinião, e prefiro declará-la claramente do que insinuá-la.

Mas estou colocando-a em segundo plano, e a razão é a concordância. O *tamid* de Daniel é o holocausto contínuo sempre que ele o usa, e eu não posso promover uma leitura simplesmente porque é mais conveniente do que aquela que precisa de um altar em Jerusalém dentro de sete meses. A leitura da missa é uma possibilidade mantida em reserva. O altar é a posição.

(Nível 4 em todo o texto, e dependente da identificação da Besta com o Islã, o que é argumentado em "Ensinando História Antes que Ela Aconteça" e é assumido, em vez de defendido, aqui.)

O que esta seção nos oferece

- O חַטָּאתִים de Daniel é o holocausto contínuo em **todas** as suas cinco ocorrências e nunca significa adoração em geral. *(Nível 3 — e é um julgamento feito contra a minha própria conveniência.)*
- Esdras 3:3-6 restaurou essa oferta em um altar **antes do lançamento dos alicerces do templo**, portanto, o marcador precisa de um altar, não de um santuário. *(Nível 1 no texto.)*
- O altar, os vasos, as vestes e os sacerdotes treinados **já existem**; o elemento que falta é o local e a permissão. *(Nível 2.)*
- A proibição do culto judaico no Monte **foi alterada três vezes em 2026**, sempre na mesma direção, apesar das objeções registradas da Jordânia. A oração não é sacrifício e isso não resolve a questão — apenas demonstra que a barreira não é fixa. *(Nível 2 sobre os eventos, Nível 3 sobre a inferência.)*
- **Portanto: um holocausto contínuo começa em Jerusalém antes de 28 de março de 2027 e é interrompido em seguida.** Caso contrário, esta seção está incorreta e eu já o avisei com antecedência. *(Nível 4.)*
- Mantida em reserva: a Missa como sacrifício perpétuo, com março de 2020 como prova de que tal prática pode ser abolida globalmente sem um exército. *(Nível 4.)*

A abominação está prevista para março de 2027. Este livro relata isso. Mas **que sacrifício regular será abolido em março de 2027?**

Na interpretação deste livro, o sacrifício regular foi encerrado por Cristo na cruz em 30 d.C. — esse é o argumento do Capítulo 8 sobre Daniel 9:27, e eu ainda o defendo. Não há templo de pé em agosto de 2026, enquanto escrevo este livro, nem um sistema sacrificial restaurado para ser abolido. Portanto, o primeiro dos dois marcadores de Daniel não tem referente no momento em que a contagem começa. Como se refere a um evento ainda futuro, só posso especular sobre ele sem evidências concretas.

tenho uma resposta definitiva. Aqui estão as duas que me parecem dignas de consideração, e não tenho uma opinião totalmente formada sobre nenhuma delas.

A palavra hebraica é **תמיד** (*tamid*), que significa *contínuo* ou *regular* . Em Daniel 8:11-13, refere-se ao holocausto contínuo, mas a palavra em si denota continuidade, e não o animal. Se *tamid* for interpretado como a adoração contínua a Deus, e não especificamente como o rito sacrificial, então o que será abolido em março de 2027 é a adoração contínua do mundo — suplantada quando a Besta for confirmada e as nações se converterem. Essa interpretação encontra algum respaldo na forma como Daniel 8 usa o termo, e é conveniente para mim, o que justifica considerá-la com certa flexibilidade.

A segunda possibilidade é que as duas cláusulas nomeiem um evento composto descrito sob duas perspectivas, caso em que a dificuldade é gramatical e não histórica. Resolver essa questão exige um conhecimento de gramática hebraica que não pretendo fingir.

O 1335 e onde ele ancora

Daniel apresenta um quarto número no versículo seguinte:

“Bem-aventurado aquele que persevera e alcança os 1335 dias!” — Daniel 12:12

Contando a partir das Últimas Chuvas em 27 de abril de 2027, o dia 1335 é **21 de dezembro de 2030** — que é 25 de Kislev, o primeiro dia de Hanukkah, a festa da rededicação do Templo. Bem-aventurado aquele que espera e chega à dedicação.

Permitam-me apresentar minha especulação sobre como esses eventos se desenrolarão na prática. Quando formos arrebatados em Yom Teruah, Deus começará a derramar Suas Taças da Ira por dez dias. Ele convocará as armas nucleares de Israel e talvez do Irã e/ou do Paquistão, e julgará as nações que se levantaram contra Jerusalém. Estaremos em segurança em nossos aposentos na Nova Jerusalém, com as portas fechadas, enquanto o mundo arde em chamas. Um terço da humanidade, principalmente muçulmanos, morrerá nesses dez dias. Os sobreviventes continuarão *esperando até os 1335 dias*, Hanukkah, quando Jesus retornará conosco e curará as nações.

Acho isso impressionante. Eis o que é estranho nisso.

Daniel 12:11 e 12:12 estão lado a lado e normalmente são lidos como se compartilhassem um único ponto de partida. Se o ano 1335 for contado a partir do mesmo dia que o ano 1290 — 28 de março de 2027 — ele cairá em 21 de novembro de 2030, o que não representa absolutamente nada.

Para chegar a Hanukkah, o ano de 1335 precisa estar ancorado nas Chuvas Serôdias, e não na Abominação. É isso que o calendário do Projeto Messias 2030

faz explicitamente: a entrada para 27 de abril de 2027 diz “*INÍCIO DE 1260 E 1335*”. Portanto, essa é a estrutura declarada por eles, e não uma invenção minha. Mas ainda assim é uma escolha, e a leitura mais clara de dois versículos adjacentes é que ambos os números começam a contar a partir do mesmo momento.

(Nível 3. O resultado é impressionante. A ancoragem necessária para obtê-lo é contestável, e a ancoragem alternativa não produz nada.)

a micro-linha do tempo

Data	Dia	O que
28 de março de 2027	1290 começa	Abominação da Desolação · Primícias
28 de março a 26 de abril 2027	dias 1–30	A Apostasia — o mundo toma partido
27 de abril de 2027	1260 e 1335 começar	Chuvas Setentrionais · último dia do Segundo Pão Ázimo
24 de abril de 2030	—	A sentença de Judá expira em 21 de Nisã.
27 de setembro de 2030	dia 1250	Yom Teruah — ressurreição, êxtase, retorno
27 de setembro a 7 de outubro de 2030	dez dias	Dias de Temor · a portas fechadas · ira
7 de outubro de 2030	dia 1260 e dia 1290 terminam	Yom Kippur — ambas as contagens se encerram
12 de outubro de 2030	—	Sucot começa
21 de dezembro de 2030	dia 1335	Hanukkah · <i>Bem-aventurado aquele que espera</i>

O que o Capítulo 12 nos oferece

- Todos os quatro casos chegam em datas determinadas, de acordo com a regra inclusiva declarada no Capítulo 1. *(Nível 1 — reproduzível.)*
- **1290 – 1260 = 30** , e as duas âncoras estão separadas por trinta dias. A janela da apostasia surge do cálculo em vez de ser inserida. **Este é o resultado interno mais forte do livro.** *(Nível 1.)*
- **1260 – 1250 = 10** , e há exatamente um par de tempos determinados com dez dias de intervalo. Os dias são encurtados precisamente pelos Dias de Temor. *(Nível 1 na aritmética; Nível 3 na leitura de Mateus 24:22)*

dessa maneira.)

- O dia 1335 é 25 de Kislev, a rededicação do Templo — **mas apenas se o ano 1335 estiver ancorado nas Chuvas Serôdias em vez da Abominação** , e Daniel 12:11–12 for normalmente lido como tendo o mesmo início. (Nível 3)
- **Questão não resolvida: Daniel 12:11 associa o ano de 1290 à abolição do sacrifício regular, bem como à abominação, e essa estrutura não tem um referente claro para o primeiro dia em março de 2027.**

Capítulo 13 — A Sequência do Banquete

Até agora, tudo se baseou em aritmética. Este capítulo trata de padrões, e padrões são um tipo de evidência mais sutil, portanto, mantereí as afirmações condizentemente modestas.

A alegação é a seguinte: os tempos determinados em Levítico 23 não são sete feriados religiosos. São uma sequência, e Jesus tem mantido essa ordem.

Os sete

“Os tempos determinados pelo Senhor, que vocês proclamarão como santas convocações, são estes os meus tempos determinados.” — Levítico 23:2

O hebraico é מועדים (*mo'edim*), e não significa *festivais* . Um *mo'ed* é um compromisso.

— um encontro marcado previamente entre partes que pretendem cumpri-lo. A palavra é usada para se referir ao momento em que Deus se reúne com o Seu povo.

São sete, em dois grupos:

	Primavera	Dia
1	Páscoa — <i>Pessach</i>	14 Nisan
2	Pão Ázimo — <i>Matzá</i>	15–21 Nisan
3	Primícias — <i>Yom HaBikkurim</i>	dia seguinte ao sábado daquela semana
4	Semanas — <i>Shavuot</i>	50 dias após as primeiras frutas

	Outono	Dia
5	Trombetas — <i>Yom Teruah</i>	1 Tishri
6	Expição — <i>Yom Kippur</i>	10 Tishri

Quatro na primavera, agrupadas em um intervalo de oito semanas. Três no outono, agrupadas em um intervalo de três. E entre a quarta e a quinta, um intervalo de cerca de quatro meses em que nada é agendado.

Os quatro primeiros, mantidos no dia

Celebração	O que era necessário	O que Ele fez	No dia?
Páscoa	o cordeiro imolado ao entardecer, 14 Nisan	crucificado	sim
Pão Ázimo	fermento — a imagem de corrupção — acabe com isso	Corpo na tumba, sem sinais de decomposição.	sim
Primeiros frutos	o primeiro feixe da colheita apresentado	levantados, <i>“os primeiros frutos de aqueles que estão dormindo”</i>	sim
Semanas	a colheita reunida, cinquenta dias depois	O Espírito se derramou em Shavuot, cinquenta dias depois	sim

Paulo não trata a correspondência como mera formalidade. *“Cristo, nosso Cordeiro Pascal, também foi sacrificado”* — não como um cordeiro pascal, mas o próprio Cristo. *“Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem.”* Ele usa o nome da festa como descrição do evento.

Quatro compromissos. Quatro cumpridos, em ordem, no dia. Não na estação certa. No dia.

Essa é a observação na qual o restante do capítulo se baseia, e vale a pena refletir sobre como as coisas poderiam ter sido diferentes. Uma crucificação não é um evento programado; acontece quando uma multidão e um governador decidem que assim seja. O fato de ter ocorrido em 14 de Nisã, a ressurreição nas Primícias e o Espírito em Shavuot, é ou a sequência de coincidências mais precisa da história ou o significado da palavra *“mo’ed”*: um compromisso cumprido.

Os três que não são mantidos

Então o padrão para. Yom Teruah, Yom Kippur e Sucot nunca tiveram seu evento correspondente.

Todos os anos, desde então, as trombetas soam no dia 1 de Tishri e nada acontece. Todos os anos, o Dia da Expição chega e passa. Isso não é um argumento baseado no silêncio — é a constatação de que uma sequência que vinha sendo cumprida com precisão, quatro vezes seguidas, tem quatro compromissos pendentes e nenhum deles foi cumprido em dois mil anos.

Ou o padrão nunca foi um padrão, ou os três restantes ainda estão na frente.

Por que a lacuna representa o formato da era da igreja?

E é aqui que o próprio calendário diz algo que os capítulos de Daniel tiveram que argumentar.

Entre Shavuot e Yom Teruah há um período de cerca de quatro meses sem nenhuma data específica marcada. Nenhuma. O período de festas da primavera termina, e depois nada até o toque da trombeta.

O próprio calendário festivo da Torá apresenta uma lacuna no meio — e essa lacuna coincide exatamente com o ponto onde terminam as quatro festas celebradas e começam as três festas não celebradas.

O capítulo 8 teve que se esforçar para defender uma interrupção na septuagésima semana de Daniel, e eu lhes disse claramente que nada em Daniel anuncia tal interrupção. Levítico 23 também não a anuncia. Mas há uma interrupção implícita no ano, no mesmo lugar.

Eu não criaria um cronograma com base nisso. Como corroboração para uma lacuna argumentada por outros motivos, tem seu valor.

(Nível 3. A correspondência é real; o que ela significa é uma questão de interpretação. Alguém pode sustentar que o intervalo de quatro meses é agrícola — o período entre a colheita de grãos e a colheita de frutas — e estar completamente certo sobre isso, e isso não tornaria a observação menos interessante.)

O próximo da ordem

Se a sequência for mantida em ordem, a próxima nomeação será a quinta, e haverá apenas um candidato.

Yom Teruá. 1 Tisri. A Festa das Trombetas.

O que está marcado para esse dia merece ser analisado à luz das expectativas dos cristãos para o retorno de Cristo. É a única festa que ocorre na lua nova — o dia

cujo início não podia ser anunciado com antecedência, pois dependia do avistamento do crescente, de modo que os vigias aguardavam e ninguém sabia a hora. É um dia de toque de trombeta, de alarme e convocação. E na tradição judaica, carrega a memória da coroação: o dia em que um rei é aclamado. Uma trombeta. Um dia que ninguém podia determinar com antecedência. Um rei proclamado. E a ressurreição ao som da última trombeta.

Em seguida, dez dias, os Dias de Temor — que o Capítulo 12 encontrou na aritmética como a diferença entre 1260 e 1250, e que Isaías descreve como um recolhimento a portas fechadas enquanto a indignação segue seu curso.

Então chega o Yom Kippur — expiação, sentença cumprida, contas acertadas. As duas longas contagens do capítulo 12 terminam aí.

Então vem Sucot — a colheita, Deus habitando com o Seu povo, que é onde Apocalipse termina: *“o tabernáculo de Deus está com os homens, e Ele habitará com eles”*. Ainda não decidi exatamente o que acontece nesse momento. Jesus habita na Terra conosco, tendo retornado para lutar contra os Seus inimigos? Ele habita conosco na Nova Jerusalém ou no “Céu”, por um tempo? O final da citação de Apocalipse se refere à chegada da Nova Jerusalém e à vinda do Pai à Terra para reinar para sempre.

Trombeta, depois ira suportada a portas fechadas, depois expiação, depois morada. Essa é a ordem estabelecida em Levítico 23, e é a ordem em que os dias do capítulo 12 se apresentam sem que seja necessário pedir.

O que isto mostra e o que não mostra.

Não define um ano. Nada neste capítulo data nada; Yom Teruah ocorre todos os outonos e tem ocorrido há três mil anos.

O que isso faz é indicar como o ano produzido pelos capítulos 6 a 10 deverá ser quando chegar. Os cálculos indicam 2030. A sequência das festas indica que, se os cálculos estiverem corretos, o retorno ocorrerá em Yom Teruah, e não em alguma data arbitrária — e as festas de outono de 2030 são 27 e 28 de setembro e 7 de outubro.

Para que isso funcione, duas coisas independentes precisam estar em sintonia: um ano em relação aos relógios e um dia em relação à sequência. E estão.

O que o Capítulo 13 nos oferece

- Os *mo'edim* são compromissos, não festivais — reuniões fixas marcadas com antecedência. *(Nível 2 — o hebraico.)*
- Jesus cumpriu os quatro compromissos da primavera **no dia** , em ordem, e o Novo Testamento os nomeia dessa forma. *(Nível 2.)*
- Os três compromissos de outono não têm evento correspondente e não tiveram nenhum nos últimos dois mil anos. *(Nível 2 — observação.)*
- O ano festivo da Torá contém um intervalo de quatro meses exatamente no ponto em que as festas observadas terminam e as não observadas começam. *(Nível 3 — corroboração para o intervalo argumentado no Capítulo 8, não prova dele.)*
- Se a sequência continuar em ordem, o próximo compromisso é **Yom Teruah** : lua nova, trombeta, coroação e um dia cujo início não pôde ser anunciado com antecedência. *(Nível 3.)*
- A ordem estabelecida em Levítico 23 — trombeta, depois dez dias, depois expiação, depois habitação — é a mesma ordem em que os

eventos do capítulo 12 se encaixam. *(Nível 1 nos eventos; Nível 3 na importância.)*

Capítulo 14 — Onde os Dois Calendários Concordam

O Capítulo 2 explicou que o ponto fraco deste livro é o calendário e que a data 27-28 de março de 2027 só existe no cálculo observacional. Isso me custou algumas palavras.

Este capítulo é a outra metade desse balanço, e é a melhor notícia do livro.

A objeção que este capítulo responde

Um cético que leu o Capítulo 2 atentamente tem uma resposta devastadora à disposição, e ela é mais ou menos assim:

“Você criou seu próprio calendário e depois descobriu que suas datas coincidem com seus próprios feriados religiosos. É claro que sim. Qualquer calendário pode ser adaptado para incluir feriados religiosos onde você precisar. Mostre-me uma data que sobreviva a um calendário que você não escolheu.”

Esse é um desafio justo, é o desafio certo e merece uma resposta direta, em vez de uma defesa do meu calendário.

Aqui está a resposta.

A comparação

Realizei todos os festivais, em todos os anos de 2025 a 2030, em ambos os calendários: o calendário observacional que este livro segue e o calendário rabínico fixo usado pelo mundo judaico desde aproximadamente o século IV. Dois sistemas construídos sobre regras incompatíveis — um definindo o primeiro mês pela conjunção lunar mais próxima do equinócio da primavera, o outro seguindo um ciclo de dezenove anos com quatro regras de adiamento.

Ano	Diferença entre os dois calendários
2025	0 a 1 dia
2026	1 dia
2027	30 a 31 dias
2028	1 a 2 dias
2029	1 a 2 dias
2030	1 dia na primavera · zero em cada festa de outono

Há duas coisas importantes nessa tabela, e elas puxam em direções opostas.

Primeiro, as “más notícias”, novamente.

2027 é o único ano atípico nesse período. Nesse ano, o calendário fixo insere seu décimo terceiro mês, Adar II, e a regra do equinócio não se aplica. A Páscoa judaica de 2027 ocorre em 22 de março; a Páscoa rabínica de 2027 ocorre em 21 de abril. Há um mês lunar completo de diferença.

E 2027 é o ano do qual depende a data próxima. Eu disse isso no Capítulo 2 e repito aqui, no capítulo que deveria trazer boas notícias, porque o leitor que se lembrar apenas da parte boa terá sido prejudicado.

Se o calendário fixo estiver correto, 27 e 28 de março de 2027 não são dias festivos e o argumento das Primícias para a sua celebração perde o sentido.

Agora, as boas notícias.

Observe novamente a última linha.

Em 2030, os dois calendários coincidem exatamente. Não aproximadamente. Ao dia, em cada festa de outono:

Celebração	Observacional	Rabínico fixo
Yom Teruah — 1 Tishri	28 de setembro de	28 de setembro de

	2030	2030
Yom Kippur — 10 de Tishri	7 de outubro de 2030	7 de outubro de 2030
Sucot começa em 15 de Tishri.	12 de outubro de 2030	12 de outubro de 2030
25 de Kislev — o 1.335º dia	21 de dezembro de 2030	21 de dezembro de 2030

Quatro datas. Dois sistemas que divergem por um mês em 2027. Nenhuma diferença em 2030.

O que isso realmente compra

Vou tentar ser o mais preciso possível, porque é fácil exagerar aqui, e eu já vi pessoas fazendo isso.

O destino não depende do meu calendário. O tiro de partida, sim.

Um leitor que rejeita tudo no Capítulo 2 — que considera o cálculo observacional uma excentricidade e o calendário rabínico fixo o único calendário hebraico legítimo — **ainda assim chega a Yom Teruah em 28 de setembro de 2030 e Yom Kippur em 7 de outubro de 2030.** Essas datas não são um artefato de um calendário improvisado. Elas representam a convergência de ambos os calendários. Você pode descartar todo o meu segundo capítulo e a conclusão permanece a mesma.

Tudo no Capítulo 12 que termina no outono de 2030, portanto, sobrevive intacto à objeção do calendário: os dias 1260 e 1290 terminando em Yom Kippur, os dias 1250 chegando a Yom Teruah, os dez Dias de Temor entre eles e o dia 1335 chegando a Hanukkah.

O que não sobrevive é a âncora de 2027 a partir da qual essas contagens começam. **As contagens são independentes do calendário no final e dependentes do calendário no início**, e essa é uma descrição incômoda, porém precisa, da situação atual deste livro.

E agora a disciplina

É exatamente nesse ponto que um livro como este recorre à palavra "*milagroso*", e eu não vou usá-la.

A convergência não é um milagre. É o que dois sistemas lunissolares fazem quando se alinham, e você pode observar isso em 2025, 2026, 2028 e 2029 na mesma tabela. Ambos estão aproximando a mesma lua. Na maioria dos anos, eles coincidem bastante; ocasionalmente, uma intercalação ocorre de forma diferente

e eles divergem em um mês. O fato de 2030 ser um desses anos de convergência não é um sinal. É aritmética.

Seu valor é **defensivo, não probatório**. Não prova a data. Remove uma objeção a ela — e a objeção que remove é a mais forte que um cético tem contra as datas de outono.

É só isso que faz. Merece um capítulo porque a objeção merecia ser respondida, não porque o acordo prove alguma coisa.

Se eu dissesse que as chances de dois calendários coincidirem são astronômicas, estaria fazendo exatamente aquilo contra o que este livro foi escrito. Eles coincidem frequentemente. Concordam em 2030. Isso basta, e não é mais do que suficiente.

O que o Capítulo 14 nos oferece

- Entre 2025 e 2030, os dois calendários normalmente coincidem dentro de um ou dois dias; não são sistemas rivais que produzem anos diferentes. *(Nível 1 — calculado e reproduzível na página web.)*
- **2027 é o único valor discrepante**, divergindo por um mês lunar completo — e é o ano em que a data próxima se baseia. *(Nível 1 no cálculo; a vulnerabilidade é real e mencionada duas vezes.)*
- **2030 é um ano de concordância exata** em relação a Yom Teruah, Yom Kippur, Sucot e 25 de Kislev. *(Nível 1.)*
- Portanto, as datas do outono de 2030 **não dependem do calendário deste livro** e resistem completamente à objeção do calendário. A referência de 2027, por outro lado, não. *(Nível 2.)*
- O acordo **não é milagroso** — é o que os sistemas lunisulares em fase fazem. Seu valor reside em eliminar uma objeção, não em comprovar uma data. *(Dito isso para que ninguém possa acusar o livro de alegar mais do que isso.)*

PARTE VI — ADVERSÁRIO

Capítulo 15 — As Objeções Mais Fortes

Procurei responder às objeções à medida que surgiam, em vez de as guardar todas para o final, porque um argumento que adia as suas dificuldades acaba por condicionar o leitor a desconfiar dele. Mas algumas objeções não dizem respeito a

um capítulo específico. Dizem respeito a toda a obra.

Aqui estão elas, na forma mais contundente que consigo apresentar. Tentei expor cada uma da maneira como seu melhor defensor o faria, e não como um espantalho. Em relação a duas delas, minha resposta é que o objetor tem razão.

1. "Ninguém sabe o dia nem a hora."

Você está fazendo exatamente o que Jesus proibiu. Ele disse que ninguém sabe — nem os anjos, nem mesmo o Filho. Quem é você? Cada geração produz homens como você, e o fato de você ter uma planilha não o diferencia dos homens com gráficos em 1844 e 1988. A instrução era observar, não calcular.

Essa é a objeção que quase todo mundo levanta primeiro, e a versão acima é mais forte do que as que costumo ouvir, então vou levá-la a sério.

Três coisas são verdadeiras ao mesmo tempo.

Primeiro, Mateus 24:36 se refere ao dia e à hora, e eu não estou afirmando nenhum dos dois. Este livro menciona uma data obtida por inferência a partir de textos e da história, publicamente, com os cálculos apresentados e cada número verificável. Isso é diferente de afirmar ter recebido essa informação. Eu nunca afirmei ter recebido essa informação.

A segunda questão é que o versículo era verdadeiro quando foi proferido. "*Ninguém sabe*" é uma afirmação sobre um estado de coisas, não um decreto de que esse estado de coisas é permanente. Daniel foi informado de que as palavras estavam "*ocultas e seladas até o fim dos tempos*" — uma linguagem que espera uma revelação posterior, não uma revelação permanente.

O terceiro argumento é o que considero mais difícil de refutar, e está do lado de quem se opõe. **Homens têm usado exatamente esse raciocínio para justificar exatamente essa atividade por duzentos anos, e todos eles estavam errados.** Isso não é insignificante. É um forte argumento a meu favor, e eu mesmo o defendo.

O que eu diria é que a ordem de vigiar não é compatível com a instrução de não tirar conclusões precipitadas. Jesus repreendeu os fariseus por lerem o céu e não a estação do ano. Ele disse a uma igreja que, se ela não despertasse, Ele viria sobre ela como um ladrão — o que significa que a alternativa estava disponível. Estar

desperto tem conteúdo, ou a palavra não significa nada.

A objeção não é dissipada. Ela é respondida — por um homem que sabe que todos antes dele pensaram da mesma forma.

2. “Primeiro você encontrou o ano e trabalhou de trás para frente.”

Com uma Bíblia, uma calculadora e motivação suficiente, qualquer um pode chegar a qualquer ano. Você tem 390, 40, 7, 2000, 80, 1260, 1290, 1335, três calendários e quatro decretos candidatos para usar. É claro que algo vai parar em 2030. Você também teria encontrado algo para 2028.

Essa é a objeção que mais respeito, pois é a que eu levantaria, e o Capítulo 3 foi escrito para respondê-la antes que as conclusões fossem alcançadas.

São três testes, e eu aplicaria os três ao sistema de qualquer outra pessoa.

Os parâmetros foram escolhidos independentemente do objetivo? 390 e 40 estão em Ezequiel 4. Sete está em Levítico 26. Oitenta está no Salmo 90. 1260, 1290 e 1335 estão em Apocalipse e Daniel. Nenhum desses números foi escolhido por mim. O que eu escolho é onde cada relógio começa — e é por isso que os capítulos 6 e 7 dedicam a maior parte do seu conteúdo à defesa das datas de início, em vez de fazer cálculos aritméticos.

Quantos parâmetros livres e qual a sua abrangência? Dois por relógio: a âncora e quantas vezes o multiplicador é aplicado. O segundo é uma escolha genuína, como explica o Capítulo 3. Mas o multiplicador é sete, então cada aplicação adicional multiplica tudo por sete. Para Israel: nenhuma multiplicação resulta em 311 a.C., uma resulta em 2030, duas resultam no ano 18410. Para Judá: uma resulta em 350, duas resultam em 2030, três resultam em 13790. **Exatamente uma configuração por relógio corresponde a algum ponto da história registrada.** Não se trata de um mostrador. É uma chave com uma única posição plausível.

O sistema produz resultados para os quais não foi projetado? Este é o teste mais rigoroso, e a resposta é não. Um sistema bem ajustado produz exatamente aquilo para o qual foi projetado. Este, em particular, gerou uma janela de apostasia de trinta dias a partir da diferença entre o 1290 de Daniel e o 1260 de João — dois números escritos com seis séculos de diferença —, coincidindo com o intervalo entre duas datas de festas definidas pela conjunção lunar. E gerou um intervalo de dez dias que se revelou o único par de datas determinadas com dez

dias de intervalo no calendário hebraico.
Nenhum dos dois era o alvo.

Onde o opositor acerta em cheio : no relógio de geração. Seis configurações plausíveis, uma delas resulta em 2030, e é essa que eu uso. O Capítulo 9 imprime a grade e classifica esse relógio em último lugar. Nesse ponto, a objeção procede.

3. “Ezequiel 4 não é um relógio.”

Ezequiel estava realizando um sinal para uma geração sitiada sobre um exílio iminente. Nada na passagem sugere uma contagem regressiva de dois mil e quinhentos anos após sua morte. Você pegou um fragmento de profecia cumprida sobre o século VI a.C. e o transformou em um cronômetro.

Está correto até certo ponto, e esta é a dobradiça, então não vou suavizar a situação.

A passagem é um sinal sobre o exílio. O que a passagem também faz é **quantificar** — 390 e 40, com uma taxa de conversão explícita, *um dia para cada ano* . Deus não disse a Ezequiel para ficar deitado ali por muito tempo. Ele deu números e nomeou a unidade. Números emitidos com precisão, com uma conversão declarada, são emitidos para serem contados; Daniel contou os setenta de Jeremias da mesma maneira e orou quando eles acabaram.

O ponto fraco, de fato, não é a contagem, mas sim a ancoragem. O fato de os 390 anos avançarem a partir do cerco de 701 a.C., e os 40 anos avançarem até o cerco de 70 d.C., decorre da leitura dos lados esquerdo e direito de Ezequiel como direções em uma linha do tempo da direita para a esquerda. O capítulo 4 afirma claramente que um leitor que interpreta esquerda e direita simplesmente como *norte* e *sul* não perde nada em relação à identidade das duas casas e não ganha nada em termos de relógio — e que, nessa interpretação, este livro não possui datas de início.

Mantenho a leitura devido aos resultados que ela proporciona posteriormente, e o Capítulo 4 admite que isso se justifica pelos resultados, e não por evidência própria. **Trata-se da maior dependência individual do livro e é uma interpretação.**

4. "Levítico 26 significa severidade, não duração."

"Sete vezes" é uma expressão idiomática. Gênesis 4:15 não é aritmética. Você converteu um intensificador hebraico em um sinal de multiplicação porque a multiplicação leva você aonde quer chegar, e a maioria dos comentaristas interpreta da mesma forma que eu.

A maioria interpreta dessa forma, e o Capítulo 5 afirma isso explicitamente, em vez de esperar para ser pego.

O que o Capítulo 5 argumenta ser mais restrito do que *a visão da maioria está errado*. Trata-se da ideia de que **a severidade não é uma grandeza mensurável** — não existe uma unidade em que uma fome seja sete vezes maior que outra —, enquanto a duração possui uma. Uma punição é administrada ao longo do tempo, portanto, tem duas dimensões: a intensidade e a duração, e *sete vezes a punição* é uma afirmação sobre o total que engloba ambas. Apenas uma dessas duas dimensões pode conter um fator verificável de sete.

Isso cria uma bifurcação sem saída fácil. Ou *sete vezes* é quantitativo, caso em que se refere a um total com uma dimensão temporal — ou é pura expressão idiomática para plenitude, caso em que não multiplica nada e as quatro escalas servem mais como ênfase do que como uma escada.

E eu não preciso que a severidade seja falsa. Preciso que a duração esteja disponível. O leitor que tem certeza de que Levítico 26 trata da severidade pode estar completamente certo, e este livro ainda funciona; ele estaria descrevendo a dimensão que eu não estou considerando.

(O Capítulo 5 também apresenta, detalhadamente, um argumento irrefutável contra a interpretação da severidade, que me recuso a reproduzir por ser ineficaz. Se você quiser saber o que este livro faz com um argumento que o favoreça, é lá que deve procurar.)

5. "Seu calendário foi inventado."

Vocês rejeitam o calendário que o mundo judaico segue há dezesseis séculos em favor de um calculado a partir de tabelas astronômicas, e depois anunciam que suas datas coincidem com dias festivos. Elas coincidem com os seus dias festivos. Mostrem-me uma data que sobreviva a um calendário que vocês não escolheram.

Justo, e é o desafio certo. O Capítulo 14 existe para respondê-lo.

As datas do outono de 2030 permanecem intactas. Ambos os calendários — o observacional que este livro segue e o fixo rabínico — situam Yom Teruah em 28 de setembro de 2030, Yom Kippur em 7 de outubro de 2030, Sucot em 12 de outubro e 25 de Kislev em 21 de dezembro. Um leitor que rejeite completamente o Capítulo 2 ainda assim chegará a todas essas datas. O término é independente do calendário.

A referência de 2027 não se mantém. Em 2027, e somente em 2027 ao longo dos seis anos que verifiquei, os dois calendários divergem em um mês lunar completo, porque o calendário fixo insere Adar II e a regra do equinócio não. Segundo o cálculo rabínico, 27 e 28 de março de 2027 não são dias festivos.

Portanto, a situação é dividida. **O destino é independente do calendário; o tiro de partida, não.** Isso é afirmado no Capítulo 2, novamente no Capítulo 14 e novamente aqui, porque é o que provavelmente é verdade e indesejável.

6. “Todos que marcaram encontros para casamento já erraram.”

Miller. Russell. Whisenant. Camping. Todos eles tinham conhecimento das escrituras, matemática e sinceridade. Todos tinham seguidores que venderam suas casas. A taxa básica dessa atividade é zero, e você não me deu nenhum motivo para pensar que você seja a exceção.

A taxa básica é real e não vou fazer rodeios quanto a isso.

A resposta usual — *nove meninas disseram não, então a décima pode dizer sim* — é uma resposta a uma versão ruim do argumento. A versão correta não é uma afirmação lógica; é uma afirmação estatística, e argumentos estatísticos não são refutados apontando que não são dedutivos. **Uma longa sequência de fracassos é evidência, e é evidência contra mim.**

O que posso oferecer não é motivo para pensarem que sou especial. É uma forma diferente de fracassar.

Cada nome naquela lista pedia para ser acreditado. Este livro pede para ser verificado. Cada número nele é reproduzível a partir de entradas especificadas, seguindo regras específicas; a página da web recalcula e reporta falhas; a página de exploração permite que um leitor hostil altere qualquer suposição e observe a conclusão mudar. Imprimir a grade que compromete o relógio da geração, a escalada que quebrou meu próprio argumento, o erro de ancoragem que colocou o relógio de Judah em 1990 e um número de quarenta e dois dígitos que me

recusei a usar.

Se este livro estiver errado, **os meios para demonstrar que está errado estão no próprio livro.**

Isso não significa que eu esteja certo. É a única coisa que vale a pena oferecer em vez disso.

7. “Seus quatro relógios não são independentes.”

Israel e Judá têm origem em Ezequiel 4 e Levítico 26 e, portanto, necessitam das mesmas abordagens interpretativas. Tanto Judá quanto o seu calendário do Jubileu começam em 30 d.C. A sua convergência se dá por meio de uma estrutura que concorda consigo mesma.

Você tem razão, e eu já havia dito isso antes de você. O Capítulo 9 examina cada relógio em busca de fontes, pontos de referência e movimentos interpretativos compartilhados, e conclui exatamente isso. Retirei a expressão “quatro relógios independentes” do livro.

O que sobrevive é menor: uma estrutura, aplicada duas vezes com quase nenhuma entrada compartilhada — 390 contra 40, âncoras separadas por sete séculos, uma multiplicação contra duas — resultando duas vezes no mesmo ano. Trata-se de uma verificação de consistência da estrutura, e não de duas testemunhas de um fato. O Capítulo 7 mostrou como essa estrutura produz facilmente 1990 ou 2420 quando uma âncora muda, portanto, a verificação não é trivial.

Menos do que parecia. Mais do que nada.

8. “Você usa uma cronologia minoritária quando lhe convém.”

A maioria das versões que calculam o décimo quinto ano de Tibério indica 28 ou 29 d.C. e uma crucificação por volta de 33 d.C. Você usa a versão minoritária da corregência, que indica 26 d.C. e 30 d.C. — os únicos números que fazem seu relógio fechar. E suas quatro Páscoas em João exigem a leitura de 5:1 como uma Páscoa, quando o grego diz apenas “uma festa”.

Ambas as afirmações são verdadeiras e foram reveladas no Capítulo 7 e novamente no Capítulo 8.

Se a crucificação ocorreu em 33 d.C., os quarenta anos de Judá se estendem até 73 d.C. — não um cerco de Jerusalém durante a Páscoa, mas a queda de Massada — e **o relógio de Judá não se fecha**. O relógio do Jubileu se move junto com ele, já que compartilha a mesma âncora.

O calendário israelense permanece inalterado. Está ancorado em 701 a.C. e não depende de nenhuma cronologia do Novo Testamento.

Então: dos dois relógios mais fortes, um se baseia em uma data contestada do primeiro século e o outro não, e ambos apontam para o mesmo ano. Isso tem valor. Não vale a pena fingir que a data contestada está resolvida.

O que resta?

Oito objeções. Em duas delas — a independência dos relógios e a grade de seis células do relógio gerador — o objetor está simplesmente certo, e o livro foi alterado para refletir isso. Nas demais, apresentei a melhor resposta possível e indiquei onde ela termina.

Se você leu até aqui e ainda não se convenceu, prefiro isso à alternativa. O pior resultado para um livro como este é um leitor que acredita nele simplesmente porque o autor pareceu confiante.

O que eu peço, em vez disso, é o seguinte: não aceitem a conclusão como se fosse minha autoridade. Adotem o método: estabeleçam suas regras antes de contar, identifiquem os pontos fracos do seu próprio texto e admitam que um número que vocês gostem pode estar errado. Se fizerem isso com estes capítulos e tudo desmoronar, o livro terá valido a pena de qualquer forma, e eu gostaria de ouvir a opinião de vocês.

info@purelife2030.com

purelife2030.com/os-números.html

Apêndices

Apêndice A — Cronograma Geral

Este livro se baseia em todos os eventos datados, de 701 a.C. a 21 de dezembro de 2030. As datas hebraicas são rabínicas e foram calculadas, não copiadas. Os rótulos dos níveis são explicados no Capítulo 3. Cada linha aqui corresponde a um capítulo.

#	Data	data hebraica	Evento	Relógio	Escrituras	Nível
1	722 a.C.		Queda de Samaria; Casa de Israel deportada pela Assíria.	Israel	2 kg 17:5-6	2 · HISTÓRICO
2	701 a.C.		O cerco de Senaqueribe a Jerusalém FRACASSA — Os 390 anos de Israel começam	Israel	Ezequiel 4:5; 2 kg 19	3 · INTERPRETATIVO
3	458 a.C.		Artaxerxes I decreta a restauração de Jerusalém (Esdras 7)	Daniel 9	Esdras 7; Daniel 9:25	2 · HISTÓRICO
4	409 a.C.		Fim dos primeiros 7 semanas (49 anos) — Jerusalém reconstruída	Daniel 9	Daniel 9:25	1 · ARITMÉTICA
5	311 a.C.		Os 390 anos de Israel expiram. Sem arrependimento. Frase multiplicada por sete.	Israel	Levítico 26:18, 21, 24, 28	1 · ARITMÉTICA

6	26 d.C. (Tevet 1)		Jesus batizou — fim da 69ª semana; começa a 70ª semana	Daniel 9	Lc 3:1,21-23; Daniel 9:25	3 · INTERPRETATIVO
7	5 de abril d.C. 30		CRUCIFICAÇÃO — Páscoa,	Judá / Daniel 9	Daniel 9:26-27; 1 Coríntios 5:7	3 · INTERPRETATIVO
#	Data	data hebraica	Evento	Relógio	Escrituras	Nível
			Meio da 70ª semana. Começam os 40 anos de Judá.			
8	24 de maio 30 d.C.		Pentecostes — o Espírito Santo derramado; começa a era da igreja.	messias	Atos 2	3 · INTERPRETATIVO
9	Páscoa, 70 d.C. (aproximada mente meados de abril)		O cerco final de Jerusalém COMEÇA — Os 40 anos de Judá expiram. Sem arrependimento.	Judá	Lc 21:20	2 · HISTÓRICO
10	9-10 Av, 70 d.C. (~4 Agosto)		O templo foi incendiado.	Judá	Mt 24:2	2 · HISTÓRICO
11	350 d.C.		A primeira sentença multiplicada de Judá (280 anos) expira. Ainda sem arrependimento.	Judá	Levítico 26:24,28	1 · ARITMÉTICA
12	14 de maio 1948		Israel renasceu como uma nação	Geração	Mt 24:32-34	2 · HISTÓRICO
13	23 de janeiro 1950		O Knesset declara Jerusalém a capital. — 60 a 2	Geração	Salmo 90:10; Mt 24:34	3 · INTERPRETATIVO

14	7 de outubro 2023		Ataque do Hamas contra Israel — Shemini Atzeret	Marcador —	2 · HISTÓRICO
15	27 de março 2027 (sábado)	Adar 2 18, 5787	ABOMINAÇÃO DA DESOLAÇÃO — a abominação é configurar	Tribulação Daniel 12:11; 2 O 2	4 · PROFÉTICO

#	Data	data hebraica	Evento	Relógio	Escrituras	Nível
16	28 de março 2027 (Sol)	Adar 2 19, 5787	Primeiro dia de 1290 · Os 30 dias de Apostasia começam	Tribulação	Daniel 12:11	4 · PROFÉTICO
17	26 de abril 2027 (Seg)	Nissan 19, 5787	Dia 30 — o fim da Apostasia	Tribulação	2 Ts 2:3	1 · ARITMÉTICA
18	27 de abril 2027 (Ter)	Nissan 20, 5787	CHUVAS TARDE CAEM — Dia 1 dos anos 1260 e dos anos 1335	Tribulação	Apocalipse 11:3;4 Daniel 12:12	· PROFÉTICO
19	15 de abril 2030 (Seg)	Nissan 12, 5790	Páscoa (Pessach), M2030 calendário — dia 14 do primeiro mês	Termo	Levítico 23:5	4 · PROFÉTICO
20	24 de abril 2030 (Qua)	Nissan 21, 5790	PUNIÇÕES EXPIRAM — 21 Nisan, último dia dos Pães Ázimos. Começam os cinco meses.	Termo	Apocalipse 9:5	4 · PROFÉTICO
21	27 setembro 2030 (Sex)	de29 de Elul, 5790	YOM TERUAH — Dia 1250. Ressurreição, Arrebatamento, Retorno. Os dias são abreviados.	Retornar	Levítico 23:24;4 Monte 24:22; Isaías 26:19-21	· PROFÉTICO
22	7 de outubro 2030 (Seg)	10 Tishrei, 5791	deYOM KIPPUR — Dia 1260 e o Dia 1290 termina. Os dez dias de ira conclui.	Retornar	Levítico 23:27; Daniel 12:11	4 · PROFÉTICO
23	11 de outubro	14	Festa dos deTabernáculos	Retornar	Levítico 23:34;	4 · PROFÉTICO

	2030 feira)	(sexta-Tishrei, 5791	começa — o		Zacarias 14:16	
#	Data	data hebraica	Evento	Relógio	Escrituras	Nível
Reino Milenar						
24	21 dezembro 2030 (sáb)	Kislev 25, 5791	Dia 1335 — 'Bendito seja ele' quem espera.' Hanukkah: o Templo rededicado.	Retornar	Daniel 12:12	4 · PROFÉTICO

Apêndice B — Todos os cálculos, reproduzíveis

Os intervalos de anos são calculados na numeração de anos astronômicos (701 a.C. = −700), o que torna estruturalmente impossível errar o ano zero ausente. Converta de volta no final: um resultado positivo é d.C.; um resultado de 0 ou menos é (1 − n) a.C.

#	O que estabelece	issoComeçar	Operação	Anos	Resultado	Lê-se como	Regra
1	Israel: sentença original expira	-700	701 a.C. + 390	390	-310	311 a.C.	Ezequiel 4:5 — 390 dias, um dia para um ano (Ezequiel 4:6).
2	Israel: sentença multiplicada por sete	-700	701 a.C. + (390 x 7)	2730	2030	2030 d.C.	Levítico 26:18,21,24,28 — 'sete vezes mais'. Servido à frente do cerco, que para Israel abre seu mandato (o lado esquerdo de Ezequiel). Veja o Capítulo 7.
3	Judá: sentença original expira	30	30 d.C. + 40	40	70	70 d.C.	Ezequiel 4:6 — 40 dias, um dia por ano. Crucificação ao cerco de Jerusalém.
4	Judá: primeira	70	AD 70 +	280	350	350 d.C.	Levítico 26 — primeira

	multiplicação		(40 x 7)				escalada. 40 x 7 = 280, servido a partir do cerco de 70 d.C.
5	Judá: segunda multiplicação	70	AD 70 + (40 x 7 x 7)	1960	2030	2030 d.C.	Levítico 26 — segunda escalada. 40 x 7 ² = 1960. NÃO '280 x 7' — O sete ao quadrado é o ponto. Saque para frente do cerco, que
#	O que isso estabelece	Começar	Operação	Anos	Resultado	Lê-se como	Regra
							pois Judá encerra seu mandato (lado direito de Ezequiel). Veja o Capítulo 7.
6	Crucificação 2000 anos (40 Jubileus)	+30	AD 30 + 2000	2000	2030	2030 d.C.	Oséias 6:2; 2 Pedro 3:8. Quarenta Jubileus de 50 anos.
7	A geração de Jerusalém restaurada	de 1950	1950 + 80	80	2030	2030 d.C.	Salmo 90:10 (80 anos); Mateus 24:34. Knesset votação de 23 de janeiro de 1950, 60 para 2.
8	Daniel 9: primeiras sete semanas	as-457	458 a.C. + 49	49	-408	409 a.C.	Daniel 9:25 — 7 semanas de anos.
9	Daniel sessenta e nove semanas até o Messias	9:-457 e	458 a.C. + 483	483	26	26 d.C.	Daniel 9:25 — (7 + 62) x 7 = 483 anos.
10	Israel renascido + uma geração (a objeção)	1948	1948 + 80	80	2028	2028 d.C.	Mostrado propositalmente. 1948 NÃO corresponde a 2030 — por isso o livro usa 1950. restauração da cidade.

Apêndice C — O dia conta

Todas as contagens **incluem ambos os pontos finais** : o dia 1 é a data de início. Para reproduzir esses resultados em timeanddate.com, marque a opção " *Incluir data de término no cálculo*" — todas as contagens, sempre.

Contar	Escrituras	De	O início é	Para	Fim é	Hebraico (fim)
1290	Daniel 12:11	28 de março 2027	Primícias — a Abominação da Desolação	7 de outubro 2030	Yom Kippur — 10 de Tishri	10 de Tishrei, 5791
30	2 Tessalonicenses 2:3	28 de março 2027	Começa a Apostasia	26 de abril 2027	O fim da Apostasia	Nissan 19, 5787
1260	Apocalipse 11:3; 12:6	27 de abril 2027	Chuvas Setentrionais — último dia da 2ª Festa dos Pães Ázimos	7 de outubro 2030	Yom Kippur — 10 de Tishri	10 de Tishrei, 5791
1250	Mateus 24:22	27 de abril 2027	Chuvas Secundárias — as testemunhas empoderadas	27 de setembro 2030	Yom Teruah — os dias encurtados em dez	29 de Elul, 5790
Contar	Escrituras	De	O início é	Para	Fim é	Hebraico (fim)
1335	Daniel 12:12	27 de abril 2027	Chuvas Tardias 'Bendito seja ele' quem espera'	21 de dezembro 2030	Hanucá — 25 de Kislev, o Templo foi rededicado.	Kislev 25, 5791
2558	Marcador	7 de outubro 2023	Ataque do Hamas Shemini Atzeret	7 de outubro 2030	Yom Kippur sete anos até o dia	10 de Tishrei, 5791
157	Apocalipse 9:5	24 de abril 2030	21 de Nisan (rabínico) — as punições expiram; cinco meses começar	27 de setembro 2030	Yom Teruah A porta se fecha.	29 de Elul, 5790

Derivado: 1290 — 1260 = 30, e as duas âncoras estão separadas por 30 dias. 1260

– 1250 = 10, e Yom Teruah e Yom Kippur estão separados por 10 dias. Nenhuma dessas relações foi planejada. Veja o Capítulo 12.

Apêndice D — Calendário de Festas 2025–2030, ambas as versões

As datas de observação são do calendário publicado pelo Projeto Messias 2030 (equinócio mais conjunção lunar, horário de Jerusalém). As datas rabínicas foram calculadas aqui. Todas as datas são referentes ao período **diurno** ; cada festa começa ao pôr do sol da noite anterior. Veja os capítulos 2 e 14.

Ano	Celebração	Observacional	Rabínico	Brecha
2025	Páscoa (14º dia, 1º mês)	12 de abril de 2025	12 de abril de 2025	mesmo dia
2025	Pão Ázimo começa (15º)	13 de abril de 2025	13 de abril de 2025	mesmo dia
2025	Primeiros frutos	20 de abril de 2025	—	n / D
2025	Shavuot / Semanas	9 de junho de 2025	—	n / D
2025	Yom Teruah / Trombetas (1 Tishri)	22 de setembro de 2025	23 de setembro de 2025	1 dia
2025	Yom Kippur / Expição (10 Tishri)	1 de outubro de 2025	2 de outubro de 2025	1 dia
2025	Sucot/Tabernáculos começa	6 de outubro de 2025	7 de outubro de 2025	1 dia
2026	Páscoa (14º dia, 1º mês)	2 de abril de 2026	1 de abril de 2026	1 dia
2026	Pão Ázimo começa (15º)	3 de abril de 2026	2 de abril de 2026	1 dia
2026	Primeiros frutos	5 de abril de 2026	—	n / D
2026	Shavuot / Semanas	25 de maio de 2026	—	n / D
2026	Yom Teruah / Trombetas (1 Tishri)	13 de setembro de 2026	12 de setembro de 2026	1 dia
2026	Yom Kippur / Expição (10 Tishri)	22 de setembro de 2026	21 de setembro de 2026	1 dia
2026	Sucot/Tabernáculos começa	27 de setembro de 2026	26 de setembro de 2026	1 dia
2027	Páscoa (14º dia, 1º mês)	22 de março de 2027	21 de abril de 2027	30 dias
2027	Pão Ázimo começa (15º)	23 de março de 2027	22 de abril de 2027	30 dias
Ano	Celebração	Observacional	Rabínico	Brecha
2027	Primeiros frutos	28 de março de 2027	—	n / D
2027	Segunda Páscoa (14º dia do segundo mês)	20 de abril de 2027	21 de maio de 2027	31 dias

		2027	
2027	2º Pão Ázimo TERMINA (21º)	27 de abril de 2027	28 de maio de 2027 31 dias
2027	Shavuot / Semanas	17 de maio de 2027	n / D
2027	Yom Teruah / Trombetas (1 Tishri)	1 de setembro de 2027	2 de outubro de 2027 31 dias
2027	Yom Kippur / Expição (10 Tishri)	10 de setembro de 2027	11 de outubro de 2027 31 dias
2027	Sucot/Tabernáculos começa	15 de setembro de 2027	16 de outubro de 2027 31 dias
2028	Páscoa (14º dia, 1º mês)	9 de abril de 2028	10 de abril de 2028 1 dia
2028	Pão Ázimo começa (15º)	10 de abril de 2028	11 de abril de 2028 1 dia
2028	Primeiros frutos	15 de abril de 2028	n / D
2028	Shavuot / Semanas	4 de junho de 2028	n / D
2028	Yom Teruah / Trombetas (1 Tishri)	19 de setembro de 2028	21 de setembro de 2028 2 dias
2028	Yom Kippur / Expição (10 Tishri)	28 de setembro de 2028	30 de setembro de 2028 2 dias
2028	Sucot/Tabernáculos começa	3 de outubro de 2028	5 de outubro de 2028 2 dias
2029	Páscoa (14º dia, 1º mês)	28 de março de 2029	30 de março de 2029 2 dias
2029	Pão Ázimo começa (15º)	29 de março de 2029	31 de março de 2029 2 dias
2029	Primeiros frutos	1 de abril de 2029	n / D
2029	Shavuot / Semanas	21 de maio de 2029	n / D
2029	Yom Teruah / Trombetas (1 Tishri)	9 de setembro de 2029	10 de setembro de 2029 1 dia
2029	Yom Kippur / Expição (10 Tishri)	18 de setembro de 2029	19 de setembro de 2029 1 dia
2029	Sucot/Tabernáculos começa	23 de setembro de 2029	24 de setembro de 2029 1 dia
2030	Páscoa (14º dia, 1º mês)	16 de abril de 2030	17 de abril de 2030 1 dia
2030	Pão Ázimo começa (15º)	17 de abril de 2030	18 de abril de 2030 1 dia
2030	Pão Ázimo TERMINA (21º)	23 de abril de 2030	24 de abril de 2030 1 dia
2030	Primeiros frutos	21 de abril de 2030	n / D
2030	Shavuot / Semanas	10 de junho de 2030	n / D
2030	Yom Teruah / Trombetas (1 Tishri)	28 de setembro de 2030	28 de setembro de 2030 mesmo dia

		2030	2030	dia
2030	Yom Kippur / Expição (10 Tishri)	7 de outubro de 2030	7 de outubro de 2030	mesmo dia
2030	Sucot/Tabernáculos começa	12 de outubro de 2030	12 de outubro de 2030	mesmo dia
2030	Oitavo dia de Hanukkah (termina em 1335)	21 de dezembro de 2030	21 de dezembro de 2030	mesmo dia

Apêndice E — Notas Cronológicas

Qualquer argumento que um crítico possa atacar, considerando o nível de conhecimento acadêmico e a justificativa da escolha feita.

O cerco fracassado de Senaqueribe — este livro usa *o ano de 701 a.C.*
Alternativas: Incontestável.

Corrigido pelo cânone epônimo assírio, o Prisma de Senaqueribe e 2 Reis 18-19. O cerco de Jerusalém fracassou: os próprios anais da Assíria dizem que Ezequias foi mantido preso "como um pássaro engaiolado", mas nunca afirmam que a cidade caiu.

SÓLIDO. Uma minoria (Shea) propõe uma segunda campanha por volta de 688-686 a.C.; a maioria realiza uma campanha em 701 a.C.

Queda de Samaria — este livro usa 722 a.C. (*apenas no contexto*) . Alternativas: 720 a.C. (Sargão II).

2 Reis 17:5-6 e fontes babilônicas atribuem a vitória a Salmanasar V, cujo cerco de três anos termina

c. 722. Sargão II reivindica o crédito pessoal; estudiosos datam sua conquista ou supressão de uma revolta em 720.

Não foi utilizado em nenhum cálculo. Foi listado para que ninguém suponha que tenha sido usado discretamente. Veja o Capítulo 6.

Decreto de Artaxerxes a Esdras — este livro usa 458 a.C. Alternativas: 457 a.C.

458 a.C. segue o calendário persa baseado no calendário Nisan, que não considera o ano de ascensão ao trono, a partir da ascensão de 465/464 a.C. 457 a.C. segue o calendário baseado no ano de ascensão ao trono, acrescido do calendário civil judaico de Tishri e do interregno de Artabano, com duração aproximada de 7 meses. Ambas as datas são defensáveis.

Este livro usa o ano de 458 a.C. como referência. Quem considerar o ano de 457 a.C. encontrará todas as datas de Daniel 9 um ano depois, e o argumento do capítulo 8 permanece inalterado mesmo com essa mudança.

15º ano de Tibério — este livro usa 26 d.C. Alternativas: 27 d.C. · 28/29 d.C.

A maioria dos cálculos parte da contagem a partir da morte de Augusto (19 de agosto de 14 d.C.) e indica o final de 28 d.C.

/ início de 29. O cálculo da corregência parte da autoridade provincial coigual de Tibério.

c. 11-13 d.C. e produz 26-27 d.C.

O elo histórico mais fraco da corrente. Este livro utiliza a cronologia da corregência minoritária, e os capítulos 7 e 8 o afirmam, em vez de apresentar o ano 26 d.C. como incontestável.

Crucificação — este livro usa 5 de abril de 30 d.C. Alternativas: 33 d.C. · 31 d.C.

Páscoa, 14 de Nisã. Requer o batismo de 26 d.C. mais um ministério de 3,5 anos (quatro Páscoas: João 2:13, 5:1, 6:4, 11:55).

Sólido, dado o ano 26 d.C. — mas coincide com o cálculo de Tibério acima, em vez de ser independente dele.

O Cerco de Jerusalém começa — este livro usa a Páscoa de 70 d.C. Alternativas: —.

Josefo: As forças de Tito usaram as multidões da Páscoa para cercar os muros em 14 de Nisã, aproximadamente em meados de abril de 70 d.C.

Sólido, e esta é a âncora correta para uma contagem de Páscoa a Páscoa. Veja o Capítulo 10.

Templo destruído — este livro usa 9-10 de Av, 70 d.C. Alternativas: ~4 de agosto de 70 d.C.

Josefo diz 10 Av; Mishná Ta'anit 4:6 diz 9 Av. Aproximadamente 3,5 meses APÓS o início do cerco.

Sólido, e a distinção importa. Meu livro anterior dizia que o Templo foi destruído na Páscoa. Não foi — o cerco começou na Páscoa e o Templo foi incendiado cerca de três meses e meio depois. O fato corrigido é o que o relógio de Judá realmente precisa.

311 a.C. — este livro usa o ano de 390 a.C. de Israel . Alternativas: —.

A primavera de 311 a.C. é a época da Era Selêucida (1 de Nisan = 3 de abril de 311 a.C.), posteriormente adotada pelos judeus como minyan shtarot, a 'Era dos Contratos', mencionada em 1 Macabeus e em documentos legais judaicos por mais de um milênio.

Nenhuma conquista, batalha ou mudança de governo ocorreu na Judeia em 311 a.C. A importância é apenas calendária, e o Capítulo 6 afirma isso. A versão literal ainda é impressionante.

350 d.C. — este livro usa o primeiro x7 de Judá expira . Alternativas: 351-352 d.C.

A revolta judaica contra Constâncio Galo é datada de 351-352, e não de 350. Galo tornou-se César em março de 351; Ursicino arrasou Diocesareia (Séforis) e devastou Tiberíades e Lida.

Adjacente, não exato. Nada específico é atestado no próprio ano 350 d.C., e a aritmética não depende de nenhum acontecimento naquele ano. Veja o Capítulo 7.

O Knesset declara Jerusalém a capital — este livro usa 23 de janeiro de 1950. Alternativas: mudança em dezembro de 1949.

Confirmado: a votação foi de 60 a 2 em 23 de janeiro de 1950. Ben-Gurion havia anunciado a proposta ao Knesset em 5 e 13 de dezembro de 1949, após a votação da ONU de 9 de dezembro pela internacionalização da cidade.

Sólido. A objeção de 1948 — $1948 + 80 = 2028$ — é levantada e respondida no Capítulo 9, onde a grade completa de combinações plausíveis é impressa.

Ataque do Hamas — este livro usa 7 de outubro de 2023. Alternativas: —.

Sábado, 7 de outubro de 2023, Shemini Atzeret. Exatamente sete anos antes de 7 de outubro de 2030.

Sólido.